3 1761 07046805 3

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/novaspoesiasprec00xavi

NOVAS POESIAS

POESIAS COMPLETAS

DE

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

3 vol. 3$000 reis

POESIAS

1 vol. 1$000 reis

NOVAS POESIAS

Precedidas d'um juizo critico de Camillo Castello Branco

1 vol. 1$000 reis

POESIAS POSTHUMAS

1 vol. 1$000 reis

NOVAS POESIAS

DE

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

PRECEDIDAS D'UM JUIZO CRITICO

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Livraria Contemporanea
DE
FARO & LINO
Rio de Janeiro
—
1881

PQ
9261
X44A17
1881

Porto: 1881 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

CARTA

Meu prezado Novaes.

Começo protestando contra o frontispicio do teu livro.

Annuncia-se alli um juizo critico de minha lavra.

Juizo critico! D'uma assentada um substantivo e um adjectivo qual d'elles mais ambicioso!

Critica e *juizo*, os dous attributos mais sublimes do entendimento humano, promettidos assim, Faustino, com um desplante, com uma sem-ceremonia, com uma pedantaria capaz de invocar a minha nomeada n'este meu mundo das letras magras, onde não ha *juizo* nem *critica!*

Declaro a ti e á Europa que nunca me passou pela idéa escrever uma chorumenta e condimentosa analyse dos teus versos. Nunca andei forrageando nas searas estrangeiras um cabaz de sentenças em latim (oh! em latim!) para convencer-te de que ha excellentes cousas escriptas em latim. Menos ainda me preveni com um estirado exordio, prenhe de philosophias e physiologias e estheticas e plasticas, e não sei que outros recheios indigestos com que por ahi se costuma empapar o magro perú. Aqui *perú* é synonymo de critica. Vê tu que mal encabeçada vai já a carta!

Vão agora berrar contra mim os bôrras da critica, os cozinheiros de empadões litterarios, que travam áquelle ranço allemão, tão ingrato aos paladares caprichosos dos teus e dos meus leitores, que querem a iguaria acirrante, leve ao estomago intellectual, e digna de se esquecer uma hora depois.

Eu desadoro tudo que me trava a uma certa riqueza pobre, esterilidade fecunda, que não vem a ponto de nada.

Por exemplo: um critico de polpa, um pensador... (Deus

nos livre de pensadores que se consomem, e nos consomem, para ensinar á gente que o espirito de 1758 não é o espirito de 1858!) um pensador sorna abre o teu livro, e sente o *ecce Deus* (latim!) que lhe manda escrever uma critica.

Qualquer dos teus livros póde ser analysado n'um quarto de papel, porque a phrase que louva, e a phrase que censura, é uma só, e escreve-se depressa. O analysta escusa armazenar uma encyclopedia para ajuizar d'uns versos.

O critico, porém, prepara-se para a empresa como o jesuita Sanches para os in-folios *De matrimonio*.

Só de exordio dez capitulos.

Os dous primeiros são um mytho. Terceiro e quarto são uma analyse do entendimento humano antes do diluvio. Quinto e sexto a historia do espirito humano desde Homero até á idade média. O setimo é a poesia nas suas correlações com o genero humano. Oitavo, o confronto do classicismo e do romanticismo. O nono, a analyse do espiritualismo que actua na poesia do seculo XIX. O decimo é uma tentativa prophetica dos destinos da poesia.

O undecimo devia tratar de ti e dos teus versos; mas o critico, aturdido pelas commoções da pythonissa, cahiu n'uma lethargia que o poz ás portas da morte... do senso-commum.

Foi uma felicidade, quando não, as trivialidades, os epithetos obrigados, os lugares-communs, os vagos reparos, as censuras sem doutrina, as doutrinas sem applicação, os encarecimentos requentados, o mais comesinho dos gabos ou das reprehensões, tudo isso vinha sem ordem para ahi n'um magro artigo,

simulando as barbatanas d'aquelle monstro do mestre dos Pisões, que disse:

> ..... *Geme a montanha,*
> *E veremos surdir mofino rato.*

Era isto o que tu querias de mim?

Ainda me não estreei, nem sequer me afoutei a ensaios n'este supremo esforço da cabeça humana.

Ha oito annos que te vi entrar no inferno das letras: já eu cá estava, quando vieste todo encolhido, e como que arrependido de haver pactuado com o demonio a troca d'uma perspectiva de commendador pelo alvará de poeta satyrico, que te fôra lavrado por Nicolau Tolentino, secretario perpetuo da academia infernal, onde fôras proposto socio pelo inimigo do deão de Evora, que está no céo (o deão) e mais o seu hyssope.

Quando te vi assim tranzido de susto, balbuciando a medo as primeiras imprecações satanicas contra os barões, e algumas até contra o genero humano, cuidei em te animar com não sei que ameigadoras esperanças de conseguires um dia o teu resgate, como S. Gil de Santarem.

Este S. Gil era um bruxo, que comprára a preço de sua alma philtros com que enfeitiçava as moças.

Tu, peor que o santo do Riba-Tejo, embruxavas as moças com certos versos que nunca publicaste, e atenazavas as velhas arreitadas com a galhofenta satyra, e punhas causticos nos peitos dos velhos opilados de coração, e obrigavas a fallar as ba-

ronezas menos correctamente que o Casti fizera fallar as tartarugas, e enfiavas a cabeça dos condignos maridos, afóra as orelhas — que isso não eras tu capaz de encarapuçar — em barretes com o nome da victima, e demais a mais com um fartum a raposinho que não podia falhar.

Eras o diabo!

Eu meditei então seriamente no futuro da tua alma; e, a fallar-te verdade, tambem me deu que temer o futuro do teu corpo.

No tocante á alma, porção nobilissima do poeta, — e, se Aristoteles não mente, o unico que a possue de bom tamanho, — essa, meu Faustino, cuidei sempre que virias a redimil-a das prêsas de Satanaz, quando a providencia dos alarves se enganasse uma vez comtigo, e te propiciasse um capital, que, a juro de seis por cento, te rendesse o custeio d'uma carruagem, de assignatura de camarote, de algumas locaes assopradas nas gazetas a respeito de um jantar, d'um baile, de uma esmola, etc. Bestificado pelos seis por cento, estavas reconciliado com Deus e com os homens, e podias contar com aquella *bemaventurança dos tolos*, de que reza Milton: *The paradise of fools*.

Ora, o corpo, meu amigo, o teu corpo de poeta, supposto que tens bellos e penetrantes olhos, não era melhor corpo que o do cego Homero, que

Tinha os thesouros de Apollo
E esmola aos homens pedia.

Das impertinencias d'aquelle apparelho digestivo que a na-

tureza deu ao poeta, por caçoada, tinha eu muito que discorrer, se viesse a ponto escrever aqui um libello contra o fabrico do poeta. Ha um sensivel desarranjo no amanho d'esta infeliz creatura, exilada n'um globo onde a *Arte de cozinha* de Domingos Rodrigues tem quatro edições, ao passo que ainda se não exhauriu a segunda das poesias de Nicolau Tolentino.

Isto é significativo, e atrozmente veridico!

O poeta devia brotar em alfombras de verdura, espontaneo como as florinhas do monte. A aura da tarde, e o orvalho da manhã deviam filtrar-lhe o ar e o succo da vida, não pelo esophago, nem pela trachea, mas sim pelos espiraculos da inspiração, pelos orificios absorventes da sua folhagem, admittindo que o poeta fosse folhudo como os arbustos das regiões orientaes.

Então, sim.

As almas de eleição andariam sobranceiras a este tremedal em que Lamartine pede uma esmola á França, em que os bons filhos da patria (da patria! que velharia!) vão, como tu, meu amigo, lavrar o pão da vida em torrão estranho, debaixo de outro sol, onde os suores são mais encalmados, e os desfiladeiros para a sepultura mais escorregadios.

Nada de melancolias!

Tornemos ao corpo, ao supplemento funesto do espirito, que tão arriscado trouxeste por cá, e tão milagrosamente salvaste do couce d'estes egoariços, que tu arraçoavas todos os dias com a maquia de fava que se lhes entalava nos gorgomilos.

Appareceste a horas. Eras o esperado dos opprimidos quando fizeste estourar os primeiros estalos do teu látego. Fui eu o primeiro a annunciar a tua vinda aos pagãos. Disse-lhes em prosa que se convertessem ao senso commum: préguei-lhes a necessidade de aprenderem a lêr, como estudo preparatorio para entenderem o *Compendio de civilidade,* para entenderem o tratado dos deveres sociaes, para entenderem a *Cartilha* do padre Ignacio, onde se acham as bases da jurisprudencia evangelica em que se falla no fundo da agulha e no camêlo, onde se falla em tudo, menos na estupidez casada com a riqueza, porque o Redemptor do mundo só muito depois deliberou enriquecer o estupido para lhe provar o nenhum caso que elle fazia das riquezas.

Clamei no deserto.

Fui procurar-te ao fundo da tua gruta, onde te refazias de bravura moral para a tremenda cruzada, e disse-te: «Castiga-os».

Era bello vêr-te em pé diante de uma sociedade cancerosa até ás medullas, tu, artista, tu, operario, tu, dependente dos caprichos d'um vulgacho insolente, era bello vêr-te, superior a ti mesmo, empuxado por impulsão estranha, cujo alcance nem tu mesmo antevias, sarjar fundo por estas carnes pôdres, chorriscal-as com o cauterio da mofa, afogar o rugido dos lazarentos com a gargalhada publica!

Foi então que eu receei muito pelo teu corpo.

Olhei em redor de ti, e não vi os marquezes que abroquelavam o Tolentino das sanhas da gentalha; não vi o anteparo real que defendeu Molière das iras dos marquezes; não vi a tua al-

gibeira recheada da munificente esmola do throno que facultava o escarneo inexoravel de Boileau.

Vi-te sósinho, Novaes, e algum raro amigo de ti, e do teu talento, acoroçoando-te com os gabos da imprensa, furtando-te á meditação do risco em que te punha o estro indomavel, no meio de uma gente que te encarava a medo, e te fugia com rancor.

Como foi que a fidalguia d'estes reinos te não contundiu os lombos com o cabo da enxada, herdada dos avoengos?

Não sei.

É certo que até á data d'esta o teu corpo atravessa incolume por entre as feras, como qualquer dos meninos do Lago dos Leões, e a tua alma multiplica-se em robustez, em coragem, em ardimento, em petulancia contra os filhos mestiços da felicidade e da asneira.

Sinto isto, acabando de examinar as provas do teu segundo volume de versos.

Eis-aqui as minhas impressões como a reminiscencia m'as vai dictando:

O teu primeiro volume era uma galeria de retratos tirados de perfil, a furto e de passagem, á maneira que os originaes te acotovelavam nas praças, nos botiquins e nos salões. O debuxo era rapido, como as aquarellas, caprichoso como os contornos de Grandville; mas a caricatura filava o bode expiatorio pelas orelhas, e trazia-o á exposição da hilaridade.

Muitas vezes descuravas a elegancia do metro para não arrebicar de enfeites o que era, de natural, feio e suja nudez. Ou-

tras, desgarravas do trilho de teu mestre Tolentino, lamentando que os holocaustos irrisorios d'este tempo não tivessem aquelle porte magestoso que ainda tinham os do seculo do professor de rhetorica.

Tinhas razão, meu poeta.

O teu auditorio era o povo, o povo inculto, o povo que satyrisa com um gesto zombeteiro, e fareja os «ridiculos» com aquelle fino olfato do selvagem só affeito aos aromas náturaes das suas selvas.

Se o povo te não entendesse, se o povo não batesse as palmas, se o povo não soltasse a estralada do riso, como castigarias tu a ralé engravatada? Se andasses com a satyra da forja para a lima, e da lima para a forja, até sahires a lume com as trabalhadas trovas d'um engenho retorcido mil vezes, com que gente contarias que gritasse «rabo leva!» aos teus heroes de entrudo?

Quando muito, serias encomiado por meia duzia de litteratos a quem désses o livro, e esmorecerias de animo e de vontade quando visses o barão cada vez mais parvo e o teu livro cada vez mais pulverisado no lote do livreiro.

Escreveste como devias, e hoje escreves como deves.

Ensinaste o povo a entender-te a satyra desacurada da polidez tolentiniana; o povo te entenderá agora a satyra mais esmerada, mais tersa, mais estudada e, deixa-me assim dizer, mais fidalga.

O teu segundo livro é um progresso.

Pegaste dos mesmos sandeus e albardastel-os mais secios.

Em vez do cabresto panelleiro, afivelaste-lhes cabeçadas de verniz.

Estão bonitos assim.

O paladar mais pechoso ha de sentir o travo d'este novo fricassé. O esmerilhador de locuções compactas, o amador do epitheto frizante, o impertinente que desdenha do verso sem philosophia, o mal-affeito, que afere a satyra no contraste de Diniz e Bocage, ha de contentar-se do teu livro.

Vê-se que caldeavas repetidas vezes a idéa, porque o teu defeito, d'antes, era adoptar o primeiro adjectivo que te occorria.

A sciencia do adjectivo é o mais relevante dote do escriptor elegante.

Deixa lá dizer que o mais proprio é o primeiro que lembra. Não é assim. As quintilhas de Tolentino eram martelladas fatigosamente. Repara n'ellas e verás o brilho do buril incansavel no epitheto. Achas ás vezes tres idéas n'um verso, em que cincas, para examinar tres imagens.

Recorda isto:

Alto topéte, prenhe de polvilhos
Que descalço gallego deu fiados;
De quebrados tafues, vadios filhos... etc.

. . . . . .

Hum quer vêr, enfronhado em picarias
Silvada testa no andaluz ginete;
Outro prova no chão a ponta fria
Do luzidio, virginal florete... etc.

É sempre assim: um verso para cada exemplo, no primeiro poeta satyrico de Portugal, e estou por um triz a dizer — do mundo.

Queres confrontar-te com o author d'*A Funcção?*

Revê-te nas quintilhas da tua resposta a *Manoel Côco*. É aquella a escóla do teu mestre, e a indole genuina d'este portuguezissimo metro: ligeireza, conceito e epithetos que lavrem fundo o relevo da cousa adjectivada.

Não sei se lêste, se adivinhaste muito em dous annos. Se meditaste Ferreira, Bernardes e Camões hauriste d'esses mananciaes o mais selecto, e o menos aproveitado pelos metrificadores modernos. Aposto que tinhas degenerado do teu natural, se andasses enfronhado em francezias de Hugo e de Musset? Desluzia-se-te essa indole toda portugueza e lhana que tão raros resguardam do coito damnado do estrangeirismo. Escrevias lamurias, isso é verdade, d'essas que os Heraclitos denominam a vera poesia; mas, palavra d'honra, eu não te lia, nem te lia ninguem que se ache de sobejo apouquentado com os desgostos proprios.

A poesia das elevações, dos extasis, dos arrobamentos é individual de mais para captar o interesse de muitos. Os poetas abstractos, os psychologicos, os orientalistas são excellentes creaturas, são talvez os que mais convisinham com os espiritos; mas, que queres tu, Novaes? para quatro d'esses poetas não ha quatro interpretes: a gente sobe com elles um pouco; e, á maneira que os sublimes aereonautas se engolfam nas nuvens, vem a gente cahindo como a arêa despejada dos saccos do balão.

Terra-a-terra, é o que se quer agora, em que está provado que a lua, a casta lua, não dá trela a poetas, nem arrisca a sua virgindade a troco de algumas trovas puxadas da alma.

Vivamos cá em baixo como toda a gente, guardadas as devidas distancias. Anda-me por lá com as satyras, assim escriptas, assim amolduradas pelas do grande mestre.

Dize ao seculo XXII o que era esta gente, que eu faço por cá em prosa um arremedo da tua poesia.

Se disserem que havemos de assistir aos funeraes da nossa reputação, deixa fallar os despeitados e os tolos illuminados.

Antes de assistirmos aos responsorios funebres que nos agouram os praguentos, havemos de enterrar muito lorpa, se Deus quizer.

Adeus, meu caro Novaes. Dize aos nossos irmãos de além-mar que tracem o JUIZO CRITICO que vai no frontispicio do livro, e que não acoimem de impertinencia escrever-te em letra redonda o teu

velho amigo

Porto 10 de setembro
de 1858.

Camillo Castello-Branco.

PRETENSÕES

Eu suspeito, que a gente de algum dia
Recusava metter-se na Poesia,
Julgando que o entrar em tal empreza
Pendia de uma certa natureza,
Que se dava em rarissimos sujeitos.
Velhice! os nossos cá vão mais direitos;
Não olham se ha, ou não, veia discreta,
Quem lhe deu na cabeça foi poeta.

MIGUEL DO COUTO GUERREIRO.

Quero tambem ser poeta,
Bem pouco, ou nada, me importa
Se a minha veia é discreta,
Se a via que sigo é torta:
Depois de ter dito — «quero» —
Sou Alexandre, no fogo,
Contra os criticos sou Nero,
Tente, embora, o mais austero
Suffocar-me o desafogo;
Se hei de ser segundo Homero,
Se hei de ser outro Virgilio,

Lá no futuro, um concilio
Dará decisão: — famosa,
Se os versos que fazer tento
Não forem rasteira prosa!

Mas eu quero — e n'um momento,
Se não sei pulsar a lyra,
Lanço hoje mão da bandurra.
— Se o Pegaso se retira,
Eu monto na minha burra,
Que, por ser femea, me inspira!
E assim, com todo o espavento,
Dou entrada no Parnaso,
Direito como um sargento,
Sendo inda soldado raso;
Mas não faça o povo caso,
Deixe andar o disparate,
Que eu dou vivas á poesia,
Porque é moda, hoje, o ser vate,
E eu sigo a moda do dia,
Sem me importar a massada
Do critico impertinente,
Que, de venta arreganhada,
Vai mordendo em toda a gente!

Que me chamem parvo ou tolo,
Ou bruto pretencioso,

Não me dá isso cuidado,
Porque não sou cuidadoso;
Nem temo que, em resultado,
Me dê voltas o miolo,
Quando alguem de mim se ria:
— O que fôr envergonhado
Não deve dar-se á poesia!

Não vêmos nós quem, por vicio,
Faça, oppondo guerra a tantos,
Movendo muito bulicio,
Poemas em muitos cantos?
O poeta é baptisado
Com diffamante appellido;
Mas que tem ser caçoado
Em quanto o livro é vendido?
E que importa que alguem visse
Em tal obra uma pedrada
Nas bochechas do bom senso?
A gente que assim o disse,
Talvez d'inveja ralada,
Não fôra, segundo eu penso,
Por obra bem acabada
Capaz de dar o seu *pinto:*
— É certo — digo-o com magua —
Que ha pateta que bebe agua,
Lava os pés com vinho tinto,

E suppõe que tem juizo.
Como esse que, d'improviso,
Se faz grande heroe na asneira,
E, sendo um pobre pateta,
Ganha, por esta maneira,
O bom nome de *poeta!*

Embora um vate canhoto
Dos loucos augmente a lista,
Seja cysne ou gafanhoto,
Não encontra quem resista
Dos seus versos á leitura,
Que diverte, inda que é dura!
Chamam-lhe grande maluco,
E o ratão não dá cavaco;
Dizem que, no canto, é cuco,
E o *cysne* faz-se macaco,
E assim vai tirando succo
Da cheia têta da asneira!
Além d'esta piolheira
De tolos de grande vulto,
Muitos tolos inda temos,
A que os tolos prestam culto,
Porque a si se não conhecem;
E é por isso que nós vemos
Que, em toda a parte, apparecem
Poetas improvisados:

— Ou no jornal, ou no outeiro,
Uns aos outros encostados,
Com pasmo do mundo inteiro,
Ao Parnaso vão trepando,
E, inda que vão mascarados,
Mal, ou bem, lá vão entrando;
E ha cabeças sem miolo,
Ha muitos corpos sem almas,
Que se, em verso, falla um tolo,
Dão logo bravos e palmas!

Esta certeza me anima
A lançar mão do badalo;
— Badalando ao som da rima,
Se não fôr cysne, sou gallo;
— Cantarei á meia noite,
Aos vates hora propicia;
— Como não vem fero açoite
Castigar essa estulticia,
Livremente desabafo,
Sem dar ao resto importancia;
Que, só para me vêr safo
D'esta negra obscuridade,
Saberei ter a constancia
De alarmar uma cidade
Contra os meus muitos escriptos,
Como se eu fôra uma empada,

E os meus criticos mosquitos,
Todos com fome damnada:
— A coragem é precisa
Ao vate, como ao guerreiro;
A este para ter gloria,
A aquelle, se arma ao dinheiro,
Por não andar sem camisa!
A satyra é uma historia,
E historia da carochinha;
Quem da satyra faz caso
Na miseria se definha!
— N'este ardor em que me abraso,
Eu já digo á fama: — «és minha!»

Darei cantos ás donzellas,
Ás viuvas darei cantos,
Ás velhas chamarei bellas,
Aos diabos chamarei santos:
Cantarei mimosas flores,
Cantarei urze e carqueja,
Cantarei doces amores,
Causando aos vates inveja:
E gastando em cada canto
Meia pipa de ternura,
Conceder-me-hão, com espanto,
Ou grande engenho, ou loucura!

A Patria, velha e cançada,
Ha de, tambem, dar-me assumpto,
De versos para a fornada,
Mais gorda que um caldo d'unto,
Mais viçosa que salada!
E quando o povo, inflammado,
Der vivas ao grande vate,
— O povo que, de seu lado,
Divinisa o disparate,
Só por vêl-o acompanhado
De parvo, longo cortejo —
N'esse instante afortunado
É cumprido o meu desejo.
= Quando digo que é *cumprido,*
Cumpriu-se — digo sómente;
Não digo que — *não é curto,*
Como lerá certa gente,
Que tendo, embora, entendido,
Ao bom senso faz um furto,
Por ferrar, depois, o dente. =

Então farei, como é justo,
A todos mil comprimentos,
Que é só assim que, sem custo,
Podem pagar os *talentos;*
É certo que, se o dinheiro
Abre ao inferno o caminho,

Quem tem de vate a mania,
Morrendo como um carneiro,
Vai para o céo direitinho;
E, tambem, erro seria
Não subir ao céo rotundo,
Quem, no fogo da poesia,
Teve o inferno n'este mundo:
— Inferno de desalentos,
De torturas incessantes,
De fartura de tormentos,
De fome de consoantes,
De mordeduras nas costas,
De incenso pôdre nas ventas,
De aviltadoras propostas,
De muitas cousas nojentas,
De paixões mal empregadas,
De attribuidas asneiras,
De illusões aniquiladas,
De... cotão nas algibeiras.

SONHO

SONETO

Era alta noite, e, livre de cuidados,
Entre lençoes grosseiros, eu sonhava
Que um parente morrera, e me deixava
A herança de seiscentos mil cruzados!

Já buscavam servir-me cem criados,
Já da terra a nobreza me cercava,
Já cada qual um dote me encontrava,
Viam todos em mim mil predicados!

Jurei, curvado ás leis da natureza,
Crear dous hospitaes, um lazareto,
E de mim separar toda a grandeza:

Acordei!... mas não falto ao que prometto;
Disponha quem quizer d'essa riqueza:
— O sonho não deu mais que este soneto!

EPIGRAMMA

Uma criança innocente
A um padre « papá » chamava,
E a mãi — do marido ausente —
Com a criança ralhava:

Castiga o marido, um dia,
Do innocente a singeleza,
E brada o padre, que o via:
« Deixe obrar a natureza! »

BOAS FESTAS

SONETO

> Recebe este voto amigo,
> Que eu, fiel ao uso antigo,
> Quiz trazer-te n'este dia,
> Em poucos versos singelos.
> Qualquer os fará mais bellos,
> Ninguem tão d'alma os faria.
>
> GARRETT — *Folhas cahidas.*

Boas festas vou dar-te, caro amigo,
Sem nada te enviar, que dês ao dente;
E bem sei que uso foi d'antiga gente
N'este dia levar mimos comsigo.

Eu mais tarde nasci; mas se commigo
O *methodo* não trouxe, hoje vigente,
Não posso, desprezando *uso* presente,
Generoso, seguir costume antigo:

Os, da fortuna, bens que eu desejava,
E meus podiam ser, vejo-os dispersos
Por mãos que, n'outro tempo, a lei cortava...

Fiquemos ambos, pois, em magua immersos:
— Eu, por não poder dar-te o que então dava,
Tu, porque mais não tens, nem comes versos.

PORQUE SERÁ?

Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

BOCAGE — *Fabulas.*

Porque será que os poetas,
Se não todos, grande parte,
Só fazem versos por arte,
Com lamurias indiscretas?
— É porque são uns patetas,
Sem instrucção, nem talento;
E como do sentimento
Dizem que nasce a poesia,
Porque elle os não auxilia,
Recorrem ao fingimento.

Porque será que os doutores,
Á cabeceira do enfermo,
Discursos fazem sem termo,
Com termos atroadores?
— É porque são impostores,

Porque a sciencia é impostura;
E é mister que a creatura,
Que os chama, nunca os entenda,
Do contrario foge a renda,
Morre a fama, antes da cura.

Porque será que as gazetas,
Tendo espias vigilantes,
Só dão aos seus assignantes,
A engulir, douradas pêtas?
— É porque são taboletas
Onde illude a falsidade,
E, se occultando a verdade,
Lucra sempre o lisonjeiro,
Mentindo, ganham dinheiro,
Em nome da liberdade.

Porque será que valente,
Em tempo de paz, se mostra
O militar, que se prostra
Quando o inimigo pressente?
— Porque em rapido incidente
Póde affectar desafogo,
Sem nada arriscar no jogo,
Que, em vez de fogo, dá fumo;
E as balas, que andam sem rumo,
Em vez de fumo, teem fogo.

Porque será que os *taludos,*
Do commercio na carreira,
Sempre são na maroteira
Mais felizes que os *miudos?*
—Porque passam por sisudos
Entre os mais negociantes,
Que, suppondo-os importantes,
Dão mais e seguram menos,
E só temem dos pequenos,
Que sempre julgam tratantes.

Porque será que ao governo
Subindo, os ambiciosos,
De projectos fabulosos
Teem sempre cheio o caderno?
—Porque um sentimento interno
Ao dólo, á fraude os instiga;
E como tarde os castiga
Negra pagina da historia,
Teem o dinheiro por gloria,
Tendo por patria a barriga.

Porque será que os juizes
Jogam com um pau de dous bicos,
Dando liberdade aos ricos,
Condemnando os infelizes?
—É porque andam de narizes,

Sempre ás ordens da opulencia;
E, como é surda a consciencia
Aos brados da natureza,
Não consentem que á pobreza
Possa andar junta a innocencia.

Porque será que opulentos,
Da terra no pó creados,
Tendo thesouros guardados,
Criam fama d'avarentos?
— Porque, de merito isentos,
Sem terem n'alma a nobreza,
Devendo tudo á riqueza,
Por quem são engrandecidos,
Julgam cinco reis perdidos
Um desfalque na grandeza.

Porque será que homens pobres,
Na juventude ciganos,
No espaço de poucos annos
Se tornam ricos e nobres?
— É porque sabem que os cobres
Os gozos dão, e os aceios;
E, de negra ambição cheios,
D'honra e brio separados,
Aos fins caminham, ousados,
Sem ter escolha nos meios.

Porque será que morgados,
Com fumaças de fidalgos,
Em vez de livros teem galgos,
Em vez d'honra, antepassados?
— Porque no monte creados,
Longe da sciencia e d'arte,
Sujeitando, a bacamarte,
Os brutos aos seus caprichos,
Porque são reis entre os bichos,
Cuidam sêl-o em toda a parte.

Porque será que os alvares,
D'aqui longe enriquecidos,
Á patria restituidos,
Pretendem ser titulares?
— É porque temem desares,
Quando alguem por nome os chame;
E querem, contra o vexame
D'um passado escandaloso,
Oppôr um titulo *honroso,*
Que escureça um nome infame.

Porque será que os soldados,
Na educação tarimbeiros,
São na revolta os primeiros,
Sendo, ás vezes, pouco ousados?
— É porque são premiados,

Seguindo quem os commanda,
E, assim, vencem a demanda,
Sem serem ás leis sujeitos,
Quando, se andassem direitos,
Nunca andariam *de banda.*

Porque será que rapazes,
A quem só aponta o buço,
Namoram, já, sem rebuço,
E são de tudo capazes?
— Porque os paes, poucos sagazes,
Chamando ao vicio energia,
Não dão aos filhos um guia,
Vendo-os da vida na aurora,
Porque não pensam, agora,
Que levam couce, algum dia.

Porque será que janotas,
Sem riqueza, e sem officio,
Fazem continuo exercicio
Com *reis, valetes,* e *sotas?*
— Porque, no mais, idiotas,
Teem da má sorte receio;
E porque o mundo está cheio
De vicios, em toda a gente,
Julgam commodo, e decente,
Viver do suor alheio.

Porque será que alguns padres,
Sendo heroes na hypocrisia,
Teem, em cada freguezia
Uma porção de comadres?
— É porque, sendo compadres,
Podem, qual rato em celleiro,
Mettendo, com modo arteiro,
Na casa alheia o focinho,
Levar agua ao seu moinho,
Sem pagar ao aguadeiro...

Porque será que estudantes,
Sem talento, e preguiçosos,
Ganham titulos honrosos,
E elogios retumbantes?
— É porque são uns pedantes,
Com dinheiro na algibeira;
E conhecendo a maneira
Como se brilha entre a gente,
Julgam que é sufficiente
Serem formados... na asneira.

Porque será que as senhoras
Que da fortuna dependem,
Cheias d'enfeites, pretendem
Tornar-se mais seductoras?
— É porque são peccadoras,

Aborrecem a pobreza,
E, suppondo que a belleza
A attencção dos homens chama,
Enchem d'algodão em rama
As falhas da natureza.

Porque será que as meninas,
Que tres romances teem lido,
Fazem já grande alarido,
Pretendem passar por finas?
— É porque umas disciplinas
Na mão do pai não teem uso;
E a mãi, consentindo o abuso,
No que estava ao seu alcance,
Nas mãos, em vez do romance,
Lhes não mette a roca e o fuso.

Porque será que as matronas
Velhas, mas pretenciosas,
Ralham das moças formosas,
A quem chamam « toleironas »?
— É porque, inda folgazonas,
Sentem da belleza inveja;
E, vencidas na peleja,
Rodeando uma donzella,
Sabem que, alli é tão bella
Como a flôr entre a carqueja.

*

Porque será que a miseria,
Propria, aqui mostrar não venho,
Se, n'outros, mostro a que tenho,
De fórma tão pouco séria?
— Porque intento dar materia
Ao escriptor leviano,
Para que seja inhumano,
Como eu sou, e são diversos: —
Leiam, antes d'estes versos,
Dous versos do grande *Elmano*.

EPIGRAMMA

Um mancebo, exaltando a qualidade
De filho d'um barão, por lisonjeira,
Não lhe importa o saber toda a cidade
Que morreu sua mãi, velha, e solteira.

NOBREZA

SONETO

.....
E mostra com a mão avara
Os ossos de dez narizes
Que seu quinto avô cortára.
N. TOLENTINO.

Dom Vicencio d'Alfama é um pateta,
E os vicios todos tem, mais depravados;
Mas sustenta que os seus antepassados
Tocavam, d'honra e do saber, a meta:

Seu pai, que era fidalgo, foi poeta,
Sobrinho de dous nobres magistrados;
Seu avô era grande entre os letrados,
Foi santa sua avó, sendo discreta.

Seu bisavô paterno, Dom Gonçalo,
Quando, cheio de galas, vinha á praça,
Em cada cidadão tinha um vassallo:

E se nobreza tanta, assim, se enlaça,
É Dom Vicencio igual ao meu cavallo,
Que bom preço requer, se é boa a raça.

DIALOGO

ENTRE UM JANOTA, E UMA VELHA BARONEZA

(RECITADO NO THEATRO DE S. JOÃO, NO PORTO)

(A scena é passada em uma sala, decentemente adornada, em casa da baroneza)

Janota

Innocente passarinho
Que esvoaça, a doidejar,
Desce lá d'alto raminho,
E na espiga vem picar:
A espiga, presa á forquilha,
Faz desprender-se a armadilha,
Lá cahe por terra o alçapão:
Fica o passaro pilhado,
Vem o garoto, amestrado,
Ergue... zás... lança-lhe a mão!

Julguem — mesmo sem cantiga —
Que um lindo passaro eu sou:
Uma dama faz d'espiga,
Que o desejo me excitou;
Alçapão é esta sala,
Onde ella ha de vir á falla,
Porque assim o prometteu:
É completa a semelhança!
— Se entra um garoto na dança,
Faz de garoto o Hymeneu.

A coisa está percebida!...
Eu sustento-me só d'ar;
Mas quero mudar de vida,
Ella é rica... vou casar:
Que importa se é velha, ou feia?
Que seja uma centopeia,
Isso da questão não é:
Trata-se aqui da quantia,
Que tudo o mais, hoje em dia,
É remar contra a maré!

(Olhando para a porta)

Lá vem ella!... É pequenita,
Mas não deixa d'agradar!
Parece-me até bonita!
O dote faz-me encantar!

Além d'isso é baroneza...
Se ha pouco tem a nobreza
Respeita-a, como convém:
Ella que chega... prudencia...

Baroneza (*entrando, com modos muito pretenciosos*)

Eis-me ás ordens de *Vocencia,*
Para o servir... passou bem?...

Janota (*muito sobresaltado*)

Muito bem... muito obrigado...
Pois... senhora eu vinha aqui...

Baroneza

Ao que vem já foi fallado...

Janota (*no mesmo estado*)

Ah... sim... foi... eu bem ouvi...

Baroneza

Trata-se d'um casamento,
E vamos vêr, n'um momento,
Se deve fazer-se, ou não;
Vou fallar-lhe com franqueza [1]:

Janota

Oh! senhora baroneza,
Presto-lhe toda a attenção...

[1] Sentam-se.

Baroneza (*com desembaraço*)

Liberdade, não tem... vende-a comsigo...
O senhor, já se vê, casa commigo...

Janota (*cada vez mais perturbado*)

Ai... caso, sim, senhora... isso lá, caso...

Baroneza (*atalhando-o*)

E a casarmos é já, não quero prazo...
Mas ouça as condições:
Vou ao theatro,
Tenho carrinho, e ás vezes ando a quatro:
Aos bailes todos vou, danço a mazurka,
E até no Carnaval, vestida á Turca,
N'esses de *suscrição,* meu prazer busco;
E se lá me apparece algum patusco,
Dos que jogam chalaça, eu cavaqueio;
E não se ha de espantar... não quero freio:
É justo uma *fedalga* ter talento
E certo *esprito,* até... nem um momento,
Deve — se vem fallar-lhe um rapaz novo —
Ficar [1] como qualquer mulher do povo,
Sem ao menos *zombar* d'esses maganos:
Ora eu [2], que tenho já vinte e seis annos,
Sei o que me convém; — mas... ficar prêsa,

[1] Abrindo a bôcca
[2] Com orgulho.

Por ser casada, não... sou baroneza,
E ás *fedalgas* é dada a liberdade,
Ao menos, quando estão na minha idade.

Janota (*á parte*)

Os diabos te levem, velha tola!
E eu a aturar-te aqui!... Sou bem cebôla!

Baroneza

Dinheiro não lhe falta... ha cofre aberto.

Janota (*á parte*)

Não sou cebôla, não, sou muito esperto!...

Baroneza

Em nada ha de o senhor pôr-me embaraço...
Crear filhos é coisa que não faço!...

Janota (*á parte*)

Crear filhos, meu Deus!... Os teus castigos!
Esta sêcca figueira quer dar figos!

Baroneza (*atalhando-o*)

É coisa propria, só, de gentes pobres,
Que não devem fazer senhoras nobres;
Demais, a creação mata a belleza,
Eu sou bella, sou rica e baroneza,
Quero o mundo gozar; inda sou nova,

Não quero, em pouco tempo, ir para a cova...
Se tudo isto que ouviu julga prudente,
Tenho dito: — responda francamente [1].

Janota (*á parte, como quem está meditando*)

Nada... é tola de mais!... nem por dinheiro
Quero vir para aqui ser um sendeiro:
Já fiz um bom papel de patarata,
Mas vou-me desfazer d'esta cascata:
Vou fazêl-a zangar... será bonito
Ouvil-a aqui gritar, como um cabrito!

(*Alto*)

Pois, senhora, na verdade,
Não crear os filhos seus...
Isso é grande crueldade!
É mesmo offender a Deus!
Pois não vê que até os bichos
Sentem maternal amor?

Baroneza (*enfadada*)

Qual amor?!... Ora... caprichos
De plebeus, como o senhor!

Janota (*zombando*)

Pois ha de uma dama, bella...
Rica... nobre... titular...

[1] Levantam-se.

Ser menos que uma cadella...
Seus filhos abandonar!
Não ter uma baroneza
Ternura, que os bichos teem!...

Baroneza (*na mesma*)

Tolices da natureza
Não as respeita ninguem!
E, se a casar se dedica,
Olhe que assim não vai bem...
Porque eu... sou *fedalga*... e rica...
E o senhor... não tem vintem.

Janota (*á parte*)

Nada... nada... esta gaivota
É capaz de me bater.
E eu não sou tão idiota
Que me deixe escarnecer.

Baroneza (*muito agastada*)

Falle alto, senhor janota,
Que era o que estava a dizer?

Janota (*rindo*)

Nada... nada... vou-me embora...
Não tem mais que perdoar.

Baroneza (*fóra de si*)

Ponha-se já d'aqui fóra!
É soberbo e quer casar!
Não faltam noivos agora...
Sou rica... posso-os comprar.

Janota (*retirando-se*)

Commigo não fazes vasa...

(*Gritando*)

Pêga! Velha!

Baroneza (*allucinada*)

Sáia já!
Insultar-me, em minha casa! [1]
Oh patife! Espera lá!...

(*O janota corre para a porta, a baroneza segue-o, e cahe o pano*).

[1] Descalçando um sapato.

EPIGRAMMA

Porque se acha homisiado
Bento Antonio? — que receia?
— Porque tem fama d'honrado,
E teme ir para a cadeia.

SONETO

D'aqui bem se tira
Que amor, n'um momento
Transforma um amante,
Querendo, em jumento.

AUGUSTO LUSO.

N'uma escura viella, abandonada,
Onde era raro, ha muito, um passageiro,
N'uma noite chuvosa, de janeiro,
Aguardava um mancebo a sua amada;

Horas depois, em casa inda fechada
Alguem, que apenas faz rumor ligeiro,
Rasga o papel, que suppre um vidro inteiro,
Mette a cabeça, então, mas não diz nada!

Segue um longo silencio o movimento,
Grita, em fim, o rapaz, que se arrebata,
Ao vêr assim quebrado um juramento:

Ingrata! — o amante brada — e á voz de ingrata,
Dá expansão a triste ao sentimento,
Solta um berro d'amor... era uma gata!

AS CARAPUÇAS

O melhor remedio contra a satyra é o silencio.
RODRIGUES DE BASTOS.

Seja um sabio o fabricante,
Seja a fabrica mui rica,
Quem carapuças fabrica
Soffre um dissabor constante;
Obra prompta, vôa errante,
Feita avulso, e sem medida;
Mas no vôo suspendida,
Por qualquer que lhe appareça,
Lá lhe fica na cabeça,
'Té ás orelhas mettida.

De repente, magoado
Da carapuça maldita,
Qual possesso, o pobre grita
Contra o fabricante ousado!
Debalde o artista, coitado,

Já de receio convulso,
Quer provar que nobre impulso
O move, quando trabalha!
— A carapuça que talha
Ninguem crê ser feita avulso!

D'aqui nasce a inimizade,
De má lingua a negra fama,
E quando o *offendido* clama
Faz côro meia cidade!
Inda bem que outra metade
Do povo tem mais juizo;
E, dando prudente aviso
Contra a fraqueza, ao queixoso,
Ao artista dá, bondoso,
Em vez d'injurias, o riso!

Se a carapuça voando
Vai, sem ter certo o destino,
Pretende *sabujo* fino,
Á custa d'ella, ir lucrando;
Lança-lhe as unhas, e quando
Calva rica á mostra veja,
Por pé do calvo rasteja,
A carapuça lhe applica,
E brada: — « Oh! que mal lhe fica
« Esta obra feia, da inveja! »

Na carapuça mettido,
Que bem na bola se ageita,
A *nobre* intenção respeita
O pateta, agradecido!
Quem a pôz é protegido,
E do calvo a dextra aperta;
Ás vezes, de larga offerta
Faz, com tal arte a conquista,
Quando, innocente, o artista
Contra si tem guerra aberta!

Fujam todos d'essa lida,
Carapuças ninguem teça,
Que todas acham cabeça,
Inda feitas sem medida:
Quem quizer ter bella vida,
Bons amigos, e dinheiro,
Deixe esse officio bréjeiro,
Fuja d'elle, como eu fujo:
—Lucra mais o mau *sabujo*
Do que o bom *carapuceiro*.

*

SATYRA

Tu, só, tens duração, cruel verdade.
BOCAGE.

Satyras prestam, satyras são boas,
Quando n'ellas calumnia o fel não verte:
—Disse outr'ora um poeta, a quem a fama,
Sobre as azas, levou da gloria ao templo,
Sem fazer-lhe favor, porque era justo!

N'esse tempo, uma satyra picante,
Onde o vate lançasse o fel ás gotas,
E aos alqueires o sal appetitoso,
Fazia inda o rubor subir ás faces
D'aquelles que, ajustando a carapuça,
Apertada a sentiam na cabeça,
E, receando o audaz carapuceiro,
Ás torpezas, ao vicio um freio punham,
Já que enfrear o vate não podiam!

Em nosso tempo as satyras não prestam,
Bem que n'ellas calumnia o fel não verta;
Nem vertêl-o pudéra — que em tal caso
Foram, em vez de satyras, louvores! —
Já não prestam as satyras, que, apenas,
Ao satyrico, só, dão refrigerio,
Quando tem na garganta atravessado
Algum parvo *chatim*, que, as leis calcando,
Da infamia no caminho anda a galope,
Topando, por desgraça, a cada passo
Quem o faça parar, por dar-lhe a dextra,
— Que eu a tantos negára, d'esses muitos
A quem só liga apreço o servilismo!

Já não prestam as satyras pungentes,
Porque a infamia pungindo, o vicio e o crime,
Tres partes pungiriam d'este mundo,
E da quarta, talvez, inda a mais alta!

Já não prestam as satyras pungentes;
Porque o mundo zurzindo, quasi inteiro,
Indispõem contra si a maioria,
E bem poucos serão que, a fronte erguendo,
Inda possam jurar, d'orgulho cheios,
Que o seu nome ao poeta não lembrára,
No momento em que, audaz, pulsára a lyra!

Demais, os *figurões,* que são actores
Na comedia, sem fim, chamada «mundo»,
Ou lêr não sabem, ou se dão apenas
As tretas a estudar, que os elevaram;
E se algum, mais *esperto,* as horas gasta
Na leitura dos livros mais amenos,
É por vaidade, só, e quando um dia
Do que leu quer fallar, vem a sandice
Aos ouvintes mostrando que perdido
Todo esse tempo foi, que ás letras dera!

Se é possivel que um só, entre esses tantos,
O que leu entendesse — e será raro,
Como é raro em palheiro achar agulhas —
É bem certo que a satyra frisante
Subir lhe não fizera a côr ao rosto,
Que ao tempo exposto, ha muito, já não córa!
É certissima, então, a gargalhada,
Que um cynismo nojento, ousado, inspira;
E a cabeça em que serve a carapuça,
E tem por dentro, só, teias d'aranha,
De ôca vaidade, de philaucia cheia,
Mil invectivas contra o vate inventa,
Que, *d'inveja ralado,* o rico fere!

As damas censurar é vão trabalho,
Porque estupidas são, na maior parte [1],

Ou callejadas, já, não dão apreço
Do vate impertinente ás frioleiras;
E, em vez do *Aimé Martin*, que lhes é proprio,
Paul de Kock preferem, que lhes nutre
Ignobeis sentimentos, que já tinham;
Deixando-o, inda assim, se o *rei de copas*,
Sobre a mesa pousado, lhes promette,
Além da distracção, sordido lucro.

Os patetas zurzir, enfatuados,
Que, sem proprio valor, respeitos querem,
Porque um avô tiveram, respeitavel
Para gente melhor, em melhor tempo,
É, por certo, malhar em ferro frio,
Sem honra grangear, sem ter proveito;
Que não é honra o consagrar ao parvo
Os fructos, bons ou maus, da intelligencia,
Nem dá proveito o collocar ao lado
Dos homens de saber quem nasceu tolo!
E que vale, entre a gente, o patarata,
Que se diz filho de casado nobre,
Sem o nome dizer da mãi solteira,
Cuja reputação em praça arrasta,
Cuidando, sem pensar, que eleva a sua?
O tedio, e, quando muito, a gargalhada
Inspirar podem, só, esses patetas:
Deixal-os entreter com maus cavallos,

Que, por terem valor só pela raça,
Bem se podem chamar seus semelhantes [2]!

Dos *padrecas* ralhar, porque, esquecidos
D'essa honrosa missão que teem na terra,
Ao vicio entregues vivem, descarados,
Desagradando, assim, a Deus e aos homens,
É tarefa, tambem, que não dá gloria,
Nem util póde ser á sociedade,
Que, orgulhosa, os despreza em seu caminho,
Quanto, humilde, se curva aos que o merecem!

Satyras prestam, satyras são boas,
Quando n'ellas culumnia o fel não verte,
Disse o grande Bocage, em outras eras,
Quando eram os ladrões com ferro quente
Sobre as costas marcados; — mas agora,
Que, vistos com a bocca na botija,
Ou ficam taes, quaes são, ou são marcados
Sobre o peito, e por cima da casaca,
Bem pouco valor teem esses dois versos,
Mil vezes, por cem boccas, repetidos.

E se hoje, novo Lazaro, pudesse
Esse vate immortal sahir da campa,
Empunhára o chicote em vez da penna,
Ou deixára ficar penna e chicote,
Para ir viver melhor nos sertões d'Africa.

NOTAS

[1] Exceptuam-se as leitoras d'este livro.

[2] Esta idéa, já desenvolvida n'este livro (em um soneto), é aqui repetida, em obsequio áquelles que a elogiassem, lendo-a a primeira vez.

NECROLOGIO

(A UMA CAMARA MUNICIPAL, QUE O MERECEU)

A fim de que em absurdos não dispares,
Te mostro erros alheios a milhares.
Tomei este trabalho a teu respeito;
Se é util, para ti é o proveito;
Se inutil, para mim é o castigo,
Que o trabalhar em vão fica commigo.

M. DO C. GUERREIRO.

Cahistes, oh *cambaristas,*
D'esse fôfo pedestal,
Feito d'um montão de listas,
Por um povo irracional!
Choram mil *seringadores,*
Que, da asneira exploradores,
Não viam da mina o fim:
Não cabe o pranto em vasilha,
Chora, viuva, a gazetilha,
Orphão, chora o folhetim!

Sómente a canina raça
Alegre se ouve, a latir,
Pois não tem já quem lhe faça
Cruas *bolas* engulir [1];
E póde, na vossa ausencia,
Ostentar intelligencia,
Sem a inveja despertar;
Que, pelo povo apupados,
Deveis ser desenganados
Que sois uns sandeus sem par!

Se ao ninho, que abandonastes,
De lodo cheios, voltaes,
No municipio deixastes
Das patadas os signaes;
Cá nos ficam na memoria
Sandices, que nem a historia,
Por vergonha, archivará;
Mas no Porto envergonhado,
Para escarneo, recordado
O vosso tempo será!

Ide enterrar-vos, de novo,
Nas rimas do bacalhau,
E, embora vos chame o povo,
Não as deixeis, nem a pau;
E, em quanto houver quem o coma,

Perfumai-vos d'esse aroma,
Entre o qual vistes a luz;
O terço rezai, á noite,
E não exciteis o açoite,
Que a pó, aqui, vos reduz!

Não penseis que o vosso brio,
Entre o *ferro,* se offuscou;
— Que a *malhar em ferro frio*
Tambem eu agora estou: —
Se é certo que mais se sua,
Partindo o ferro, *na rua* [2],
Que em sessão, a legislar,
Vós, entre o *ferro* nascidos,
Suaes cá fóra, e, perdidos,
Ferrugem vindes crear!

No mostrador apoiados
Vendei agulhas, dedaes,
E do balcão separados
Não queiraes ser, nunca mais;
Camapheus na intelligencia,
A vossa unica sciencia
Seja o — *deve* e *ha de haver* —
Que, embora, sejaes penedos,
Tal *sciencia* tem segredos
Que ajudam a enriquecer!

Convencei-vos que o dinheiro
Tem bem triste applicação,
Quando transforma um sendeiro
Em camarista, ou barão;
Que o barão e o camarista
No balcão, não dão na vista,
Nem mostram estupidez;
E em danças altas mettidos,
São pelos outros zurzidos,
Trinta vezes cada mez!

Cavai lá na vossa vinha,
Que, precisos, cá, não sois;
Que essa manada mesquinha
(São exceptuados dois)
Figurar nunca mais queira!
Vereis que, d'essa maneira,
Tereis boa opinião,
Não soffrereis crua guerra:
— Tão leve vos seja a terra,
Como as cabeças vos são!

NOTAS

[1] Allude-se a umas bolas de veneno que os zeladores municipaes lançavam, por ordem superior, a todos os cães que encontrassem pelas ruas, quer fossem vadios, quer trouxessem em volta do pescoço, gravado em folha de flandres, o attestado de boa vida e bons costumes.

Os maldizentes, que os ha aqui, como em toda a parte, não se pejaram d'attribuir esta *providencia* da finada camara, a ciumes, por causa de certas questões sobre primazias intellectuaes! Asneiras!

[2] Um dos vereadores d'esta camara, composta, pela maior parte, d'homens que nunca se lembraram, no seu tempo, de chegarem a ser *Cambaristas*, tinha uma loja de ferragem em uma das ruas mais publicas da cidade, onde partia o ferro, com grave incommodo do respeitavel publico, esmagando, simultaneamente, com grandes martelladas, um artigo das *Posturas Municipaes*, que assignára, e prohibia expressamente esse abuso.

E viva a liberdade!

SAUDAÇÃO

(A UM PADRE, POETA)

> Vá prégar aos Hereges, e Gentios,
> Que o premio lhe darão do seu trabalho!
>
> ANTONIO DINIZ — *Hyssope*, cant. v.

Bem vindo sejas tu, padre poeta,
(Se é que póde hoje haver poeta padre)
Ao caminho espinhoso, em que tropeço,
Sem poder-me suster, a cada passo;
Onde os queixos teria amarrotado,
Se na quéda, a amparar-me, eu não achasse
Tantos collegas meus, como eu, cahindo!

Bem vindo sejas tu a dar auxilio
Á poetica turba que, perdida
No mar da insipidez, daria á costa,
Por falta de um piloto, usado e destro!

Bem vindo sejas tu, que, se não pódes
Guiar ao bom caminho esse rebanho,
Compassivo serás com elle, ao menos,
Lançando a absolvição sobre os peccados
Que vaidoso commette, e que ao inferno
Para sempre, mais tarde, o arrastariam!

Vem, tu, ser o pastor d'estas ovelhas,
Que pastam no Parnaso, ha tempo tanto,
E, sempre, aos trambulhões, sempre turrando
Parece que inda o trilho desconhecem!

Vem, meu padre, ensinar-lhes o caminho;
Bem vês que andam perdidas, por atalhos,
E, atrevidas, saltando a alheios campos,
Lá vão, sem o pensar, calcar o senso,
Que já pouco produz, por mal tratado!

Vem, tu, ser o pastor d'essas ovelhas,
Tosquial-as vem tu, que é bem preciso,
Pois não podem andar, com tanto *pêllo!*
Não receies, jámais, que te resistam;
Manda, padre, e serás obedecido,
Ou no cajado o teu poder delega,

Quando algumas não vão d'outra maneira,
Visto que, mesmo aqui, ha gado bravo!

Não te importe que os bichos desafinem,
Quando tentem soltar sons maviosos,
Fazendo opposição aos teus mandados:
— É sua unica voz esse balido,
Que o bom tympano teu magoar póde,
E não deve negar-se o desabafo
A quem, sem o pedir, soffre a tosquia!

Vem, tu, ser o pastor d'essas ovelhas
Que divagam no monte do Parnaso,
Porque o julgam, talvez, monte maninho;
E quando vejas que, atrevidas, lançam
O dente a alguma *rosa,* ou *cravo,* ou *lirio,*
Ou ás *florinhas* mil, que o monte encerra,
Tosquia-as, inda mais, embora a pelle
Ao gume da tesoura não resista;
Verás que, núas, tiritando, ao frio,
Junto ás *rochas* irão buscar abrigo,
Sem que soffram, tambem, porque são duras!
Não as deixes crestar, do *sol* aos raios,
Nem a *briza* gozar, pois se constipam,
E soltarão, depois, a voz roufenha,
Indo, assim, magoar teus bons ouvidos!

Não consintas, jámais, que os *astros* fitem,
Cá de baixo, da terra em que rastejam;
E, obrigando-as a entrar no bom caminho,
Prestarás um serviço ao mundo inteiro!

Vem, padre, ser pastor d'essas ovelhas,
E dá-lhes o perdão quando, ás marradas,
Pretendam desprezar as ordens tuas;
Bem sabes que é missão do sacerdote
Uteis conselhos dar aos peccadores,
Absolvendo os peccados commettidos!

Empunha o teu cajado, e põe-te em campo,
Embora eu, tambem, sinta no costado,
Por castigo, talvez, seu peso enorme!

A UM CANTOR

Canta, que logo bebes.
RIFÃO POPULAR.

És cantor d'enorme vulto,
Grande em tudo, em tudo novo;
Extasias este povo,
Que te dá sincero culto!
Faz ao teu merito insulto
Quem, por ti, ardor não sente!
Ás vezes, no canto ardente,
A tua voz, portentosa,
Chega a ser tão maviosa,
Que parece voz de gente!

Por milagre, só vieste,
Teu canto mostrar ao Porto!
Todo um povo tens absorto,
Pelo gosto que lhe déste!
Se espanto causar quizeste,

Vê como este povo pasma!
Vê como se enthusiasma,
Quando soltas o teu canto,
Que, espantado d'ouvir tanto,
Suppõe, até, que tens asma!

Quando tomas uma parte
N'um dueto mavioso,
Somos ávidos de gozo,
Não ha gozo que nos farte:
Bradam todos que, em tal arte,
Ninguem ha da tua esphera;
E sobre nós tanto impera
Da tua voz a magia,
Que é louca a nossa alegria,
Se um compasso tens d'espera!

Quem te deu esse talento?
Quem te pôde ensinar tanto?
Quem te inspirou esse canto,
Tão cheio de sentimento?
Quem fez de ti um portento?
Quem te deu saber tão fundo?
— Grande cantor! Dize ao mundo,
Que te julga mais que humano,
Se és *barytono, soprano,*
Tenor, ou *basso profundo?!*

MORRA O PROGRESSO! [1]

> Vós, Deusas do Parnazo, vós agora
> Novo fogo inspiral dentro em meu peito;
> Regei-me a voz cansada, e o debil canto,
> Porque n'elle celébre dignamente
> De tão altos varões nomes e manhas.
>
> ANTONIO DINIZ — *Hyssope*, cant. VII.

Dizes que em *noites de crueis insomnias*
Á dormideira vaes da *nossa historia*
O somno procurar; — que *dos antigos*
Tudo o que existe para dormir *serve,*
E o cofre, para os lêr, não tens *movido,*
Pois tudo, aos pontapés, se encontra *gratis?*
— Razão tens; — que hoje, em vez dos *Albuquerques,*
Ha viscondes; — barões, em vez dos *Gamas,*
Embora, pelo *odôr,* lhes pousem *moscas.*
Vale hoje um manteigueiro, porco e *estulto,*
Se mais dinheiro tem do *que honra e brio,*
Mais do que esses Cabraes, Castros, e *outros*

Que andavam a sonhar ignotos *mundos,*
E, sem lucro auferir de taes *carreiras,*
Muito inchados se alguem os *descrevesse,*
Se diziam heroes; — porque *hoje em dia*
Não ha quem taes asneiras *saboreie,*
Mas que o mundo é peor, tambem é *certo.*
D'esta época os heroes, o *sol nascendo*
Encontra-os a mover quadras e *quinas,*
E em tôrpe lupanar, *escoucinhando,*
Como Neptuno andou c'os *Pallinuros:*
D'orgias vivem, só, e são tão *asnos,*
Que fama querem ter por acções *d'estas!*
Nunca o vicio cuidei vêr subir *tanto!*
Só pelo ouro que teem valem os *homens;*
E quando tudo, assim, virado *vêmos,*
Bradar vens tu, aqui: — *Viva o Progresso?...*
Morra o Progresso — eu digo — (e haja franqueza)
Torto o mundo nasceu, morrerá *torto,*
Sei que o não salvarão *insulsas trovas;*
Mas não posso aturar que *á patria amada*
A maroteira dêem, por *novo invento,*
Como que um povo fosse d'*hottentotes,*
Desprezado, e esquecido d'*estrangeiros!...*
Quizera, antes, que o mundo se *voltasse,*
E no avêsso, depois, arranjar *outro!*
— Não fôra d'estalar, então, com *riso,*
Chamar, d'esses ratões que hoje teem *nome,*

Um visconde, um barão, um *barbas-d'alho,*
Que do carvão a carga nos *trouxesse;*
Mandar comprar arroz, *pimenta e cravo,*
Por um vereador dos *nossos dias?...*
Agarrar esses que a fortuna *arranjam,*
Notas falsas fazendo em *papelinhos,*
Ou innocentes traficando em negros [2],
Levar-lhes d'esse jogo o monte á *gloria,*
Tornal-os ao que foram, pouco ou *nada,*
No Douro, a conduzir barcos d'*Avintes,*
Ou carretos fazendo... e d'estes *parvos*
Enriquecer, depois, quem tem *virtudes,*
Com grossos montes de pesadas *louras?*
Se eu pudesse do mundo fazer *outro,*
Synonymos, quaes vês, fino e *maroto,*
Deixariam, então, de ser *synonymos:*
Seria mais correcta a *linguagem,*
Empregados melhor a prata e o *ouro.*

Vai-te, Progresso, da traição *amigo,*
Que, impostor, qual hoje és, no bem só *cortas,*
E nadas, pelo mal, n'um mar de *rosas!*

Nem o sexo gentil seria *isento*
D'essa trasformação: (para os *vindouros*
O seculo seria, então, das *luzes*),
As Marilias crueis, chegando *ao rego,*

Viriam sujeitar-se ao duro *freio,*
Sem a galope andar, traz da *fortuna,*
Teria só valor meiga *innocencia,*
De *formosura ingenua e recatada,*
E a boa educação, propria das *bellas!*
Merinaques, chapéos, malas, e *tudo,*
N'uma fogueira, a arder, faziam *festa,*
Que pudésse gozar qualquer, de *graça;*
E viriam do Olympo os mesmos *deuses,*
O cigarro accender na viva *brasa,*
Com ellas o *lundum* dançar na *praça:*
Seriam chicotados estes *barbaros*
Que hoje andam por aqui a estultas *moças*
Pedindo o *rendez-vous,* fazendo versos:
— Do Parnaso na fé, são esses *moiros,*
E inspiral-os só póde a musa *ingrata.*
— Das loucas fallo só, que adoram *c'rôas,*
E teriam respeito as que teem *alma,*
E sentimentos vis *desconheceram!* —
Ouro não quero eu, só, que seja *tudo,*
Senão para pagar, quanto *devemos:* —
É este o credo que — por ora — *sigo,*
E desprézo os chatins, que pelo *luxo,*
Pelo dinheiro, só, se tornam *cegos:*
Se hoje ha pai que põe preço á propria filha,
Marido que hypotheca a linda esposa,
Venham marido e pai, e eu dou *dez libras,*

Aquelle que ao diabo ambos *entregue,*
Pois é do inferno quem, assim, se *abaixa.*

Morre, Progresso, que és da asneira *amigo,*
E andam, em quanto nos sisudos *cortas,*
Os tolos a nadar n'um mar de *rosas.*

NOTAS

[1] Alto lá, senhores progressistas de todas as côres politicas! Suspendam o seu juizo, aquelles que o tiverem, e não julguem o réo sem ser ouvido, relativamente ao titulo d'esta poesia.

Este — *Morra* — vem aqui simplesmente como resposta a um — *Viva* — entoado por um patusco meu amigo, muito talentoso, e muito inclinado a dar vivas n'este genero.

Se v. exc.as (não sei se haverá leitor que não tenha ainda este tratamento) quizerem escutar-lhe a voz, queiram ter a bondade de descobrir-se, e caminharem até ao fim d'este livro, onde o encontrarão a gritar: — *Viva o Progresso!* —

[2] Verso alheio.

NO ALBUM DE UMA DAMA

..... um conselho d'amigo.
Deixa em branco este livro gentil:
Uma só das memorias da vida
Vale a pena guardar, entre mil.

GARRETT — *Folhas cahidas.*

Venha mais este, senhora,
É moda, não ha remedio:
Se moda o Album não fôra
A muitas causára tedio.

Mas — embora alguem proteste
Contra mim, porque sou franco: —
Não conheço Album que preste
Quando deixe de ser branco!

Muito bordado, incompleto,
Muita sandice, rimada,
Muito desenho, incorrecto...
— Um Album não é mais nada!

Uma, que se enthusiasma
Quando um Album desembrulha,
Borda-lhe uma cataplasma,
Sem saber pegar na agulha!

Este, que é todo materia,
Mette-se, aqui, na Poesia:
Dá-se aquelle á prova séria
Sem saber orthographia!

Outro, que em lapis, sómente
Pegou, abrindo a carteira,
Deixa um desenho indecente,
Fica orgulhoso da asneira!

Endeusando a parvoice
Querem n'um Album, senhora,
Erguer um templo á sandice,
Mas com fórma seductora!

Aqui se enterra o bom senso,
Salval-o já ninguem ousa;
Que o Album — segundo eu penso —
Serve ao bom senso de lousa!

É um cêsto que se doura,
E o dono tem por capricho,
Para andar, com a vassoura,
Pela rua, a apanhar lixo.

Arreigaram-me esta crença
Albuns que vejo dispersos:
— Na asserção não vai offensa,
Tens a prova n'estes versos.

EPIGRAMMA

Variando a medicina
Nos systemas de curar,
Porque não deixa a rotina
Do systema de matar?

PROGRAMMA

Quer vingar a sua affronta,
Quer chamar Portugal seu;
Com a victoria já conta,
Mas inda não combateu.

IGNACIO PIZARRO — *Romanceiro,* tom. II.

Eu nasci (mas não sei quando)
Longe d'aqui, n'uma aldeia: —
Passei a infancia brincando,
E ouvi, á luz da candeia,
Contos que me iam contando [1].

Uma velha impertinente,
Que minha avó se dizia,
E já não tinha um só dente,
Fez-me ser da fidalguia
Um adorador fervente.

E, zurzindo a plebe pobre,
Fez-me crêr, ainda bem novo,
Que valor só tinha o nobre,
E que não valia o povo
Uma moeda de cobre!

Leu-me o livro do passado,
E eu vi que era descendente
De sangue azul, não manchado,
Embora entre tanta gente
Não houvesse um, só, casado.

Um padre, da freguezia,
Que o — *b* — *a* — *ba* me ensinava,
Á bocca cheia dizia
Que, em dez annos, protestava
Que todo o livro eu diria!

Obrigára-me o respeito
A ter estudo aturado;
Revelando tão bom geito,
Que fui, por fim, destinado
Á formatura em Direito!

Então, com unhas e dentes,
Entregue ao *Pégas,* maldito,
Ao *Digesto,* e adherentes,
Tornei-me, como erudito,
Rival dos meus ascendentes!

A mocidade, indiscreta,
D'inveja, talvez, ralada,
Me appellidava — pateta —
Quando eu, deixando-a espantada,
Me fiz, um dia, poeta!

Votei-me, então, ao socego,
E o *penedo da saudade,*
Como as margens do Mondego,
Me viram, em curta idade,
Um rival do cantor grego!

De certo o fui! — Quem diria
Que, inda tão novo, eu pudesse
Ser um heroe na poesia!
Oh! se o fui!... E... se eu soubesse
A maldita orthographia!...

D'esse estudo endiabrado,
Da grammatica, terrivel,
Nunca entendi nem bocado! —
Logica... foi-me impossivel
Metter-lhe o dente aguçado!

Andou-me a cabeça á roda,
Dormiram livros commigo;
E se não pesco da poda,
Na nobreza sou antigo
Como sou sabio da moda!

Dos homens grandes amante,
Não ha ninguem que me ensine
O que sabe um elegante:
Sei que existe o — *Lamartine* —
Que morreram — *Tasso* — e *Dante*.

Que teve *Ariosto* a corôa
Por vate de grande marca,
E por ser bella pessoa;
— Que dava d'olho ao *Petrarca*,
A *Laura* — que era bem boa.

Conheci um certo *Nero,*
Que fez muito desatino,
Mas era forte e severo;
— Sei, por um texto latino,
Que ás vezes dormia *Homero.*

O amor da patria me inflamma,
Sinto alegria suprema,
Quando vem dizer-me a fama
Que fez *Camões* um poema,
Cantando um *Vasco da Gama.*

Taes nomes mal não emprego,
Como faz qualquer pelintra,
Porque á leitura me entrego;
— Sei que o *Byron* cantou Cintra,
Sei que o *Milton* era cego!

Sei tudo! Sou polyglotta!
Danço polkas e a mazurka,
Visto-me como janota,
Uso bigodes á turca,
Sou grande heroe na *batota!*

E agora, assim preparado,
Com tudo quanto é preciso
Para ser homem d'Estado,
Saibam que tenho juizo,
E quero ser deputado!

Elevem-me ao parlamento,
E serei, com pouco estudo,
Da oratoria um ornamento,
Comendo sempre de tudo
Na gamella do orçamento!

Não me apearei da burra
Adorando um Deus ignoto;
Mas, embora, leve surra,
Quando alguem me pague o voto,
Deixarei de ser caturra!

Mostrarei aos meus freguezes
Que me não curvo a pedidos;
E se virar muitas vezes,
Patriota sou — que os *partidos*
Todos são de portuguezes!

*

Entre a minha clientela
Reputação terei boa;
Mas previno-os: — á cautela —
— Ninguem me espere em Lisboa
Havendo *febre amarella* [2].

Á patria não sou ingrato;
Mas não vai caminho torto
Quem tem comsigo recato,
E, em lugar de *Catão* morto,
Quer ser, vivo, *Cincinnato*.

Nem digam que é maravilha
Que o *pai da patria,* prudente,
Leia por esta cartilha!
— Quando está o *Pai* ausente,
É justo que espere a *Filha*.

NOTAS

[1] Tive immenso trabalho para fazer este verso; e quando suppunha que tinha vencido a difficuldade, salta-me aos olhos um terrivel defeito, que eu deixaria passar, sem esta desculpa, se d'ahi não visse uma grave offensa á genealogia do aspirante a deputado — que não sou eu, é bem que o saibam! Quem der com a horrivel cacophonia, póde facilmente acreditar que os «Contos que *miam*» eram contados por uma gata!

Pois posso asseverar-lhes que se enganam! Leiam a segunda quintilha, e vendo que era a avó quem contava os *contos*, ficarão convencidos da verdade: — nem póde admittir-se que um homem, com tão nobres aspirações, pertencesse por modo algum á raça felina.

[2] Os deputados que estavam em suas casas, na provincia, quando a capital foi invadida pela epidemia, em 1857, julgaram prudente conservarem-se, embora tivesse lugar, n'esse tempo, a abertura das côrtes.

Esta resolução foi tomada como falta de patriotismo, pelos maldizentes; mas os artigos que, sobre tal assumpto, publicaram alguns jornaes, são, de certo, muito mais engraçados do que os necrologios que haviam de apparecer, se os *paes da patria* não embirrassem com a côr da febre.

Eu creio que tiveram muito juizo, e todos elles são da minha opinião.

UM NOVO PATUROT

Nós somos filhos d'Eva cubiçosa;
Inda em nós lavra d'Eva peccadora
A nodoa original...

FILINTO ELYSIO.

Esta vida que eu passo... — triste vida!...
Dos annos no verdor me leva á cova!
Mas... se eu temo do mundo a despedida,
Porque não buscarei posição nova?

Sob um jugo fatal viver oppresso,
Ao fogo juvenil é grave offensa!
Pois de que serve então esse progresso, —
Que eu sei que existe... porque o diz a imprensa?...

Serve, ao homem sagaz, como sciencia,
Guiando-o n'este pelago profundo:
Serve para abafar a consciencia,
Os ouvidos cerrando á voz do mundo.

Viva o progresso! Ávante! e o meu futuro
Mais risonho será que o meu passado!
Resta só descobrir meio seguro
De vir a ser na terra um potentado!

Buscarei ser feliz no casamento,
Procurando uma dama d'espavento...
Do bom tom?
Se filha fôr de paes velhacos... tontos...
Que importa?... se trouxer duzentos contos...
É bem bom!

Mas não... que uma rica dama,
Se com homem pobre casa,
É peor que ferro em brasa,
Está sempre em viva chamma!
Com a riqueza se inflamma,
Quer *coupé,* quer escudeiro,
Quer correr o mundo inteiro,
Luxo immenso no vestido,
E, por fim, deixa o marido
Com familia, e sem dinheiro!

Fortuna tentarei pelo negocio,
Procurando encontrar para meu socio
Um patau? —

Sophismando o direito que lhe assista...
E sendo engajador... contrabandista?...
Não é mau!

Mas... se hoje, sem traficancia
Não brilha o commerciante,
Eu não levo o plano ávante,
Porque me falta a constancia!
Dinheiro... muita importancia...
Zumbaias da gente *honesta*...
Posso ter... e isso não presta,
Se ha na consciencia o receio;
E eu sou tão fraco!... Inda creio
Na eterna vida, além d'esta!...

Se eu conseguisse, em leis, a formatura,
E, sem nada saber, fazer figura,
Como alguem...
Com protecção, depois, sendo formado,
Ser barão, conselheiro, e deputado...
Ia bem!

Mas... ser actor por officio,
Só fundado em boa estreia,
É construir sobre areia
Um phantastico edificio!
E que vale o sacrificio?

Vença, embora, grande espaço,
Irei fingir de palhaço,
Fazer ao merito offensa!
Serei victima da imprensa!...
Nada... é coisa que não faço!

Oh! que ideia feliz! Ser jornalista!...
Não farei do porvir alta conquista,
A escrever?...
Sendo pelos governos protegido,
Não hei de figurar, ser conhecido?...
Póde ser!

Ora adeus!... É necessario
Ter muita condescendencia,
Enfrear a consciencia,
Na politica ser vario;
Hoje ser thuribulario,
Mudar, ámanhã, de vela,
Fazer da imprensa uma adela,
Á porta pôr taboleta!...
Nada... que em vez de careta
Tenho cara... e gósto d'ella!

E se eu fosse estudar a medicina?
Não podia explorar bem larga mina?...
Porque não?...

Conquistando uma grande clientela,
Rico em breve seria, á custa d'ella,
Sem questão!

Mas... nem assim... eu não creio
No saber d'esses doutores,
Que, não sendo uns impostores,
Não teem na sciencia um meio!
E o cuidar no bem alheio
Tem contratempos bem serios!
A sciencia é de mysterios,
E exercêl-a, quem duvída,
É ter por meio de vida
Povoar os cemiterios.

É tudo vão! se é grande o meu intento,
A duvida que vem, n'esse momento,
É maior!...
Mas... se eu vejo um futuro lisonjeiro
Na posse d'ouro, só, fazer dinheiro...
É melhor!

E... se alguem me denuncía
— Antes que eu seja bem rico? —
Sou logo preso, e lá fico
Enterrado na enxovia!
Mas o progresso, hoje em dia,

Já domina os portuguezes:
Talvez dentro em poucos mezes,
Da moeda o fabricante
Ponha o rotulo adiante,
Chamando, á porta, os freguezes!...

Então, sim... terei riquezas,
Fartarei minha cubiça,
Sem ir curvar-me á justiça,
Fazer com ella despezas!
Mais não penso em taes emprezas,
Buscarei viver contente:
Com este meu genio ardente,
Pondo de parte honra e brio,
Sou feliz, sendo vadio,
Que assim vive muita gente.

OS MAUSOLÉOS

De que serve honra tardia ?
Bem sei, que o rifão vem torto ;
Mas faz lembrar a cevada
Que se deu ao asno morto.

N. TOLENTINO.

Quando vejo, subindo ao firmamento,
Abrindo as regiões do espaço ethereo,
Marmorea habitação, que tem cimento
No terreno voraz do cemiterio,
Lamento o que, infeliz, na humana lida,
Desvairado, seguindo errado norte,
Do pouco se esqueceu que importa a vida,
Buscando a ostentação além da morte !

Qual será d'homens taes a falsa ideia,
Porque levam tão longe essa vaidade ?
Ao mundo presos por fatal cadeia,
Chegaram a descrêr da eternidade ?

Ou, porque em noites de cruel vigilia
Leram que a vida eterna após vem d'esta,
Acreditam que, unidos á familia,
Mais tarde alli terão dias de festa?

Eu censuro o que, austero, orgulho chama
Ao impulso que move a louca empreza;
Reprovo o que, exaltado, o triste infama,
Porque assim faz insultos á pobreza!
Compassivo lamento o desditoso
Que para a morte habitação procura;
Nem lhe posso chamar vil, orgulhoso,
Que é fereza insultar cega loucura!

É bem louco, de certo, o que na terra
Em modesta morada a vida soffre,
Com rebeldes paixões em crua guerra,
Sem nunca abrir á caridade o cofre;
Que se curva a tormentos que o consomem,
Da sordida ambição na vil estrada,
E sem nada aqui ser, em quanto é « homem »,
Suppõe que mais será, quando fôr « nada! »

É bem louco, de certo, se, illudido,
Póde crêr que o seu nome se eternisa,
Porque pousa no marmore polido
O corpo que roubára á campa lisa;

Mais que louco, se intenta ao pó immundo
Dar entre o luxo, alli, repouso eterno,
Em quanto, pelo mal que fez no mundo
Alma vil se debate lá no inferno!

Que dizem ao philosopho, que passa,
Pomposas inscripções, em prosa ou verso,
Se, da campa através, o pó devassa,
Que, cedo ou tarde, voará disperso? —
— Dizem que do mortal se compadeça,
Para quem foi o céo tão justiceiro; —
Pois tendo, aqui, de marmore a cabeça,
Achou, alli, marmoreo travesseiro?

Infelizes mortaes! Deixai que um pobre,
Que de terra seis palmos tem sómente,
Sem no mundo habitar morada nobre,
Despreze o vosso marmore luzente!
— Mais ditosos sereis, se um assassino
Vossa vida encurtar; — que é coisa insana
Ter, na morte, um palacio peregrino,
E, na vida, occupar tosca choupana!

A VESPA

Graça acho eu n'aquelles,
que dizem mal de mim, antes que eu d'elles;
suppondo, que eu lhes pinto o seu senão,
dão-me o castigo muito de ante-mão,
pondo-me de insolente,
que satyrizo a todos geralmente;
quando isso fosse, oh homẽs do demonio,
não vêdes que esse ardil he hum antimonio,
para que eu lance, em vomitos finaes,
inda mais do que sey, porque sey mais?...

THOMAZ PINTO BRANDÃO.

Homens loucos! Desgraçados,
Que em liberdade fallaes!
Viveis todos enganados,
Livre sou eu, — ninguem mais!
Por todo o mundo, girando
Me vereis sempre, voando,
Pica-aqui, pica-acolá,
Em quanto que algum ingrato,
Com a sola do sapato,
Crua morte me não dá!

Vós, oh homens, quantas vezes,
Malvados no coração,
Sois na apparencia cortezes,
Para occultar a traição!
Infamia! cruel engano!
Eu, se em volta d'um magano
Dou tres giros, sem parar,
É que o julgo puro e honrado;
Porém, se o creio culpado,
Não fujo sem o picar!

Cuidareis vós que algum tolo,
De muitos que o mundo vê,
— Que não levam muito bolo
Por não haver quem lh'os dê; —
Algum parvo d'*excellencia,*
Por vergonhosa influencia,
Póde embotar-me o ferrão?
E, embora seja um maluco,
D'onde eu possa tirar succo,
Ha de escapar-me?... Pois não!...

Quando pilho um d'esses *nobres,*
Ricos só d'aureo metal;
Mas d'*espirito* tão *pobres*
Que não possuem real,
Não lhe sáio do costado;

— Sei que é trabalho baldado,
Porque a pelle dura tem;
Mas eu fico satisfeita,
Que o meu ferrão só respeita
A virtude, e mais ninguem!

Pois quando encontro uma dama
Que litterata quer ser,
E, por fim, *béspra* me chama,
Sem d'isso a causa saber!...
Não só então a não poupo,
Mas sinto não ter um choupo,
Do meu ferrão em lugar;
— Se quer desculpa das faltas,
Não se metta em danças altas,
Entretenha-se a fiar.

E ha tantas d'essas patetas,
Sempre filadas ao — *b* —,
E que tentam ser poetas,
Sem saberem o — *a* — *b* — *c* — !
— Se inda tendes algum tino,
Ide lêr o *Tolentino,*
Boa lição achareis;
E se conselho tão rico
Desprezaes... então... eu pico...
Sem temer que vos queixeis!

Quando encontro um rapazinho
Que se diz — senhor doutor,
E anda muito encanadinho,
Deitando grande fedor;
E que inda, além do mau cheiro,
É nas leis tão estrangeiro,
Ou inda mais que um bedel;
Se a geito lhe apanho o rosto,
Em pical-o sinto um gosto...
Oh! que é mais dôce que o mel!

Mesmo o medico — *homœopatha*
Ou aquelle que o não é;
Raspaillista, ou *allopatha,*
Quando o sejam de má fé,
Não fogem á minha agulha!
Não, que todos tem borbulha,
Onde se espete o ferrão;
Embora se fiquem rindo,
Ás picadas resistindo,
Tão duros como um *barão!*

O poeta que, juntando
Brizas, fadas e *condões,*
Vai tudo em linha formando,
Com outros taes palavrões,
Esse irrita, coitadinho,

As iras cá do bichinho,
Que só aos tolos quer mal!
Fuja, pois, quem tem o sestro,
Quando não, pico-lhe o estro
Com picadella mortal!

Ao gordo commerciante,
Que fidalgo exige ser,
E se torna traficante,
Sem d'isso precisão ter;
E se finge, então, beato,
E nos mostra o seu retrato
Em todos os hospitaes —
Meu ferrão não vale nada:
— Para esse, espora e aguilhada,
E não digam que é de mais!

Macho ou femea, velho ou novo,
Feio ou bello, sabio ou não,
Ou seja nobre, ou do povo,
Chega a todos meu ferrão!
Se mais do que isto desejas,
Mesmo em ti — quem quer que sejas —
Hei de *ferrar-te,* leitor!
— Mas suspende o teu juizo!
Que me entendas é preciso:
— Sou *vespa* — não *ferrador!*

*

SONETO

Era bello esse tempo, em que uma dama
Só pelo coração se avaliava,
E da belleza o dote que ostentava
Só podia atear accesa chamma:

Do consorcio d'amor, segundo é fama,
A candida virtude dimanava:
Hoje, extincta a moral, que então reinava,
Só da noiva a riqueza se proclama!

Faz-se d'essa união negocio immundo,
Quebram-se por dinheiro os juramentos,
Anda Amor pelas praças, vagabundo;

E é, desde que se dão taes casamentos,
Que povôam tres partes d'este mundo
Estupidos, velhacos e avarentos!

NA PRIMEIRA PAGINA DO ALBUM

DO MEU AMIGO

ANTONIO MARTINS LEORNE

Como o triste mendigo, que vagueia
Nas cidades, nas villas e na aldeia,
Uma esmola pedindo a toda a gente
Que mais rica suppõe, por mais decente,
Assim começas tu peregrinando,
Com teu Album na mão, solicitando,
Em prosa e verso, os fructos do talento,
Com que o teu livro tornes opulento;
Mas como, tantas vezes, o mendigo
Que affecta só pobreza ter comsigo,
Occulto, mais valor traz, na sacola,
Do que tem muitos a quem pede esmola,
Assim tu pedes, na lamuria tua,
A quem menos que tu, talvez, possua!
E que pretendes tu? dize, que esperas?
Porque a riqueza, em mim, tanto exageras?

Se um cantico d'amor tua alma accende,
Não t'o posso negar... lá vai... attende:

Amor! Nobre sentimento!
Do mundo tu és o rei!
Como ao pobre, ao opulento,
Ao bom, ao mau, dás a lei!
És...
O que? quem te conhece?
És um ratão de bom gosto,
Cujo poder apparece
N'um bello, n'um feio rosto,
N'uma elegante cintura,
N'um colosso de gordura,
N'um pésinho delicado,
N'uma pata monstruosa,
N'um braço bem torneado,
N'uma negra mão callosa,
No brilho negro d'um olho,
No canto d'outro zarolho,
Ou de carmezim forrado;
Na candura d'um archanjo,
Na estupidez da mulher,
Nas palavras d'um marmanjo,
D'um patarata, qualquer:
Não inspiras o poeta
Que se em ti vai pôr o fito,

Faz um papel de pateta,
Diz o que todos tem dito.

Já vês, amigo meu, que em tal caminho
Tropéço a cada passo, e vou a terra;
Não póde o estro meu, fraço e mesquinho,
A victoria cantar n'esta ardua guerra!...
Se eu soubesse que a patria, tão cantada,
Me inspirava n'esta hora altivo canto...
— Á patria, sim, á patria desgraçada
Um *de profundis,* que te excite o pranto:

Patria! patria d'heroes d'antigas eras!
Onde jaz teu valor altisonante?
Porque as provas não dás, que outr'ora deras
De ser um reino forte e deslumbrante?
Proezas, sem rival, que já fizeras,
Porque as não fazes hoje?... e, agonisante,
Não incitas ninguem que te cubice
A gloria...
Porém, não... isto é tolice...
Não quero a patria cantar:
Vejo que ella, por perrice,
Só lhe apraz hoje dançar
Na *politica* taberna,
Com malandros indecentes,
Com quem faz a sua perna,

E á sua custa desejam
Aguçar os rijos dentes:
Malandros que se não pejam
De tornal-a dissoluta,
Patuscando, nas orgias,
Já sem vergonha, e corrupta!
Nada... nada... a patria, agora,
Já não póde inspirar vates,
Que dizem, n'um quarto d'hora,
Cantando-a, mil disparates!

E, demais, tenho notado
Que, pedir á patria contas,
Recordar-lhe o seu passado,
Já muitas cabeças tontas
O tem, em verso, tentado;
Mas em vão se tem cançado,
Que nada tem conseguido:
A patria segue o seu rumo,
E o poeta, convencido
De que a sua gloria é fumo,
Que é fumo toda a grandeza,
Desiste, emfim, d'essa empreza,
Mette a viola no sacco,
Deixa andar a patria aos tombos,
Foge-lhe, e não dá cavaco!
Deixemos a patria, amigo,

Outro thema procuremos,
Onde eu veja se consigo...
Mas o que?... não sei... veremos.

Se eu pudesse entoar um dôce canto
Ao astro meigo, que de noite brilha!...
Bravo! Boa lembrança! Aqui levanto
Ao meu nome um padrão! Que maravilha!

És tu, oh lua pallida,
A minha unica luz;
O teu brilho seduz
Minha alma, onde a tristeza
Impéra, por meu mal!
Não tens, lua, rival
Em toda a natureza!...

Ai... meu estro!... vaes perdido!...
Pobre de ti, se não páras!
É certo que estou mettido
Em camisa d'onze varas!
A lua, o sol, as estrellas,
Serão coisas muito bellas;
Mas eu vejo-as cá da terra,
Pouco me entendo com ellas;
E se é certo que mais erra
Quem ás escuras caminha,

De certo que é mais prudente
Cantar outra ladainha,
Que a perceba toda a gente;
—E a lua brilhou outr'ora,
Quando não brilhava o gaz;
Mas o gaz figura agora,
A lua já nada faz;
Quasi sempre encapotada,
Vê-se que anda encavacada,
Sem fazer caso de nós;
Nem vale a pena, por nada,
Cá de baixo erguer-lhe a voz;
Que se alguem fallar-lhe tenta,
Cheio d'orgulho, a mofina,
Mais ao longe inda se ausenta,
Cada vez se faz mais fina,
Julgando, talvez, que os vates,
Que fazem versos a esmo,
Rimando mil disparates,
Lhe dizem todos o mesmo!
E o mais é que tem razão,
Porque é hoje, na poesia,
Quasi tudo imitação!
—Eu, por mim, se hei de imitar,
Já que me falta a invenção,
Antes me quero calar,
E agradecer-lhe a lição!

E assim, depois de tanto haver corrido,
Em busca d'um assumpto, divagando,
Entre o mesmo dilemma estou mettido,
Com o mesmo inimigo estou luctando!

Musa! musa maldita, que assim zombas
D'um poeta, submisso, e cabisbaixo!
— Por ti, dei n'um sedeiro com as trombas...
A fama... lá se vai pela agua abaixo!...

Que hei de eu fazer, se o meu estro,
Se o tive, me abandonou,
E tem mais força o mau sestro
Se mais empenhado estou?...
Que hei de eu fazer? — sem remedio,
Por não causar-te mais tedio,
Quebrar da lyra os bordões,
Dizer-te, com magoa extrema,
Que por não achar um thema,
Não toco variações?

Sinto a cabeça, deserta,
Sem uma ideia, só, ter;
Eis-me aqui de bocca aberta,
Sem poder-te obedecer!
E... (meu Deus!) em que momento!
Quando te anima esse intento

D'ir ao longe viajar!...
Quando, por estranhos climas,
Mais que uma carga de rimas
Tu desejáras mostrar!...

Vai, amigo, mas... cuidado...
Lá por esse mundo além,
Leva o teu Album guardado,
Não o mostres a ninguem!
E quando o acaso maldito,
D'algum critico erudito
O leve ás mãos, por meu mal,
Não dês tal semsaboria
Como amostra da poesia
Nas terras de Portugal.

Salva a Patria d'essa affronta,
Amigo, jura por lá
Que rimar sem peso ou conta
Não o faz mais ninguem cá:
Salva o teu nome, jurando
Que este livro arrebatando
Meu nome inscrever-lhe eu quiz:
E, com trama tão discreta,
Vá-se a fama d'um poeta,
Não se perca a d'um paiz!

EPIGRAMMA

Um rico velho avarento,
Já bem perto d'expirar,
Para fazer testamento
Manda o tabellião chamar:

Com timbre de voz roufenho,
Diz o velho a suspirar:
« Deixo tudo quanto tenho... »
— E não podia acabar. —

O tabellião, cançado
Do seu tempo em vão gastar,
Tendo escripto, diz, zangado:
« O resto? — queira dictar ».

« Deixo tudo quanto tenho... »
— O velho torna, a chorar —
Pára um pouco, e diz, roufenho:
« Porque o não posso levar ».

EPISTOLA

Basta já de prosa fria: —
Vou lançar mão da bandurra,
Que, ha tempo tanto, dormia;
Não quero descer da burra,
Por dizerem que a poesia
É, por indole, caturra,
Taciturna, e tão sombria,
De tão feia carantonha,
Que jámais nos vem, risonha,
Aos labios chamar o riso:
Se ha n'isto falta de siso,
Ou siso de mais, não vejo;
Só reconheço, e com pejo,
Que os nossos vates da moda
Que, soltando um frouxo arpejo,
Cuidam, já, pescar da poda,
E na critica se *estendem,*

Com louca vaidade, offendem
O senso que lhes perdôa:
Lá no seu bestunto, entendem,
Fazendo *critica* á tôa,
Que as musas quando, no Pindo,
Dão largas á voz cadente,
É para serem, sómente,
Beatas e carpideiras,
E que só cantam, carpindo,
Lamurias e choradeiras!

E, segundo esses juizes
Com quem mordomo ou não fôra,
Embora julguem felizes
Decisões suas, sem tino,
A linguagem seductora
Da chimera é sempre triste!
Chorar sempre é seu destino;
E uma ironia, com chiste,
Ninguem a encontra em seus cantos,
De tristezas só guisados,
Com môlho d'amargos prantos,
Com gemidos cozinhados!

O gracejo é negro crime,
Quando solto ao som da lyra,
Que de carpir não se exime,

Embora seja mentira
Esse *triste* sentimento,
Que os *tristes* cantos inspira!

Disparam, cada momento,
Uma setta contra o vate,
Que dá trégoas ao tormento,
E da musa o riso adora:
Antes brilhe o disparate
Em loucos prantos immerso:
É vate o que em verso chora,
É bobo quem ri em verso.

O metro não tem valia,
Ledas imagens não valem,
Por muito que se avassallem,
Ao dominio da poesia,
Que exprimir só póde, apenas,
Acerba melancolia,
Saudades, amargas penas!

—

Pesados n'esta balança,
Que pende para a sandice,
É poeta uma criança,
Quando chora por perrice:
É poeta o desditoso
Que, tendo a razão perdido,

Derrama pranto amargoso,
Sem ligar-lhe algum sentido;
E alguem dirá, com verdade,
Que o tornou essa mania
Entre os homens nullidade,
Excelso heroe na poesia.
É poeta o crocodilo
Quando com choro enganoso,
Entre os homens busca asylo,
Por modo tão ardiloso.
É poeta, inda o mendigo,
Quando na rua, deitado,
Por dar ao seu mal abrigo
N'um coração bem formado,
Fingindo dôr, que não soffre,
Atrôa os ares, chorando,
Dando assim assalto ao cofre
Da gente que vai passando:
E em quanto que a *lei* vigora
Diz-se que, em todo o universo,
É vate o que em verso chora,
É bobo quem ri em verso!

Boileau, que a França admira,
Que a fama exalta, indiscreta,
Tocou a chula na lyra,
E suppôz que era poeta!...

Molière era um pateta,
Com pretensões a engraçado,
Com poetica mania;
E o povo, simples, coitado,
Quando os seus cantos ouvia,
De bôcca aberta, espantado,
Talento lhe concedia:
Morrem, esses, vem a historia
Levar seus nomes á gloria,
Memoria dar-lhes, honrosa;
Mas a historia é mentirosa,
Os homens aduladores;
Só os *criticos* d'agora,
Eruditos, pensadores,
Vem prestar culto á verdade,
Mostrando a todo o Universo
Que é vate o que em verso chora,
Que é bobo quem ri em verso!

O *Diniz,* que a fama canta,
Foi só jogral, e mais nada,
Quando expôz, com graça tanta,
Dos povos á gargalhada,
O papalvo *Deão d'Elvas* [1]:
Só quando, por entre as selvas,

[1] Hyssope.

Contemplando a natureza,
A musa invocou, discreta,
Dando largas á tristeza,
Esqueceu-se, e foi poeta!

Quando Elmano, o triste Elmano,
Para desgraças nascido,
Suspirava, em amorosos
Pensamentos embebido,
Era *Elmano,* então, poeta;
Mas quando arrojava a setta
Nos pungentes epigrammas,
Cheios de sabia doutrina,
Contra velhas, fôfas damas,
Contra a fôfa medicina; —
Quando os zoilos castigava
Com a satyra pungente,
Inda que não estranhava
Vêr um cão morder na gente,
Seu estro nada valia!
Juntando rimas a esmo,
Separádo da poesia,
Bocage não era o mesmo!...
O poeta quer-se, agora,
Na tristeza sempre immerso;
Que é vate o que em verso chora,
É bobo quem ri em verso!

*

Era um louco o *Tolentino,*
Quando á musa galhofeira,
Que vinha inspirar-lhe um hymno,
Em leda canção ligeira,
Ligava seu mau destino,
E bradava, maldizente:
Ticio, *de versos fallidos,*
Fabricante impertinente,
Uns curtos, outros compridos,
Quer que gemam igualmente
As imprensas, e os ouvidos:
Quando, porém, se abatia,
Com as lagrimas lavando
As plantas á fidalguia,
Tristes endeixas cantando
A quem as não entendia;
Quando uma canção mimosa
Por vil esmola trocava,
Pulsando a lyra chorosa,
Nas casas onde jantava;
Então sim, que o *Tolentino*
Era poeta ás direitas:
Era escriptor muito fino,
Que, bons versos semeando,
Fazia bellas colheitas,
Melhorava o seu destino!

Dizem, pois, com fundamento,
D'hoje os *criticos sisudos,*
Que está só no sentimento,
Longe de ditos agudos,
A verdadeira poesia ; —
E é por isso que, hoje em dia,
Disparam, cada momento,
Uma setta contra o vate
Que dá trégoas ao tormento,
E da musa o riso adora : —
Antes brilhe o disparate
Em loucos prantos immerso ;
Que é vate o que em verso chora,
É bobo quem ri em verso !

EPIGRAMMA

Um doutor em medicina,
Bradava, ao vêr um doente,
Quasi sem vida, prostrado:
— Quanto a sciencia me ensina,
Sem lucro do padecente,
Tudo aqui tenho esgotado! —

Ás vezes, mais que a sciencia
(Diz do lado um curioso)
Deve a prática valer:
D'esse mal contra a insistencia
Falta ao doutor, corajoso,
Ao suicidio recorrer.

NO ALBUM

DE E. A. NUNES PINTO

A planta que, ao nascer, foi mal tratada,
Se a vigiam, depois, é tudo em vão;
Rachitica nasceu, morre enfesada,
Embora seja longa a duração:
Rasteiras plantas,
Mimosas flôres,
Gostosos fructos,
De varias côres,
Na terra existem,
Que entre si dão
Bem claras provas
D'esta asserção.

A fera que nos montes foi nascida,
Tenha, embora, depois, educação,
Mostra instincto feroz, em toda a vida,
Ninguem póde torcer-lhe a vocação:

Leões sanhudos,
Bravas pantheras,
(E, entre esses bichos,
Humanas feras)
Na terra existem,
Que entre si dão
Bem claras provas
D'esta asserção.

Mancebo, que nasceu de paes incultos,
Sem brio, sem saber, sem creação,
Faz ao senso e á moral graves insultos,
E chega — quando muito — a ser barão:
Barões ás duzias,
Cem conselheiros,
Ricos aos centos,
Mil *batoteiros*,
Na terra existem,
Que entre si dão
Bem claras provas
D'esta asserção.

Edificio que teve em seu começo
Alicerce mesquinho em construcção,
Póde ao longe brilhar, ter alto apreço,
Mas ha de succumbir ao furacão:

Obras do estado,
Palacios nobres,
Altivos templos,
Choupanas pobres,
Na terra existem,
Que entre si dão
Bem claras provas
D'esta asserção.

Um Album que, buscando o seu thesouro,
Do talento se afasta, e da instrucção,
Ha de victima ser do mau agouro,
Que, ao nascer, lhe marcára inculta mão:
Albuns de sabios,
Albuns de loucos,
Albuns de damas,
(E não são poucos)
Na terra existem,
Que entre si dão
Bem claras provas
D'esta asserção.

E eu marquei esse agouro: — se poeta,
Contra o destino meu, quiz ser, em vão,
Faço votos ao céo, que de propheta
N'este livro eu não mostre a vocação:

Versos e prosas
D'altos engenhos,
Ricos bordados,
Bellos desenhos,
Venham n'este Album
Fazer juncção:
— Seja o mais pobre
A introducção.

NO ALBUM

DE JOAQUIM D'ARAUJO JUSARTE

Pretendes que, em teu Album tendo ingresso,
Um nome sem prestigio, seja audaz?
E pões, com grave offensa do progresso,
O azeite de purgueira ao pé do gaz?

É fallaz a illusão que te alimenta
O desejo d'ouvir meigas canções
Da minha aspera lyra, ferrugenta,
Que primas não tem já, tem só bordões.

Poeta já não sou, caro Jusarte,
Nem sei mesmo se outr'ora o pude ser:
Insôssas trovas, sem engenho ou arte,
Nem talento revelam, nem saber.

Em fileira juntar rimas selectas,
Sem logica, sem gosto e até sem lei,
Muitos o fazem, que alguem diz poetas,
E que mais nada sabem do que eu sei!

Eu sei que deve ser tristonho o vate,
E aos vinte annos a morte já pedir,
Embora, no funéreo disparate,
Faça o tolo chorar, e o sabio rir.

Sei que o vate, infeliz, sua má sorte
Nas folhas deve lêr do malmequer,
E se segue de amor, cantando, o norte,
Um anjo deve ser toda a mulher.

Sei que a saudade, já na infancia, o mata,
Que, triste, quer das noites o pavor;
Sei que a lua nas aguas se retrata,
Que é candida, singela e pura a flôr.

Sei que a briza é fagueira, e rôxa a aurora,
Sei que é placido o rio, e vasto o mar;
Sei que o poeta a solidão namora,
Que a paz na campa, só, póde encontrar.

Sei que é negra a traição, meigo o sorriso,
Que é partilha do vate a magoa, a dôr;
Conheço que é mister não ter juizo
Para a moda seguir, e ser cantor.

Sem mais nada saber, falto d'engenho,
Eu só quero ao teu mando obedecer:
Tu chamaste por mim — submisso venho,
Mais uma folha do teu livro encher.

EPIGRAMMA

Certo adorador de Baccho
Mandou fazer seu retrato
Por afamado pintor,
Para adorno de uma casa
De que elle era bemfeitor.

« Percebo — lhe diz o artista
Com affectados carinhos —
« Quer collocal-o na sala
« Da Companhia dos Vinhos ».

SONETO

Sustentava um ratão que a fidalguia,
Em ouro só fundada, era uma asneira ;
Que a distincção, em todos frioleira,
Na rica estupidez, crime seria :

Outro, que o grave assumpto discutia,
O metal arguir julgou cegueira,
Por *fedalgos* crear d'essa maneira,
Visto que outros milagres já fazia :

Promette aquelle, então, com juramento,
Á *burra,* que dinheiro só encerra,
Sempre *excellencia* dar, d'esse momento :

Á justa decisão não faço guerra ;
Que é bem que tenha a *burra* o tratamento
Que tantos *burros* tem, na nossa terra.

SONETO

(A UM VELHO CALVO)

Que te importa que façam zombaria
D'essa calva que tens, branca e lustrosa?
Tem S. Pedro no céo missão famosa,
Embora a calva tenha luzidia.

Do bom santo collega a sympathia
Póde ser-te, mais tarde, vantajosa,
E dar-te no seu gremio entrada honrosa,
Que Satanaz, no seu, te negaria:

Se has de o remedio pôr, que se usa agora,
É questão de capricho, em que eu não entro,
Pois sei que a *banha d'urso* hoje vigora;

Mas o que eu sinto aqui, d'alma no centro,
É que fertil não seja, cá por fóra,
Tão esteril terreno, lá por dentro...

INSTRUCÇÕES D'UM BARÃO NOVO

A UM CRIADO VELHO [1]

Ó João! Anda cá, quero fallar-te,
Ensinar-te a viver d'hoje em diante;
E depois nada tens a desculpar-te,
Se um dia eu te chamar tolo ou tratante!
Ora olha se entendes bem!
Eim?...

No modo de tratar convém que andes
Com mais delicadeza; e tem cuidado!
Olha que já não sou *Sê Zé Fernandes,*
Como sempre, até-qui, me tens chamado!
Se não és homem capaz...
Zás!...

E não te queixes! — graças aos *sob'ranos,*
Sou hoje *Sê Barão de Cascas d'Alhos:*
Já servi, como tu, e ha poucos annos
Para sempre deixei esses trabalhos!
Inda tu serás *barão,*
João!...

E não te rias! — Olha que o dinheiro
É capaz de fazer virar-se o mundo!
Não has de ser *barão* ou *conselheiro,*
Só porque outr'ora foi *carreiro* immundo
Teu pai, ou teu avô?...
Bô!...

Não chames a tua ama *Sêra Anninhas,*
Que ella agora é tambem *Sê Baroneza:*
Se viver a *Maria das Soquinhas,*
Ou outra minha irmã, *Anna Thereza,*
«Está cá o meu irmão?»
— Não! —

Que não saiba ninguem que essas mulheres
São irmãs d'um fidalgo tão distincto:
E previne-as tu lá, como pudéres,
Que ouvir d'ellas um — *tu* — já não consinto!
Que ellas o não saibam já,
Vá!...

Carreiros todos são os meus parentes,
E não sabem tratar com gente nobre;
Mas quando traga algum roupas decentes,
E tu vejas que á porta se descobre,
E — « O *Sé* Barão já *béu?...* »
— *Béu!* —

Sempre á porta estarás — e tem paciencia,
Que para outros serviços te não chamo:
Darás a toda a gente uma *excellencia,*
E saberão, assim, que a tem teu amo;
E se algum se rir, de mau,
Pau!...

E quando no portal juntos estejam,
Á espera de teu amo, alguns sujeitos,
Embora mal-criados elles sejam,
E conversem, notando-me defeitos,
Tu, como quem não ouviu,
Siu!...

Inda mesmo que algum, mais atrevido,
Diga que rico sou, por ser tratante,
Que sou por grande parvo conhecido,
E, por minha conducta degradante,
Na fidalguia um labéu,
Chéu!...

*

Não te esqueças, João, do que te digo,
Nem faltes ao programma um só momento;
Bem vês que hoje um barão é grande amigo:
E lembra-te que o teu regulamento,
Sem falta, começará
Já!

Se um *bosmecê* me dás, ou a tua ama,
Tomando contra ti, por mariola,
Vingança que esse crime atroz reclama,
Fecho-te, lanço mão d'uma pistola,
E, sem ter pezar algum,
Pum!...

NOTA

[1] Saibam todos quantos virem este publico instrumento, que, escrevendo esta peça, não levei em vista pregar uma peça a ninguem. Graças a Deus, ha muitos barões no mundo, e sentirei amargamente que esses que por ahi andam com a calva á mostra, disputem entre si a posse da carapuça que talhei sem medida; no entanto não pretenderei tiral-a de qualquer cabeça onde a puzerem.

O VENTO LÉSTE

N'uma caverna escura, onde inda a furto
Nem cala a luz do sol, nem brilha o dia,
Onde apenas do tecto humido e triste
Lanterna quasi moribunda pende,
Morada os genios tem, que o mundo infestam:
D'alli vão de tropel varrer do Globo
Os debeis restos de sciencia e pejo.

J. A DE MACEDO — *Os Burros*, cant. II.

Um dia em que o vento léste
Fortemente sibilava,
A revolta em *Rilhafolles*
Ao mundo terror causava.

D'esses tantos infelizes,
Que a razão abandonára,
Nem um, no fatal momento,
Ao repouso se entregára!

Um, soprando furibundo,
E correndo a casa inteira,
Gritava, com voz roufenha:
Oh! que briza tão fagueira!

Fitando os olhos no tecto,
E as moscas indigitando,
Vinde vêr — outro dizia —
As estrellas scintillando!

Outro, na cama estendido,
Alto bradava: « Oh rapaz!
Fecha a janella!... estou morto!
Só da campa quero a paz! »

Dançando, como um possesso,
Um gritava com furor:
Oh! *caramba! — Eu vim ao mundo*
P'ra ser victima da dôr!

Apalpando o peito a todos,
Tocando, depois, no seu,
Este diz: « Ninguem me empresta
Um peito que entenda o meu? »

Aquelle, firme e sisudo,
Vendo os outros, brada: « Olé!
« Vejam lá que me não toquem,
« *Sou um cadaver de pé!* »

Orneia ao longe um sendeiro,
Diz um, cheio de paixão:
Eis a voz meiga e sentida
Que me falla ao coração!

Outro, arreganhando a bocca,
Bradava: — Olhem para mim;
Vejam quantos annos tenho,
N'estes dentes de marfim!»

Este, vendo outro engasgado,
Lhe diz: «Não cuspas no chão:
Cospe aqui — *nos seios d'alma,*
No fundo do coração!

E cahindo-lhe a resposta
N'um olho, diz elle agora:
Oh! como é vivificante
O dôce orvalho da aurora!

E juntos, cada um dos doidos
Solta a propria inspiração,
Em toda a casa espalhando
Alarido e confusão!

Zé Povo, que era o porteiro,
Seu lugar deixa, espantado,
E, correndo a enfermaria,
Exclama, todo pasmado :

« Oh que genios! — que talentos
« Tem Portugal produzido!
« Que pensamentos sublimes
« Hoje tenho aqui ouvido! »

E, a porta aberta deixando,
Fogem todos os patetas!
— Desde então, por toda a parte,
Ninguem vê senão *poetas!* —

HONTEM! HOJE! ÁMANHÃ!

Teem quintas, teem jardins, coches, palacios,
Teem argentea chapada em peito immundo,
Que inda outro dia se encurvou co'o peso
De canga, em que levou caixa d'assucar,
Em quanto o Benemerito, gemendo,
Banha o pão com suor, se acaso o como!

J. A. DE MACEDO — *Os Burros*, cant. IV.

I

Feliz tempo era aquelle em que d'aldeia,
Em mangas de camisa um moço vinha;
Espetada n'um pau a sacca cheia,
Na cabeça um farrapo, sobre a *tinha:*
Ao lado a *Séra Mãi,* trazendo a teia
Que fiára interessada co'a visinha:
De *maiata* na mão, o pai adiante,
Que ia o rapaz fazer *guenociante.*

De bocca aberta, o moço o Porto entrava,
Que uma grandeza assim jámais a vira;
Por vêr o mar, á Foz se encaminhava,
Nos contos a pensar, que aos paes ouvira;

De lá, vinha ao patrão, que o aguardava,
E, de bancos, a cama construira:
—E o rapaz, que até 'li jámais chorára,
Com lagrimas, então, lavava a cara!

Entre assucar, arroz, feijão, toucinho,
O pobre do labroste encarcerado,
O bico não abria, coitadinho,
Porque via o patrão, firme, a seu lado;
Um nicho tinha á porta, um bom santinho,
Com azeite da casa alumiado:
—Da loja era o signal, e os bons freguezes
A esmolinha deixavam muitas vezes.

Ao almoço, ao jantar e á cêa havia
Bom caldo de feijões, sardinha assada;
Para cada comida se partia
Bella brôa, de côdea arreganhada;
E se agua, em vez de vinho, se bebia,
Era sempre de fonte acreditada:
Ás noites o rapaz, tocando o berço,
Com a familia, então, rezava o terço.

Assim passava um dia, um mez, e um anno;
E chegando, por fim, a ser caixeiro,
O rapado chapéo, niza de pano,
O seu fato compunham, domingueiro:

Patrão não consta haver que, por insano,
Lhe désse para o bolso algum dinheiro,
Quando, alegre com tanta liberdade,
Ia ao Senhor ao Carmo, ou á Trindade.

Era *escravo* o rapaz que assim vivia;
Mas se um dia puzesse loja sua,
Systema que aprendera inda seguia;
E não pondo, á semana, os pés na rua,
Saudava sempre o sol quando nascia,
Sem que visse, jámais, surgir a lua!
E alguns d'estes houveram, sendo honrados,
Que chegaram a ter *dez mil cruzados!*

E se alguns, por negocio, ou por herança,
Mais grossos cabedaes amontoaram,
Ninguem na vida sua viu mudança!
— De burel os calções nunca largaram,
Fazendo consistir a sua chança
No *rabicho,* que sempre conservaram:
— Um *rabicho* dos taes (e não é graça)
Valia mais do que hoje toda a praça!

Não deixava d'haver algum vadio
Que, em vez d'este viver seguir á risca,
Gostasse, ás vezes, d'ir lavar-se ao rio,
Ou as noites passar jogando a bisca,

E no domingo á tarde, sendo estio,
Ir petiscar á tasca da *Francisca!*
E até me consta d'um, tão *estouvado,*
Que no theatro, uma vez, foi encontrado!

II

Como vinham vem hoje... isso é verdade,
Que os costumes não mudam, lá n'aldeia;
Mas, apenas se pilham na cidade,
Onde, sem freio, o vicio audaz campeia,
Já querem, *para si,* mais liberdade,
E, seja como fôr, a bolsa cheia;
— E ha borrego, que vendo-se caixeiro
Já pensa dominar o mundo inteiro!

Fumando o cigarrinho ás escondidas,
Jogando, na espelunca, o *seu* sob'rano,
Mil prendas offertando ás *pretendidas,*
Aprendendo a dançar, com fogo insano,
Mais do que se ganhava em duas vidas,
Um caixeiro, dos taes, gasta n'um anno;
Mas na gaveta faz grossa avaria,
Que inda ha pouco o patrão tambem fazia.

Com tal educação, se póde em breve
Ser ou chamar-se a si, commerciante,
Com cara sem pudôr, consciencia leve,
Traficancia não ha, de que se espante;
Que se muito roubou, se muito deve,
Entre a gente *do tom,* mais brilha óvante:
Quem dinheiro mostrar, seu ou alheio,
D'*honras,* e distincções se verá cheio!

Subindo, com *negocio de segredo,*
Não teme o *negociante* uma fallencia;
O que outr'ora rendeu longo degredo,
Rende hoje uma *commenda,* ou a *excellencia;*
De bem com a justiça, não tem medo,
Nem honra, nem vergonha, nem consciencia;
Cigano d'hontem, hoje proprietario,
Ámanhã é *barão* e millionario!

Usuras de tremer, dolosas vendas,
Moeda falsa, firmas imitadas,
Corretagem d'*empregos* e *commendas,*
Gordas heranças, por dez reis compradas,
Roubados os direitos nas fazendas,
E outras coisas, nas *lojas* combinadas,
Eis a *lisa* vereda que hoje guia
Um *malandro* qualquer á *fidalguia!*

E quantos magarefes hoje vejo
Que em pouco tempo, assim, se engrandeceram,
E de encararem Christo não teem pejo,
Se bem que, pondo-o em si, o escarneceram;
E nem de jejuar perdem o ensejo,
Quando até *carne humana* ja venderam!
— Por vós, *santos varões,* quem fôr honrado,
Nem apenas consente ser tocado! —

A toda a parte vão, fazem-se finos,
Os pobres papelões, *nobres senhores;*
E soltando, sem conto, os desatinos
Pretendem figurar como *oradores;*
Mas quem servil não é, de taes *meninos*
Amizade não quer, nem quer favores;
E chamando-lhes — parvos — asnos — tolos —
Se lhes pilhasse as mãos, dava-lhes bolos!

III

É este dos taes *melros* o presente! —
Mas pensemos, agora, no futuro:
Aonde irá, por fim, parar tal gente?
— Se o meu entendimento, já maduro,
Quando em taes homens penso, me não mente,
Serão por ahi lançados ao monturo;
Ou, se do mundo regular a bola,
Seus dias findarão, lá por Angola!...

O PROGRESSISTA E O RETROGRADO

DIALOGO

Progressista

Curve a fronte, amigo velho,
Respeite as leis do progresso;
Em cada instante, um successo
Vem servir-lhe, aqui, d'espelho!
Adore-o, dobre o joelho
Ante o seculo das luzes:
Nossos paes foram lapuzes,
Nem os movia uma espora;
Hoje, o mundo é uma nora,
E nós, todos, alcatruzes!

Retrogrado

Uma nora?... concordo... mas a nora
Movida sempre foi por um sendeiro!
— É por isso, talvez, que eu vejo agora
Dar voltas, sem parar, o mundo inteiro!

Progressista

Da questão não fuja, amigo,
Que é sophisma o seu gracejo:
Eu só conto quanto vejo,
Peze bem quanto lhe digo:
Compare esse tempo antigo
Com este da nossa idade:
Tudo, então, era maldade,
Tudo, agora, é bizarria;
Houve, em tudo, hypocrisia,
Reina, em tudo, a liberdade!

Retrogrado

Liberdade?!... que enlevo!... que doçura
Encerra essa palavra abençoada!
Lamento que, entre nós, mande a loucura
Que haja a palavra, apenas, e mais nada!

Progressista

Oh! cegueira! Pois na imprensa
Não encontra um desengano!

Pois não vê que hoje um tyranno
Já não faz ao povo offensa?
Que tudo o que um homem pensa
Póde transmittil-o ao mundo?
Que hoje o pensador fecundo,
Concebendo altas ideias,
Desprende ao genio as cadeias,
E espalha o saber profundo?

Retrogrado

O saber?... Que illusão!... A livre imprensa
Não é mais, entre nós, que uma tontice:
Póde escrever, qualquer, tudo o que pensa?
— Arvorou-se o reinado da sandice! —

Progressista

O telegrapho, meu caro,
Que a electricidade move,
Não é coisa que lhe prove
O poder d'um genio raro?
Seja o tempo escuro, ou claro,
Cáia a chuva, ou sopre o vento,
Graças ao pasmoso invento,
Que a fama ao longe apregôa,
Uma noticia, hoje, vôa,
Como vôa o pensamento!

Retrogrado

É famosa invenção!... E duradoura,
Se arriscada não fosse a mil vexames:
Se um garoto, na mão leva a tesoura,
Corta o progresso, que anda por arames!

Progressista

E o vapor, velho teimoso,
Nem esse o peito lhe aquece?
As vantagens desconhece
D'esse invento magestoso?
Não vê que o mar, furioso,
Se curva a tal maravilha?
Que uma nau, a vapor, brilha,
Navegando até Benguela,
Em quanto um barco de vela
Anda apenas meia milha?

Retrogrado

E o risco não é mais? — diga a verdade! —
A presteza é maior; — mas em resumo,
N'esse caso, o que é mau é realidade,
E o que é bom... é vapor... ou antes... fumo!

Progressista

E que diz das ferreas vias,
D'essa grande maravilha,

Estranha á sua cartilha,
Tão brilhante em nossos dias?
No gozo das regalias
Que essa invenção nos promette,
Póde ir... ao *Monte Olivete,*
Ou mais longe, e não se move!...
— Sahe d'aqui no dia nove,
Chega lá... no dia sete!

Retrogrado

Pois, se anda para traz o tal carrinho,
De tão grande vantagem não preciso;
Mas... inda que a voar vença o caminho,
Já lá vão encontrar o seu juizo!

Progressista

Assim me diz que sou tolo,
Um retrogrado caturra?
— Pois eu não desço da burra
Sem limpar-lhe esse miolo:
Dava-lhe, até, muito bolo,
Se não respeitasse a idade;
Mas diga — e falle verdade,
Nossos paes que nos legaram?
Que vantagens nos ficaram
Dos heroes da antiguidade?

*

Retrogrado

Que vantagens? — Não sabe? — caro amigo —
Pois saiba, e desengane este bom povo:
— O que é solido, e bom — é tudo antigo,
O que é fumo, e loucura — é tudo novo.

Progressista

Não falle d'essa maneira!
Aponte uma coisa boa,
D'esses tempos, que apregôa,
Do rabicho e cabelleira!
Coisa — que não seja asneira —
Que tivesse então valia,
E que mereça, hoje em dia,
As honras do nosso culto:
— Algum escriptor de vulto,
Ou na prosa, ou na poesia! —

Retrogrado

Na poesia? — *Camões*... — não foi poeta?
E não vale o *Bocage* alguma cousa?
— Em prosa?... Não será coisa selecta,
De grande vulto, o *Frei Luiz de Sousa*?

Progressista

Oh! que eternos massadores
Os taes poetas da gemma!...

O *Camões* tem um poema,
Em dez cantos semsabores:
Bocage, cantando amores,
Nada mais foi que um pateta:
Tocou da vaidade a meta,
De papel encheu mil resmas,
E as ideias... sempre as mesmas...
Porque nunca foi poeta!

Retrogrado

Que blasphemia, senhor! Ai, que peccado!
Em taes homens o genio desconhece?!
Basta... que póde ser excommungado...
E em prosa?... o *Frei Luiz,* que lhe parece?

Progressista

Frei Luiz, foi uma praga
Sobre o bom senso cahida,
Quando quiz contar a vida
D'um *Arcebispo de Braga:*
O bom gosto, alli, se estraga;
Sem acção, sem unidade,
Ficções, em vez de verdade,
Que tem essa historia chula?
Por baixo do frade, a mula,
Por cima da mula, o frade!

Retrogrado

Oh! pelo amor de Deus! Siga outra via,
Que essa leva-o direito á vã loucura!
É hoje, na moderna *algaravia,*
Que nós temos a sã litteratura?

Progressista

Sim, senhor, vates aos centos,
Que das *Marilias* não fallam,
Nem o mau perfume exhalam
Dos da escóla dos *quinhentos:*
Hoje ha grandes pensamentos,
Canta-se em verso a belleza,
Do vasto mar a grandeza,
A rosa, a briza fagueira,
Lua, sol, e a terra inteira,
Tudo quanto é natureza!

Retrogrado

Grandes coisas se cantam! Disparates,
Que nem recreio dão, nem mostram veia!
Veja se quatrocentos d'esses vates
Podem, juntos, fazer uma epopeia?!...

Progressista

Uma epopeia! Ora, amigo,
Mande a epopeia aos infernos!

Os *aquilões* e os *phalernos*
Sopraram, no tempo antigo!
Trouxe o progresso comsigo
Moda que melhor pareça:
Poemas não engrandeça,
Que a ninguem já dão a palma:
Hoje a poesia é d'alma,
A d'então foi da cabeça!

Retrogrado

Decantada razão! Razão suprema!
Se, então, foi da cabeça a poesia,
Ninguem póde escrever hoje um poema,
Pois cabeças não ha que então havia.

Progressista

Basta, amigo, não se cance!
Bem vê que apregôa a fama
A cada canto um bom drama,
A cada esquina um romance:
Com obras de tanto alcance
Faz-se a nação conhecida:
A mocidade instruida,
Deixando a mythologia,
É grande quando copía
As scenas d'intima vida.

Retrogrado

Em lugar do saber, ha hoje orgulho!
Sem preceder d'estudo um anno inteiro,
Faz-se um romance, um drama de barulho,
Copiando uma bulha de soalheiro!

Progressista

Qual soalheiro?! Pois o mundo,
Que é tão vasto e variado,
Não póde ser explorado
Por um pensador profundo?!
Junta-se ao quadro jucundo
Um quadro de desventura,
Riso e pranto, de mistura,
Ligados com artificio,
E assim se corrige o vicio:
— Isto é que é litteratura! —

Retrogrado

Mas eu vejo que, apenas sahe da escóla
Já faz qualquer mancebo espalhafato,
Dá, pelos botiquins, muita parola,
E ganha fama, assim, de litterato!

Progressista

Muito bem! Pois isso prova,
Ao fossil mais rabugento,

Que o céo tornára o talento
Vulgar, na geração nova!
Já não vem perto da cova
O entendimento maduro:
Tudo é progresso — eu lhe juro,
Se o não vedar a preguiça,
Que ha de fazer-nos justiça,
Dar-nos valor, o futuro.

Retrogrado

O futuro! — meu caro — isso é brinquedo!
Não se faz a conquista sem estudo!
— Creia que morrerão juntos, e cêdo,
Esses homens, seus nomes, obras, tudo!

Progressista

Olhe, amigo, tal massada
Já me vai aborrecendo:
Eu sou forte, não me rendo
A uma praça estropiada;
E, se não consigo nada,
Cansar-me, em vão, é tontice:
N'uma criança a perrice
Resiste mesmo ao castigo;
E eu supponho-o, meu amigo,
Na segunda meninice!

Retrogrado

Triumphe a asneira, então, porque é prudente
Quem mais juizo tem, ser mais calado;
—Vá gozando as delicias do presente,
E deixe-me, a chorar, pelo passado.

EPIGRAMMA

Um sujeito, em mim attento,
Vêr um mau homem, dizia.
—Reflectiam, como espelhos,
Certos botões que eu trazia.

NO ALBUM

DE D. MARGARIDA CANDIDA D'ARAUJO MARTINS

TRIBUTO

Com tributos calcado, o pobre povo
Bradava contra os duros oppressores,
Quando no Album surgiu tributo novo,
Lançado sobre os tristes escriptores.

Aquelle que, d'orgulho possuido,
Á luz publica dava o que escrevia,
Sem mover compaixão, foi compellido
A vir aqui pagar tanta ousadia.

Seu dominio excercendo, o patronato
O rico protegeu, vexando o pobre;
Perante o seu poder, despota, ingrato,
Não vale, em genio, ser plebeu ou nobre.

O rico, por dever mais tributado,
Mais avaro se faz da intelligencia;
E com seu nome, só, que offerta ousado,
Da tributaria lei cala a exigencia.

Do pobre a condição, sempre mais dura,
O sujeita a esgotar parco thesouro;
Que o nome obscuro, só, ante a censura,
Lhe ganha de vaidoso o atroz desdouro.

E o Album, cobrador d'esse tributo,
Recebe, alegre, o nome do opulento,
Em quanto ao cabedal mais diminuto
Mais pretende extorquir no pagamento.

E eu, multado por vós — embora sóbre
Desejo de cumprir — pagar não posso.
O cofre do talento, exhausto e pobre,
Já não póde preencher desejo vosso.

Desculpai-me, senhora! — o negro acinte
Não me faz esquivar a tal *derrama;*
Que é lisonjeiro o ser *contribuinte,*
Quando é *recebedor* mimosa dama.

POR OCCASIÃO DA ASCENSÃO DOS DOIS AEREONAUTAS, MR. POITEVIN E UM JUMENTO, NO PORTO, NO DIA 23 D'AGOSTO DE 1857

SONETO

Intrepido francez! — Bem mal conheces
A terra onde augmentar tentas a gloria!
Não deixarás aqui longa memoria,
Nem applausos terás — que os não mereces!

Se, um burro ao ar erguendo, te engrandeces,
Lá na França, onde tens fama notoria,
Basta que esse paiz te dê na historia
O lugar que te deve, e que appeteces:

Embora um asno aqui suba comtigo,
Só porque vaes com elle, exposto aos ventos,
Entre essas multidões achas abrigo:

Vai mais longe mostrar os teus inventos,
Que é costume, no Porto, muito antigo,
Subirem, mais que os homens, os jumentos.

A UM DOUTOR

Que a pobre, atormentada humanidade,
Se desforre uma vez co'a faculdade.

GARRETT — *Fabulas e Contos.*

Meu doutor! A tua fama
Já não póde ir mais além;
Muitos a *cantam*, na cama,
Pungidos, d'ancias que tem:
Por teu engenho assombrados,
Conservam-se outros calados,
Que fizeste emmudecer,
E, á medicina rendidos,
Jazem por terra estendidos,
Em honra do teu saber!

Nos discursos, retumbante,
Difficil de traduzir,
Nunca te falta um pedante
Que pasme, só de te ouvir;
Inchando, então, as bochechas,
De vento cheio, não fechas
A torneira aos palavrões,
Que, em perdigotos envoltos,
D'esse charco immundo soltos,
Vão fugindo, aos encontrões!

Cavalgando a velha mula,
Que fórma, comtigo, um par,
Levas a sciencia nulla
Onde a mula te levar:
Da morte ás portas, o enfermo,
Para achar ao mal um termo,
Que receites basta só;
E deixas, na despedida,
A familia tão sentida
Que, saudosa, veste dó!...

Se divagando nas ruas,
No meio da multidão,
Se curvam ás plantas tuas
Muitos, que passando vão,
São sacristães, armadores,

Cereeiros, esculptores,
Que encontras aqui e alli;
São padres que, sem estudos,
Nédios, sempre, e rechonchudos,
Mais que um pai acham em ti.

Tens monumentos em vida
Que, mortos, sabios não teem;
Não vês uma lousa erguida,
Vês uma duzia, vês cem,
Ganhas todas n'um momento;
Que te rende um monumento
Cada receita que dás;
Não esperas pela historia,
Tens, em vida, a tua gloria
Fundada n'um « aqui jaz! »

Se estupido alguem te chama,
Perdôas, ficas a rir;
Que, depois de ganha, a fama
Vai-se augmentando, a dormir:
Tu dormes para a sciencia,
Mas gozas d'alta ascendencia,
Sobre os loucos, qual tu és;
E, embora o genio falleça,
Tu conheces que a cabeça
Faz menos bulha que os pés.

E immensas patadas dando,
Mais largo terreno tens,
Pelo qual vaes caminhando
Á posse de largos bens:
Em quanto os que genio ostentam
D'ar e vento se alimentam,
Engordas, e tens vigor;
E, se os sabios te diffamam,
Para os parvos, que te chamam,
És, como aquelles, doutor!

Falla de ti a gazeta,
Como dos sabios, ou mais;
Pelo ouro triumpha a pêta,
Seu poder não tem rivaes:
Se curas, ganhas imperio;
Se matas, no cemiterio
Teu crime escondido jaz;
E, se sahe, tens a certeza
Que hão de mover-te a defeza
Razões *de peso,* que dás.

Que tem que o teu nome seja
Um ludibrio para alguem,
Se tu dizes que da inveja
O que outros dizem, provém?
Que importa aos mais, que á ventura

Tu devas alguma cura,
Que a reputação te dá?
Se matas, de que tens medo?
Os jornaes *guardam* segredo,
E os mortos não tornam cá.

Meu doutor, a tua fama
Já não póde ir mais além;
Muitos a *cantam,* na cama,
Pungidos d'ancias que teem:
Por teu engenho assombrados
Conservam-se outros calados,
Que fizeste emmudecer;
E, á medicina rendidos,
Jazem por terra estendidos,
Em honra do teu saber.

*

DESPEDIDA

Quaes píão pela Mãi os pintainhos,
Assim chama por ti toda esta gente,
Parentes, convidados e visinhos.

GARÇÃO.

Adeus, anjo d'amor, a quem outr'ora
Como louco adorei! — Não posso agora
Prestar-te adoração!
Roubou-te aos olhos meus a moda estulta
Que, bem a meu pezar, te guarda occulta
No seio d'um balão!

Debalde, lá no centro d'essa bola,
Chiando, como passaro em gaiola,
Imploras compaixão;
Que, d'alheio contacto defendida,
Não vai piedosa mão salvar-te a vida
Ao bojo d'um balão!

Lá n'esse globo teu, largo e rotundo,
Não inspiras amor; — vives n'um mundo
D'arame e papelão!
Qual no sino, a tocar, soffre o badalo,
Soffre teu corpo ahi continuo abalo
Na bocca d'um balão!

Em vão inda hoje amar tentas, incauta!
Não sabe dar o amor, como aereonauta,
Aos balões, direcção;
E amor, tão caprichoso e delicado,
Entregar-se não quer, abandonado,
Á sorte d'um balão!

Já não pódes d'amor soffrer o ataque;
Não faz a setta sua ao *merinaque*
Nem leve contusão!
É reducto que assusta o mundo inteiro;
Que não póde a mulher ser fogareiro
No ventre d'um balão!

Foi-se aquella elegancia, em que eu fitava,
Ardente, os olhos meus: — hoje és escrava
De mais louca paixão!
Quanto foste elegante, hoje és redonda:
Debalde te baloiças como a onda
No fundo d'um balão!

Já não vão, como d'antes, mil suspiros,
Em cardume, velozes como tiros,
Ferir-te o coração!
Hoje, assim, com as velas enfunadas,
Tens, em vez de suspiros, gargalhadas,
Em torno do balão!

Morreste para amor! — Maldita moda,
Que te fez a cabeça andar á roda,
E perder a razão;
Maldita, que depois de vêr-te louca,
Fez-te cega, tambem, tornou-te mouca,
E inventou o balão!

O progresso, entre nós inda inexperto,
Não fez o que tu vaes fazer, de certo,
Banir o carroção;
Que hão de todos os bois gordos, possantes,
Empregar-se em puxar, com bons tirantes,
A mulher e o balão!

Debalde suspiro agora
Por um anjo que perdi,
E que amei, quando, cá fóra,
Tão cheio d'encantos, vi! —
D'essa bola azabumbada
Foge, foge, oh minha amada,

Vem dar-me na terra um céo!
Não quero vêr-te perdida,
N'essa maquina mettida,
Como em boceta o chapéo!

Despedaça esses arames,
Vem ser livre como eu sou;
Lá dentro, por mais que chames,
Não vences, que eu lá não vou! —
Mas... tu foste aqui rainha,
E has de assim, triste, e sósinha,
N'essa gaiola acabar? —
Vem gozar terra mais larga!
Se a moda te pôz a carga,
Lança tu a carga ao mar!

Se inda tens um peito amante,
Se inda pulsa o coração,
Surge, bella e radiante,
Da campa de papelão!
Não queiras que eu grave n'ella:
« Aqui jaz uma donzella,
« Que foi, cá fóra, o meu bem:
« Matou-a a moda maldita:
« — Foi pena, que era bonita,
« Mas era louca tambem! »

E se não vens, desgraçada,
Não queiras lá viver só;
Que ao vêr-te, assim, isolada,
Morro de mágoa e de dó!
Deixa embora o mundo antigo,
Mas que vá viver comtigo
A familia que tens cá:
Não lhe negues teu auxilio,
Que é bem vasto o domicilio,
Cabe uma cidade lá!

Se ahi não chega o meu pranto,
Nem ouves o chôro meu,
— Porque este mundo é um canto
D'esse largo mundo teu —
Ouve os apupos do povo,
Que ao vêr esse mundo novo
A correr sobre dois pés,
Com a mente desvairada,
Póde, no fim da apupada,
Desfazel-o a pontapés!

N'UM ALBUM

SONETO

N'um album escrever é negra empreza,
De que o vate jámais sahe triumphante!
— Se é no canto singelo — é ignorante,
Se é pomposo — renega a natureza:

Se não cita ninguem — mostra pobreza,
Se faz mil citações — é um pedante; —
Se é prodigo em louvor — é repugnante;
Se não louva — não tem delicadeza.

Se dá cantos d'amor — é um baboso —
Se em prosa escreve, só, — quer ser rogado —
Se escreve em prosa e verso — é orgulhoso —

Se enche muito papel — é desalmado —
Se breve assumpto escolhe — é preguiçoso —
Se recusa escrever — é mal-criado.

A UM DENTISTA

QUE PERCORRIA AS RUAS DO PORTO, A CAVALLO,
TIRANDO DENTES

Não pretende ajuntar fundo
Co'os grandes segredos seus;
E cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deus
Os dentes a todo o mundo.

N. TOLENTINO.

Se póde um mortal ousado
Subir da alimaria ás ancas,
Em que anda o *genio* montado,
E de lá em trovas mancas
Elevar ao *genio* um brado; —

Se arvorar póde a bandeira
Quem no engenho é tão pequeno
Como és tu grande na asneira,
Mas que, ao teu mais leve aceno,
Póde erguer muita poeira; —

Se d'entre mil concorrentes,
De quem applausos conquistas,
Póde um, dos mais reverentes,
(Que, por fugir aos dentistas,
Conserva todos os dentes),

Erguer-se, cheio d'espanto,
Pelos milagres que fazes,
Que envergonham qualquer santo,
— Deixa lá esses rapazes,
DULCAMARA, ouve o meu canto!

És um heroe, sem segundo,
É grande teu nome ingente!
Teu saber é tão profundo,
Que, por ter que dar ao dente,
Deixas sem dentes o mundo!

De *pintos* enchendo o papo
Com ligeireza notoria,
Como artista que és, guapo,
Déste, para tua gloria,
No fossilismo um sopapo!

Dentista por excellencia,
Teu grande engenho mostraste,
Tua vasta sapiencia,
Quando um burro associaste
Á tua egregia sciencia !

Tão nobre fraternidade,
Tornará teu nome eterno ;
E, por tanta heroicidade,
No céo, na terra, no inferno
Terás a immortalidade !

Não é crivel que se tope
Um talento abalisado,
Tão digno d'um novo *Hyssope,*
Como tu que, bem montado,
Tiras dentes a galope !

Espantam-se o sol e a lua,
Por verem que é um theatro
De teus feitos, cada rua ; —
Que andar a *sciencia* a quatro,
N'esta terra, é obra tua !

Que importa que ao forte braço,
Que empunha o ferro potente,
Ceda o enfermo, n'um abraço,
E, ao passo que sahe um dente,
Fuja do queixo um pedaço?

Que importa, se, onde eu não chego,
A dar-te fama notoria,
Vaes ao turco, ao indio, ao grego,
Mostrar, por trophéo de gloria,
A queixada de um gallego?!

Que importa que brade a inveja
Contra ti vociferando,
Se, em quanto que ella moteja,
O mundo vaes desdentando,
E a estupidez te festeja?

És do progresso um agente,
Que, em vez de fôfas toalhas,
E bacias d'agua quente,
Sobre um burro, só trabalhas,
Porque não te soffre a gente?

Tens mais grande clientela
Que os dentistas rabugentos ;
Porque tens uma *gazella,*
E, em vez de mil instrumentos,
Precisas só de uma sella.

Não póde a maledicencia
Dar ao teu credito abalo,
Diga, embora, sem consciencia,
Que, pondo a *sciencia* a cavallo,
Has de apear a *sciencia !*

Que o estupido aguadeiro
Que, estrondoso, solta um urro,
Ao largar um queixo inteiro,
Se escapa ao couce do burro,
O leva do cavalleiro!

Deixa-os lá, não lhes resistas,
E, com teu *genio* fecundo,
Vai fazendo mil conquistas,
E ao mundo mostra que o mundo
É dominio dos *dentistas.*

VIROU-SE O MUNDO!

O dinheiro tolheu tudo,
Alma, coragem, valor,
Independencia, lisura,
Honra, vergonha, bravura,
Nobreza, fé, e primor.

C. Castello-Branco.

O mundo está virado, e até no forro,
Se na capa não tenta achar soccorro,
As nodoas patenteia, com que outr'ora
Tão ascoroso estava, já, por fóra!
Temendo polluir-se, o homem honrado,
Que não quer, como o mundo, ser virado,
Foge-lhe, e vai buscar na sepultura
Outra terra melhor, por ser mais pura,
Que o não manche de lodo, vil e immundo,
Com que manchado via todo o mundo!

Anda tudo ás avessas! A virtude
Já por aqui não acha quem a ajude

A ostentar-se, vaidosa, além do crime,
E começa a torcer-se, como um vime,
Tomando fórmas taes que, assim torcida,
Com o vicio vai sendo confundida;
E o mundo, que por ella tem desprezo,
Encontral-a só cuida onde acha *peso!*

Virada foi tambem a linguagem!
A « *honra* » — lindo termo — fez viagem,
Deixando em seu lugar outro, o « *dinheiro* »
Que é, para os egoistas, lisonjeiro:

« *Egoista* » que então significava,
Aquelle que sómente em si cuidava,
Tem mais ampla accepção, e foi variado,
E « *homem* » significa assim mudado:

« *Sabio* » era um vocabulo famoso,
Para quem o attrahia, muito honroso;
E hoje, para o que é da moda amante,
No lugar que era seu, vê-se o « *pedante* »,
Termo que nos parece pouco usado,
Por andar com o « *sabio* » misturado:
Agora « *sabios* » são mil escriptores,
Sou « *sabio* » eu, e vós, caros leitores,
Se distinguis, com rapidez pasmosa,
O chôcho verso, da estafada prosa,

« *Sabios* » tambem já sois, e ninguem diga
Que o senso tendes, só, que é coisa antiga.

« *Catão* », tendo morrido o tal romano,
Que um valor ostentára, sobrehumano,
Em « *tacão* » se mudou; por isso, agora,
Muitos, que dizem ser « *Catões* » d'outr'ora,
Vêmos hoje fazer longas derrotas,
Por debaixo dos pés de quem traz botas,
Arrastando o que teem, fingido, orgulho,
Na alma, na poeira e pedregulho;
E é cheio de « *tacões* » o mundo inteiro,
Pois confundem « *Catões* » — « honra » e « dinheiro ».

Era um termo bonito e antigo « *meio* »
Que á nova geração parece feio,
Porque nos faz lembrar coisa partida,
Sómente em duas partes dividida;
E visto que era assim, tão imperfeito,
Foi adoptado o « *fim* », que é mais direito;
E quem despreza a linguagem brusca,
O « *fim* » procura, só, « *meio* » não busca,
Resultando d'aqui, ao seu destino
Mais depressa chegar o que é mais fino.

E « *fino* », que era d'antes o atilado,
Em « *traficante* », ha muito, foi mudado,

E com razão; que além de ser ensôsso,
Opposto era tambem ao termo «*grosso*»,
E o «*grosso*» vê-se agora em mais altura,
Riqueza, distincção, tudo o procura;
De mais, não era o «*fino*», só, bastante,
Por synonymo tem o «*traficante*» —
E não se deu ao termo mau destino,
Pois não teme qualquer passar por «*fino*».

«*Christão*», termo que então significava
O que missas ouvia, o que rezava,
A «*carola*» passou e hoje é «*carola*»,
Quem reza, e dá aos pobres muita esmola,
Talvez porque abre assim o seu thesouro
O que é n'alma judeu, nas acções mouro,
E tenta por «*christão*» ser conhecido; —
Por isso, foi o termo confundido,
E, vendo o homem, com contas e saccola,
Ninguem diz se é «*Christão*» ou se é «*carola*»;
Mistura que da lingua vai dar cabo,
Por confundir o santo com o diabo.

Mudado tudo está e, tarde ou cedo,
A gente de fallar ha de ter medo;
Será tudo mudez na terra inteira,
Mas não se ha de escutar tão vasta asneira.

N'UMA DOENÇA

Tal medo uma da outra concebeu,
Que aonde a Medicina appareceu,
É logo — n'um momento
Foge a saude, mais veloz que o vento.

GARRETT — *Fabulas e Contos.*

Tudo me rala e amofina,
Na cama onde estou deitado;
Mas, sujeito á disciplina,
Sou firme, como um soldado,
Ás ordens da medicina.

Da molestia inda não pude
Na origem metter o dente;
E, por mais que n'isso estude,
Eu só sei que estou doente,
Porque não tenho saude!

*

E mais de raiva me inflamma
Vêr que a doença mofina,
Que me prende, aqui, na cama,
É do meu corpo inquilina,
E não sei como se chama!

Nem me vem ao pensamento
Como com ella me entenda;
Pois fez em mim aposento,
Sem que tenha pago a renda,
Sem ter feito o arrendamento!

Da minha dôr se alimenta,
Não cede, não dá a orelha;
E, na teima, violenta,
Quanto mais vai sendo velha,
Mais vai sendo rabugenta!

Pede caldo de gallinha,
Com vacca, só, misturado,
Sem sôpa, nem cevadinha;
E, do quarto recatado,
Quer governar na cozinha!

Da comida appetitosa
Nem mesmo consente o cheiro;
Quer dieta rigorosa,
Mas exige do enfermeiro
Que lh'a torne saborosa!

Vota sempre ao abandono
Distracção que, desejada,
Vem, de dia, em seu abono; —
De noite, só, isolada,
Se revolta contra o somno!

E em seu modo, em tudo vario,
Torna-se, ás vezes, grosseira,
Para alguem que, voluntario,
Vem, por causa da caseira,
Visitar o proprietario!

Mais tarde, se está sósinha,
Vem de novo a impaciencia,
Na solidão se definha,
E, triste, lamenta a ausencia
Dos que ha pouco ao lado tinha!

Em vão, da porta da rua
A via ensinar-lhe tento! —
Se n'isso lhe fallo, amua:
— Fez no meu corpo aposento,
Julga-o propriedade sua!

Contra a situação terrivel
Não dão as leis poderio;
Nem suppõem coisa plausivel
Que expulse o bom senhorio
Uma inquilina insoffrivel!

Se da sciencia o apoio aceito,
Em vão sua força emprega;
Que, faltando-lhe ao respeito,
De mandal-a embora nega
Á medicina o direito!

Contra os *systemas* bravia,
Se, com modo meigo e terno,
Vem fallar-lhe a *Homœopathia,*
Repelle-a, porque no inverno
Não se dá com agua fria.

Inimiga da etiqueta,
Se a *Allopathia* lhe ensina
Que ás suas leis se submetta,
Ella accusa-a d'assassina,
Junta aos autos a lanceta!

Debalde, com modo arteiro,
Lhe expõe *Raspail* o contracto
De mudança, que eu requeiro; —
Diz que lhe incommóda o olfato
A medicina de cheiro.

A ameaça já não basta
Porque é forte, não tem medo;
E no meu corpo se engasta,
Como a lapa no rochedo,
Como o ministro na pasta.

Contra tudo se rebella,
Ninguem d'aqui a desterra;
E eu, que aborreço a tutela,
Não sei vencêl-a na guerra,
Nem viver em paz com ella!

Ninguem diz por onde entrára
Esta caseira bravia,
Que o senhorio enganára;
Pois lhe faz má companhia,
Que, inda assim, paga bem cara!

E se não quiz, por meu mal,
Acceitar a despedida,
Da rua pelo portal,
Vou apontar-lhe a sahida
Pela porta do quintal!

Com a sciencia, n'este instante,
Pactuei nova alliança!
Já tenho as armas diante!
Fóra a inquilina! Vingança!
Sáia, ás ordens do laxante!

EPISTOLA [1]

.....
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos Deuses vãos, surdos e immotos.
CAMÕES — *Lusiadas*, cant. x.

Senhora! Julgaes vós coisa pasmosa
Que *Saturno*, o sisudo e *sabio* velho,
Que do imperio do mundo as redeas tinha,
Viesse á terra, agora, e por tarefa
Tomasse o castigar o vicio, o crime,
E dos loucos zombar, em chôchos versos?
Mas se ha tantas, aqui, metamorphoses,
Porque havêl-as não ha de lá no Olympo?
— Sabei que me dou bem, cá pelo mundo,
Sem outro dissabor, sem outra pena,

[1] Esta poesia foi publicada em um jornal do Porto, sob o pseudonymo — *Saturno*.

Além da soledade em que me vejo,
E que vai terminar em breves dias.

Ao Olympo já fui, como visita,
Depois que vivo aqui, entre os humanos: —
Aos *Deuses* fiz saber como na terra
Viver-se póde, com prazer infindo,
E assim pude engajar, dos companheiros
Alguns, que d'ambição vi susceptiveis: —
Á terra vão descer, pois, alguns *Deuses*
Que, cedendo, com gosto, ao meu convite,
Pretendem vir gozar as mil delicias
Que eu lhes soube pintar, com vivas côres;
E não teme nenhum que o mundo, ingrato,
Se atreva a recusar ás *divindades,*
Gozos que aos loucos dá, que aos maus offerta.

Reunida em conselho a nobre sucia,
Longo discurso fiz, mostrando a todos
A ventura sem par, o infindo gozo
Que o mundo a todos elles promettia:
— E, com quanto d'aqui levasse o vicio,
Nefando corruptor da linguagem,
E a grammatica, ás vezes, offendesse —,
Mil applausos colhi, como succede,
Entre os homens, tambem, no parlamento:
Pesadas as razões, de peso enorme,

Cada qual decidiu, entre apoiados,
Um destino seguir; — eis seu futuro:

Jupiter, filho meu, que n'outras eras
Fôra, como rapaz, extravagante,
E sagaz seductor de bellas nymphas,
Como são, por aqui, velhos sisudos,
Prudente agora está: — mas, succedendo,
Porque me aprouve assim, no meu reinado,
Inda agora sustenta a louca embofia,
Que os filhos teem, aqui, d'aurea nobreza,
E impôr-me a condição de ter-lhe certo
Um cargo, em que pudesse expedir ordens,
E ser, como lá fôra, obedecido:
Satisfiz-lhe a exigencia, e o meu morgado
Governador civil vem ser, contente:
E meu mano *Titan,* que está já velho,
Em vez da conesia, a que aspirava,
Secretario vem ser, que é quasi o mesmo.

Neptuno, dos meus filhos o mais fresco,
Pelo gosto que tem, d'andar sobre agua,
Desejou vir, aqui, ser almirante;
Mas sabendo, mais tarde, que a marinha
Em droga ha muito deu, cá n'estes reinos; —
Que a barcaça dos banhos, sobre o Douro,
É o vaso melhor da lusa esquadra,

De tenção já mudou, e pretende hoje
Um navio montar, forte e veleiro,
Em que possa, sulcando os vastos mares,
O trafico exercer da escravatura;
— Excluindo, comtudo, a raça negra,
Porque a branca é mais docil, e ás marradas
Não sabe resistir a seus *senhores:* —
Das leis nenhum receio tem *Neptuno,*
Visto que é seu irmão authoridade;
E conta, com razão, em poucos annos,
Um millionario ser, ser um visconde,
Dar as cartas, depois, n'este joguinho,
Tão usado no mundo, e em que só perde,
Quem não tem que perder — o pobre povo.

Plutão, que dos infernos é monarcha,
Monarcha ha de aqui ser, em certo bando,
Que notavel é só pela rapina;
E como soube lá, com risco immenso,
Proserpina roubar, chamar-lhe sua,
Roubará por aqui, ousado e livre,
Moças, que á seducção fugir não sabem;
E vendendo a *Neptuno* as illudidas,
Como quem vende ovelhas, em manada,
Cobrando uns tantos reis por cada *fardo,*
Engajador será d'alto coturno;
E com — *Minos* — *Eaco* — e *Rhadamanto,*

Que seus juizes são lá nos infernos,
A rêde lançarão com tanto engenho,
Que não escapará mulher perdida,
Criada de servir, boçal ou fina,
E menos a innocente, abandonada,
Que apenas contar possa a duzia d'annos,
Visto prática ser, já no commercio,
Buscar-se, para embarque, a fruta verde...
—D'este modo, o navio de *Neptuno*
Inda mais levará do que vai hoje,
Da *classe* que passou a ser *fazenda;*
E, com a protecção do mano *Jupiter,*
Ha de, tambem, *Plutão,* como outros muitos,
Das leis escarnecer, tornar-se rico.

Vulcano, embora côxo, negro e feio,
Lá no Olympo não quer ficar sósinho;
E, sabendo que o mundo está repleto
De ricos immoraes, de criminosos,
Achou n'esta noticia a causa justa
Para vir, como lá, ser cá ferreiro;
Suppondo grangear bens de fortuna,
Essa gente a marcar com ferro quente,
Cobrando alguns vintens por cada marca;
Mas, informado, em fim, de que na terra
São esses os que teem mais importancia;
E, se marcados são, não é nas costas,

Mas sim no peito vil, — em que se emprega
Em vez do ferro quente, a prata fria —
O plano abandonou, sem que abandone
A violenta paixão pela arte sua:
Virá, pois, inda assim, lidar com ferros,
Sem comtudo malhar em ferro frio,
Pois sabe fabricar moeda falsa;
E, embora enriquecer não possa em breve,
Por ser já grande á *arte* a concorrencia,
Encobrirá, de certo, a fealdade
Que, zombando, lhe dera a natureza;
Será conquistador de bellas damas,
A quem *dourada* côr sempre fascina;
E terá, por desculpa, a que fôr d'elle,
Nos tribunaes d'amor, sendo accusada,
Que de *Vulcano* a mão já foi de *Venus,*
Que não tinha rival em formosura.

Mercurio, o macacão d'astutas manhas,
Dos *Deuses* confidente, e mensageiro
D'amorosas empresas, arriscadas,
Conta viver, aqui, das más industrias
De que vivem alguns que eu já conheço:
Dos grandes na amizade confiando,
Levando aqui, e alli os mexericos
Da intriga, em que é já lente, e jubilado,

Espera assim tornar-se homem preciso,
E com a protecção dos homens grandes,
Encobrir, por dinheiro, o contrabando,
Passar, em grande escala, a moeda falsa,
A justiça torcer como convenha,
Despachos conseguir para os vadios,
Servir, tambem, de capa aos *batoteiros,*
Como lá, ser aqui o *Deus de todos*. . .

Apollo, o excelso heroe, e gran *maestro,*
Que preside no Olympo ás harmonias,
Vem cantar as acções dos outros *Deuses,*
Que dignas hão de ser dos bellos cantos;
Mas sabendo que a lyra, cá por baixo,
De todo se tem já prostituido;
Que os sons, que hoje produz desafinados,
Arranham cruamente ouvidos puros,
E ao vicio agradam, só, que lisonjeiam,
Mandou-me encommendar um *cavaquinho;*
E encostado ao balcão d'immunda tasca,
D'esse instrumento ao som, tocando o *fado,*
Os heroes levará da gloria ao templo.

Jano, que em seu favor tem duas caras,
Ser na terra infeliz jámais pudera,

Em quanto outros, que teem um rosto apenas,
Na algibeira cotão sómente encontram;
E cheio d'ambição, de gloria e d'ouro,
Da politica, só, viver pretende; —
Gazeteiro será, pois, no principio,
Ás ordens, sempre, de quem mais lhe pague,
Para não desprezar usos da terra;
E fazendo censuras d'encommenda,
Elogios banaes, encommendados,
Dois coelhos matará, dando um só tiro,
Gozando, quanto aqui gozar-se póde,
Ao passo que prepara um bom futuro:
— Dentro em pouco, subindo a bons empregos,
O diploma terá de deputado,
Conselheiro será, depois ministro,
E visconde, talvez, se a sua embofia
Distante o não trouxer d'outros viscondes.

Baccho, o grande ratão, córado e nêdio,
Já tinha a mala prompta, e o passaporte,
Contava acompanhar a bella sucia;
Mas sabendo, por via acreditada,
Que, depois que a *molestia* deu nas uvas,
Tolhendo ao mesmo tempo a authoridade,
Se bebem por aqui nojentas coisas,
Que dos vinhos a côr mostram sómente,

E se vendem assim por alto preço,
Em tisicos tornando os bebedores,
E hydropica a algibeira aos taberneiros,
A policia maldisse, que adormece,
Ou faz adormecer as leis e o povo,
A mala despejou, queimou a guia,
E lá ficou no Olympo o grande Baccho!

Eu, que vivo tão bem cá n'este mundo,
Tão pateta não sou que me retire;
E, como as leis da imprensa já conheço,
Montarei um jornal, comprido e largo,
Onde possa, espreitando alheias vidas,
Os passos publicar dos ricos *deuses;*
— Notarei, quando partem da cidade,
Dar-lhes-hei parabens quando voltarem,
Nomeando os amigos numerosos
Que ao bota fóra vão, que a espera fazem:
— Se um d'elles trinta reis der, por esmola,
Um hymno entoarei á caridade,
Bemdizendo em canções o philanthropo
Que do muito que tem faz tão bom uso;
E embora faça algum tremenda asneira,
Calcando as leis da honra e da decencia,
Gozando escandalosa impunidade,
Não ousarei soltar um triste pio,

Para não affrontar as *leis* da imprensa;
E grangeando, assim, mil assignantes,
Valiosos presentes recebendo,
Feliz hei de viver, como supponho,
Que *Jano* viverá, se fôr esperto.

E, se a vida, por cá, nos fôr propicia,
Mais tarde engajarei mil outros *deuses*.

N'UM ALBUM

MUITO PEQUENO

Diz Faustino de Novaes,
Que, por ter comprida a mão,
Tambem tem dedos, que são,
Na deformidade, iguaes;
E como enchem coisas taes
O pequeno Album que vê,
A seu dono pede que,
Se quizer obra melhor,
Lhe mande um Album maior,
— E receberá mercê.

*

LAMENTAÇÕES DE UM EMPRESARIO

(POESIA RECITADA PELO ACTOR ABEL, NO THEATRO DE S. JOÃO, NO PORTO)

N'este valle de lagrimas, triste
Choram todos, com pouca razão!
Quem da sorte aos baldões não resiste,
Não tem alma... não tem coração!

Que soffrer todos teem, d'hora em hora,
E, do mal, cada qual sente o seu;
Todos gemem, por fim, tudo chora;
Mas... por justos motivos... só eu!

Sim, só eu, porque sou empresario,
E, depois de uma vida de dôr
Morrerei, sem que o meu inventario
Dê tres *pintos* ao pobre doutor!

Sei que o Mundo — a Carne — e o Diabo
Inimigos são d'alma, por mal;
Mas de mim tres iguaes darão cabo: —
O cantor — o janota — o jornal!

Inimigos terriveis, que a vida
Em tormentos me fazem passar,
De prazer, de socego despida,
Sem um dia, uma noite, gozar!

Quantas vezes á perda caminho,
Quando penso a fortuna attrahir,
Porque vem por salario mesquinho
Os artistas que mando aqui vir!

Cuido ter já no bolso o dinheiro,
Ás imprensas, contente, vou já:
— « É preciso, senhor gazeteiro...
« Não ha tempo a perder... diga lá:

« Esta empresa merece louvores,
« Pelos meios que pôz em acção: —
« O tenor, entre grandes cantores
« *Ha cantato em la Scala, em Milão!*

« O barytono, o basso, e a dama,
« Nos salarios que teem cada mez,
« Bem se mostram artistas de fama,
« Dos que ao Porto não vem muita vez! »

Chega, em fim, essa gente *afamada,*
Vem o povo ao theatro, a correr;
Uma peça lá vai, mutilada,
Mas... nem manca se póde soffrer!

Um d'aqui, desafina! Outro berra!
Outro foge ao compasso! — Que horror!
Cá por dentro já tudo anda em guerra,
E é, por isso, inimigo — o cantor!

O janota, que os nomes conhece
De *Ronconi* — *Rubini* — e outros taes,
Contra mim a bradar se enfurece,
Promettento não vir aqui mais!

Mas, irado, outra noite cá torna,
Falla ás massas, põe tudo em acção,
Meia duzia d'amigos suborna,
Correm tudo a bengala e tacão!

E, contrario aos fieis assignantes,
Na paciencia de santos, que teem,
Eu declaro — e com causas bastantes —
O janota — inimigo tambem!

Se tudo isto, n'um curto recinto,
Não produz, contra mim, grande mal,
Venha a folha — e verão que não minto,
Proclamando inimigo — o jornal!

« Hontem foi assassinada
« Uma gloria musical!
« A peça foi mutilada,
« E assim mesmo correu mal!
« *Imposturini,* o contralto,
« Estendeu-se, ao dar um salto,
« Das nuvens até á lama,
« E, a gritar como uma vacca,
« Deu dois sopapos na fama:
« Como actriz, ũa macaca
« No palco, mais agradára!

« *Charlatani,* a coisa rara,
« O soprano abalisado,
« Parece um gato assanhado

« Ao dar as agudas notas; —
« Veio aqui vender-se cara,
« E não vale um par de botas!

« *Fanfarroni,* o grande basso,
« Que custou tanto dinheiro,
« Dá pinotes no compasso,
« Orneia como um sendeiro!

« *Parlapati,* esse portento,
« O barytono famoso,
« Sem força, voz nem talento,
« Quando canta, imita o *goso,*
« De noite, a ladrar á lua;
« Desafina horrivelmente,
« E, no fim, por mais que sua,
« Nada faz, porque não sente;
« Além d'isso está doente
« De uma chaga na garganta,
« E, insoffrivel quando canta,
« Como actor, é repellente!

« *Papeloni,* o mavioso,
« O tenor tão decantado,
« É, no vestir, descuidado;
« Inimigo da elegancia; —
« Cantando, tem a constancia

« De sempre desafinar;
« Pécco em maneiras, e n'arte,
« Dando a si louca importancia,
« Nem aqui, nem n'outra parte,
« O póde algum tolerar.

« Eis a grande companhia
« D'alto preço, imaginario,
« Que impingir-nos pretendia
« *Trampolini* — o empresario! »

Reparem, que rancor, que inimizade
Transpira este jornal, em quanto diz!
N'isto... de verdadeiro... ha só metade!
E eu... dando ao redactor entrada... a giz!...

Já não vem lá de fóra os *parvalheiras,*
Que os pintos, sem sentir, largavam cá!
E eu... sem dinheiro ter nas algibeiras,
Chegando o fim do mez, direi: — não ha!

Que triste posição! Isto horrorisa!
Que ha de um pobre empresario aqui fazer?...
Levar a companhia até Galliza...
Fazer cruzes na bocca... até morrer!...

E, ao fim de tanta vigilia,
D'uma vida de pezar,
D'um empresario á familia
Que riqueza ha de ficar?...
Cortinas d'olanda preta,
Sete espadas de folheta,
Um pote de vermelhão,
Trinta cadeiras de pinho,
Muitas fardas de paninho,
E um throno de papelão!

A UMA VELHA PRETENCIOSA

Juvenal, que em seus versos vale Horacio,
Boileau, que restitue os dois ao Pindo,
N'um sexo de virtude, e graça ornado,
Fero carcaz satyrico exhaurirão.

BOCAGE — *O Merito das mulheres.*

Encantam-me esses olhos inflammados,
E a pupilla subtil, que espreita ao canto;
Esse escarlate, de que são orlados,
Esse, ausente da dôr, continuo pranto;
Gósto de os vêr assim, quasi fechados,
Pois deve descançar, quem já viu tanto;
Agrada-me essa ausencia de pestanas,
Que me faz esquecer coisas mundanas.

Prendem-me essas madeixas — que um thesouro
Já seriam na fronte d'uma ingrata; —
E essa trancinha que, sem teu desdouro,
Da marrafa por baixo se desata;
Se os fragmentos não são cabellos d'ouro,
Bem lhes posso chamar fios de prata;
Apraz-me vêr, submissa, a natureza,
Lá de baixo, a espreitar d'arte a belleza.

Espanta as dimensões vêr, corpulentas,
Do nariz, que o teu rosto, assim, decora;
Commove, e faz sentir máguas violentas,
Copioso pranto, que, em silencio, chora,
E no pêllo macio sahe das ventas,
Dôce orvalho a imitar, da fresca aurora;
É bello o vêr a ponta, por despique,
Distillando rapé como alambique!

Esse buço, grisalho, e tão espesso,
Que sobre o chôcho labio se pendura,
No qual o insecto vil, fugaz, travesso,
Agasalho debalde não procura,
Não é, sómente, adorno d'alto apreço,
Não é só um realce á formosura;
Prova — se hoje o não és — que já tens sido
Granadeiro nas tropas de Cupido.

O rosado das faces, ornamento
De tão mimoso encanto á nossa vista,
Fórma, além da belleza, um monumento
Erguido em honra d'immortal droguista:
Jámais te empallidece agro tormento,
Embora o coração lhe não resista:
Só pállida te faz somno ligeiro,
Quando torna rosado o travesseiro.

É tua bocca um céo delicioso,
Adoral-a é pagar dôce tributo,
— Embora o fino olfato, escrupuloso,
Uma entrada a supponha d'aqueducto; —
Muralha de marfim, alvo e lustroso,
Os ataques defende do escorbuto;
E invencivel será, que, triumphante
Já serviu de defeza ao elephante!

É todo o corpo teu rara belleza,
Precioso modêlo d'esculptura,
Que tu, audaz, vencendo a natureza,
Conservas sempre em magistral postura;
É tão bella e tão rara a subtileza
Que altiva ostentas na gentil cintura,
Que é pena, em vez de carne, só ter osso,
Ser proxima visinha do pescoço!

Encanta, no teu collo alabastrino,
Essa alvura, devida aos pós de gomma;
Mais mimoso o não fez sinzel mais fino,
Na mais formosa estatua lá de Roma;
Devêra um collo assim, tão peregrino,
Resguardal-o do tempo uma redoma:
Do seio a elevação nos certifica
Que é barato o algodão, ou que és tu rica.

Niveo braço, que mostras, como gêlo,
Menos bello não é por descarnado;
Augmenta-lhe a belleza o hirsuto pêllo,
Quando o braço mimoso tens dobrado,
Porque me faz lembrar o cotovêlo
Retaguarda de frango depennado:
Um amplexo dos teus, bem mais que os nossos,
Levára a sensação até aos ossos.

D'esse elegante pé que, n'outras eras,
No *Minuete da Côrte* já brilhára,
Rival apenas póde ser, devéras,
O outro pé, que é seu par, perfeição rara;
E se, em lugar de dois, quatro tiveras,
Mais a tua belleza se augmentára:
Basta serem, por si, sem artificio,
Bases d'esse phantastico edificio!

Osseas columnas, que o pudor anceia
Por encobrir aos olhos dos profanos,
O imaginal-as, só, desliga a ideia
D'outras, que á vista dão gozos mundanos;
Desvairada a razão, d'espanto cheia,
Que existam não concebe, ha tantos annos,
Sem que esses que os botões vendem na tenda,
Te hajam proposto vantajosa venda.

Tantas graças te noto, e sou tão duro
Que fujo, se por ti sou requestado!
D'esta insistencia a causa, se a procuro,
Sómente n'esta ideia a tenho achado:
— Os olhos todos fitam no futuro,
E eu, fitando os meus olhos no passado,
Teria de saudade amargos dias!
Tu esperas... na vinda do Messias!...

Respeitoso me curvo ás tuas plantas,
Porque impulso me dás ao pensamento;
Venero o poder teu, porque supplantas
Do tempo rapido o poder cruento;
Porque avivas, em mim, memorias santas,
Porque és da antiguidade um monumento;
Porque pódes, se o dom tens da memoria,
Viva pagina ser d'antiga historia!

Quanto posso te dou — se não me inspiras
O sentimento que inspirar quizeras,
Não é crime que accenda as tuas iras
Seguir da natureza as leis austeras;
— Rendido aos teus encantos tu me viras
Se eu, comtigo, vivesse em outras eras,
Quando a teus pés, amante, se rendia
Affonso, o fundador da Monarchia.

A FOZ

..... por mais que eu pregue
São baldados meus officios,
Que ninguem jámais consegue
Marchar sobre precipicios
Sem que algum pé lhe escorregue.

N. TOLENTINO.

Formosa terra, bemdita,
Quantos inimigos tens,
Entre essa gente precita,
Que desdenha dos teus bens!
De ti, que és um paraizo,
Que só expulsa o juizo,
Na appetecida estação,
Quando, afflicta, a humanidade,
Vai lavar-se da maldade,
Nas ondas que vem e vão!

Molestia que a medicina
Não póde aqui sustentar,
Esse teu sol a fulmina,
Refrigera-a esse teu mar:
Dás á sciencia novos ganhos,
Que, a vêr o effeito dos banhos,
Torna ao enfermo a assistir,
E, na protecção do oceano,
Encontra, no resto do anno,
Fartos meios d'existir.

Encanto das raparigas,
Que ao luxo, só, querem bem,
Luxo que em teu seio abrigas,
Vai dos limites além!
California das modistas,
És o campo das conquistas
Que sabem, d'ouro, fazer,
Maridos e paes gravando,
Que as noites passam, velando,
Pelo futuro a tremer!

Fazes que nas tuas praias,
Das modas pela união,
Entre barracas e saias
Se não faça distincção:
Mandas que as sêdas custosas,

N'essas margens arenosas,
Mais cêdo busquem seu fim;
Mandas que fiquem perdidos,
Por bravas ondas lambidos,
Os sapatos de setim!

Na moda fazendo emendas,
Dás fórma varia aos chapéos,
Pondo n'uns vistosas rendas,
Em outros extensos véos;
E, do luxo vasto imperio,
Afugentas quanto é serio,
Loucura só tens ahi;
Que embora os males conheças,
Tu não curas as cabeças
Que doentes vão d'aqui!

Nos escabrosos rochedos
Um throno aos amantes dás,
Onde vão, mudos e quedos,
Sua amada vêr em paz;
Mas, vistas as damas n'agua,
Quantas vezes nasce a mágua
Da morte d'uma illusão,
Porque passada belleza
Deveu pouco á natureza,
Deveu muito ao algodão!...

*

D'essas que as burlescas scenas
Só desejam contemplar,
Quantas nas praias amenas
Seu porvir vão preparar!
Entre as barracas, sentadas,
Por tua gente ajudadas
Sustentam paixões reaes;
E, ás vezes, são as banheiras,
— No principio *mensageiras* —
De São Gonçalo rivaes!...

Mas é raro o bom destino
Que se encontra á beira-mar,
Como é certo o desatino
Em teu seio ir-se augmentar;
Que essas paixões d'improviso,
Sente-as, lá, quem o juizo
Deixou cá, n'esta estação;
E são varias, e inconstantes,
Como essas ondas que, errantes,
Agora vem, logo vão!

Vadios, só, por officio,
Sempre da sorte á mercê,
Muito luxo, muito vicio,
Eis o que hoje em ti se vê:
A vaidade, o pedantismo

Brilham, tambem, n'esse abysmo,
Para a mocidade, atroz;
Eu bem sei quantas trapaças,
Quantos males e desgraças,
Teem sua origem na Foz!...

Inda bem que a medicina,
Se algum dia é meu juiz,
Condemne-me, embora, á tina,
Que ás ondas vá, não me diz;
E, em quanto alguns, enganados,
Que andam cá pouco lavados,
Vão no mar manchar-se mais,
Eu supplico a Deus immenso,
Que inspire ás filhas bom-senso,
Juizo, e vergonha, aos paes!...

A UM NOVO POETA

SONETO

Quem te inspirou, amigo, a louca ideia
D'ir o cysne imitar, com voz de cuco?
Teus versos meigos são — mas não teem succo;
Mina de rimas tens — mas falta a veia:

Se desejas ter d'ouro a bolsa cheia,
Tentar ganhal-o assim, é ser maluco;
Cava-o na estrada, á ponta de trabuco,
E elle te livrará d'ir á cadeia!

Se é teu fado cantar, deixa a poesia;
A lyra em pó desfaz, e ao som da viola
Canta, dança, e terás mais alegria:

Nem com letras, depois, cances a bola!
— É voto meu, que tenho igual mania,
E o tempo chóro, que perdi na escóla.

DESENGANO

Diz um d'alli: «este amigo
«He de graça e prendas cheio».
Respondem a isto as Damas:
«Aprelá! Que homem tão feio!»

Diz outro: «aquelle paralta
«Põe mil asneiras n'um dito».
Acodem logo as Meninas:
«Que importa, se he tão bonito?»

BOCAGE — *Fabulas.*

Pobre mulher, que adorada
Julgas ser, porque illudida
Crês na paixão affectada,
Pela insania produzida,
Pela avidez sustentada!

Pudeste crêr, innocente,
Que existisse um, entre tantos
Que fingem amor ardente?
Para quem os teus encantos
Fossem moeda corrente?

A paixão, se teve outr'ora,
Na praça d'amor, desconto,
Já não tem valor agora;
E ganha fama de tonto
Quem só belleza namora.

Ao fogo d'amor te aqueces,
E, cavando abysmo fundo,
Do que a ti deves te esqueces,
Tentando gozar o mundo,
Quando o mundo não conheces!

São teus olhos, scintillantes,
Capazes de tornar louco
O mais fino dos amantes;
Mas vês com elles tão pouco,
Que és ludibrio dos pedantes.

Essa face, alva e rosada,
Essa tez mimosa e pura,
Não creias que valham nada:
Vê-se hoje mais formosura
Na formosa côr dourada.

Esses dotes da belleza
Não são hoje seductores;
— Á paternal avareza,
Para o commercio d'amores,
Deves mais que á natureza.

Recebes, por lisonjeira,
A d'amor expressão terna,
E n'ella não vês, matreira,
Namoro á bolsa paterna,
Em que tu és *mensageira?*

D'amor os votos jurados,
Que não vem do peito aos labios,
Na apparencia delicados,
São, em velhos alfarrabios,
Para enganar-te, estudados.

Se o moço, esbelto e galhardo,
Te consagra as horas d'ocio,
Não vês n'esse amor bastardo
Grosso ramo de negocio,
Em que és, apenas, um *fardo?*

Pobre mulher, que adorada
Julgas ser, porque, illudida,
Crês na paixão affectada,
Pela insania produzida,
Pela avidez sustentada!

Fingem-se paixões ardentes,
Sem que do coração venham
As caudalosas torrentes
D'affectos, em que se empenham,
Bem mais do què o peito, os dentes!

Teve amor, em outras eras,
Na terra tal poderio,
Que domava altivas feras; —
Hoje não — que amor e brio —
Virtude — honra — são chimeras!

Fundando o imperio brilhante
N'um sentimento profundo,
Foi monarcha dominante;
Mas, vendo virado o mundo,
Fez-se amor negociante!

E cahiu em tal desgraça,
Que hoje em dia as letras suas
Não teem desconto na praça;
E, forjando falcatruas,
Vivendo vai da trapaça!

Seu elemento é — dinheiro —
E tornou seu desatino
Tão velhaco o mundo inteiro,
Que hoje quem namora é fino,
E quem ama é trapaceiro!

E, curvada ao sentimento,
Donzella, cahes na armadilha,
Sem que te lembre um momento
Que finge adorar a filha
Quem ama o pai avarento?

Falso amor, que te consola,
Cegar-te, assim, pôde tanto,
Que, fiada na parola,
Não vês devoto do *santo*
O que espera pela *esmola?*

Pede ao pai que aos seus credores
Se mostre compromettido,
Fingindo mil dissabores,
E verás logo fallido
O teu commercio d'amores.

Has de então, sendo accusada
De feia por natureza,
De louca e mal educada,
Vêr que a virtude e a belleza,
N'esse *amor,* não valem nada!

Virá tarde o desengano,
Mas ha de vir, eu t'o juro;
E dirás que leviano
Foi o amor, tão casto e puro,
Que empregaste n'um cigano!

De ciganos quasi um cento
Has de achar em cem rapazes,
Que, affectando sentimento,
De tudo o mais incapazes,
Recorrem ao casamento!

Donzella! Toma sentido!
Lembra-te que alegre e farta,
Até hoje tens vivido,
E não pretendas ser carta
No jogo d'amor fingindo!

Não creias no culto externo,
Que dar-te póde um demonio!
— Tens o céo no amor paterno,
Não vás, pelo matrimonio,
Trocar o céo pelo inferno!

N'UM ALBUM

Um Album julgam, só, rico e illustrado,
Quando deixa de o ser; — quando é manchado
Com rabiscos fataes de tinta impura,
Que ás alvas folhas vão roubar a alvura!
Se um Album, como tens, eu possuira,
Juro-te, amigo meu, não consentira
Que uma pagina, só, com verso ou prosa,
Bordados, ou pintura primorosa,
M'o viessem manchar! Quizera apenas,
D'essas folhas na alvura d'açucenas,
N'essa mimosa capa avelludada,
Com brilhantes adornos adornada,
Por honra da nação, e meu contento,
Provar da industria nossa o adiantamento,
E, como objecto, só, de gosto e d'arte,
Ufano, apresental-o em toda a parte!

Não pensas tu assim! — São teus intentos
Juntar aqui balofos juramentos,
D'amizade, d'amor, de sympathia,
Do pai, da mãi, do avô, da avó, da tia? —
Não posso, n'isto, concordar comtigo:
Se eu sou (como supponho) teu amigo,
Provar-t'o resta, só, sem artificio,
Quando exijas de mim um sacrificio;
Que não sendo a affeição sincera e pura,
Não val ter feito d'ella uma escriptura.
Não sabes quanto vale um juramento,
Quando é tudo voluvel como o vento?
Não vês que já do mundo no começo
Veio o maldito amor tirar-lhe o apreço?...
Que o humano coração, apaixonado,
Semelhante ao relogio desmanchado,
Que ás vezes faz andar, um dia inteiro,
Ora adiante, ora atraz, um bom ponteiro,
Brando, embora, e pacifico pareça,
Nos faz andar aos tombos a cabeça?

Não vês que, já depois, se alguns mais fortes
Oppunham aos d'amor loucos transportes,
N'um bronzeo coração, valente escudo,
A *politica* veio estragar tudo,
E que hoje, em tão difficil conjunctura,
Quasi sempre mais mente o que mais jura?

Pódes tu desejar (em tal não creio!)
Vêr de lisonjas o teu livro cheio,
D'elogios banaes, que fazem somno,
N'um Album feitos, em louvor do dono?
Não póde isso agradar ao que tem sizo,
Não se liga a vaidade ao bom juizo.
Pretendes aqui vêr, como ornamento,
Em prosa, ou verso, as galas do talento?
Se tão santo desejo só tiveste,
Batendo á minha porta mal fizeste,
E hoje vaes conhecer que te enganavas,
Porque não mora aqui quem procuravas.

O meu pouco valor me desanima!
—Insulsa cataplasma, em chôcha rima,
Sem conceito, sem arte, sem poesia,
É só, por mais não ter, o que eu daria,
E teu Album, credor d'engenho nobre,
Pobre chegando aqui, voltava pobre!

Recebe, pois, amigo, esta *tirada,*
Como desculpa humilde, por mim dada,
Que, se uma folha do teu livro emprasa,
É só por não haver papel em casa.

PROCLAMAÇÃO!

(NA PRIMEIRA PAGINA D'UM ALBUM)

Poetas! Ouvi meus brados!
Correi ás armas, correi!
Sêde aguerridos soldados,
No campo, onde vos chamei!

A bandeira do Parnaso
Vêdes aqui tremular;
Vêdes um *soldado raso,*
O primeiro a batalhar!

Eia ávante! Ha campo aberto
A grandes evoluções!
O triumpho, aqui, é certo,
Entre guerreiras canções!

Empunhai, sem medo, a lyra,
Vinde um canto aqui depôr; —
O cobarde, que retira,
Não é nosso — é desertor!

Ser valente e destemido,
Ser ousado campeão,
É mister! — quem fôr ferido,
É só na reputação!

Risco a vida, aqui, não corre!
E, se fôr grande tropel,
Soffre-se, mas não se morre,
Que as balas são de papel!

Ao combate! O fim é santo,
Inspira, a todos, valor!
— Eia ávante! O vosso canto
Seja a Deus — á patria — a amor!

Poetas! Ouvi meus brados!
Correi ás armas, correi!
Sêde aguerridos soldados,
No campo, onde vos chamei!

SONETO

(NO ALBUM DE UMA SENHORA FRANCEZA, RESIDENTE, HA ANNOS, EM PORTUGAL)

Voulez-vous en effet, que eu deixe aqui,
D'altos nomes a par, *mon pauvre nom?*
Ne veuillez pas mêler o mau e o bom!
Não queiraes vêr *le rien que je suis!*

Je ne sais pas pourquoi, mas eu senti
Desejo de bradar: — *Chanter? non!... non!...*
Oh! Excusez mon chant, em rude tom!
Pedi-me só *mon nom! Oui!... oui!...*

Si, vous aimez, cela, eu cumprirei;
Mas se em verso não vou *parler d'amour,*
Le septicisme, aussi, não cantarei:

Sem das Musas entrar *dans le séjour,*
Des vers ecrire ici, não sei... não sei...
Meu nome, tal qual é, *toujours... toujours.*

*

EPISTOLA [1]

O mais avido leitor,
Das quintilhas pregoeiro,
Hade achallas insoffriveis
Em lhe custando dinheiro.

N. Tolentino.

Já é tempo, *Viscondessa,*
De voltar ao galanteio,
Para que te não pareça
Que eu tenho um nome tão cheio,
Como vazia a cabeça!

O descuido traz má fama,
E eu que a não quero, entre o povo,
Inda menos de uma dama:
— Sabe, pois, que este anno novo
Me faz velho, aqui, na cama!

Soffro doença mofina,
Que, sem ser febre amarella,
Nem typho, nem cholerina,
Me faz tremer — não por ella,
Mas sim pela medicina!

E a medicina, maldita,
Mettendo o nariz em tudo,
Mil segredos excogita,
E no fim de largo estudo,
Como em principio, medita!

Duvida, crê, e inexperta,
Duvida mais, volta á crença,
E, quando suppõe que acerta,
Baptisa, então, a doença,
E fica de bocca aberta!

A cura prompta promette,
Marca da molestia o termo
Dentro em seis dias ou sete;
E, em quanto arrefece o enfermo,
Sua o medico o topete!

Sua, sim, não porque tema
No doente accesso novo; —
Mas, resolvendo o problema,
Vê na medicina um ovo,
Que tem só casca, e não gemma!

Irado, mesmo comsigo,
Sabe Deus quanto se inflamma
Contra o seu fado inimigo,
Que o não deixa ganhar fama,
Nem curar o enfermo amigo!

Luctando contra os rigores
De sanccionada impostura,
Vivem assim os doutores,
Fazendo agora uma cura,
Causando logo mil dôres!

Viscondessa, se és prudente,
Chora de *Saturno* a sorte;
— Bem vês que é mais excellente
Ser *Viscondessa,* e ser forte,
Que ser *deus,* e estar doente.

Estranhas tu que *Saturno,*
Divindade alta e discreta,
Venha tambem, por seu turno,
Com pretensões a poeta,
E poeta d'alto coturno?

Mas em que tempo, senhora,
Notas, com pezar profundo,
Mania que me devora? —
Pois não vês que todo o mundo
Anda ás avessas agora? —

E se em remotas idades
Nos *deuses* não houve falta,
Nem mundanas velleidades,
Hoje a asneira anda tão alta,
Que já chega ás *divindades!*

Não vês tu que o grande *Apollo*
Que tão sério foi outr'ora,
Faz tanto mancebo tôlo,
Quando só devia agora
Ser mestre, dar muito bôlo?...

Desconheces que *Minerva*
Recebe em seu aposento
De brutos grande caterva,
E lhes dá, para alimento,
Certos *graus,* em lugar d'herva?

E *Themis,* que por exacta,
Tinha a alheia confiança,
Não vês como, n'esta data,
Deixa pender a balança
Para onde houver ouro ou prata?

Sabes que tudo, senhora,
Pelo influxo do progresso,
Lá e cá, mudado fôra,
E condemnas meu ingresso
N'esta vida seductora?

Louva, sim, que é mais prudente,
Que um *deus,* de vetusta idade,
Venha, junto á nova gente,
No gozo da liberdade,
Versejar impunemente.

E se nestorea velhice
Nos cantos se manifesta,
Não censures a perrice,
Embora eu bata na testa
A chamar a parvoice.

A moda, sempre indiscreta,
Obriga os seus seguidores
A tocar da asneira a meta,
E dos seus adoradores
Sempre o mais parvo é poeta!

Logo, um *deus,* inda que fino,
E em seus calculos prudente,
Póde ter um desatino,
Ou, ao menos, como a gente,
Ser duas vezes menino.

Já sabes tu, *Viscondessa,*
Que homens probos, e atilados,
Não ha quem os ennobreça,
Em quanto chapéos armados
Os traz quem não tem cabeça.

Um pobre não acha escudo
Que o defenda da pedrada;
— Um rico é formoso e agudo;
— Um sabio, entre nós, é nada,
Um tolo, entre nós, é tudo.

N'este mar, chamado mundo,
Em que nadamos com mágua,
É já velho, e nauseabundo,
O lixo vêr-se á flôr d'agua,
Irem brilhantes ao fundo.

Irar-se a gente sensata
Contra essas ondas d'asneiras
Em que esse mar se desata,
É dar pêso a frioleiras,
De que está cheia a fragata.

Olha, *Viscondessa* amiga,
O mundo já não se emenda,
Sua falha é muito antiga;
Quem com elle entra em contenda,
Com rolos de fumo briga!

Recebe, pois, a *excellencia*
(Que teem, aqui, regateiras),
Desfruta os bens da opulencia,
Já que és nobre nas maneiras,
Fidalga na intelligencia.

NOTA

[1] Esta epistola foi publicada no *Periodico dos Pobres, no Porto,* sob o nome supposto — SATURNO — em resposta a outra, escripta em Lisboa, e publicada no mesmo jornal, com o pseudonymo — VISCONDESSA DE BELLARTE.

AO DINHEIRO

SONETO

Mysterioso dinheiro! Alta potencia!
Dominas, sem rival, todo o universo!
Ama-te o probo, adora-te o perverso,
Curva-se o mundo inteiro á tua essencia.

É mil vezes fatal tua ascendencia,
Á virtude e ao saber és sempre adverso,
Quem teu poder maldiz, em prosa ou verso,
Lamenta, com pezar, a tua ausencia!

São immensos os males que produzes,
Infinitos os bens de que dás cabo,
Muitos os cegos são, a quem dás luzes!

Um fraco, apenas, tens, que te não gabo:
— Consentes, esquecendo que tens cruzes,
Que te apanhem por artes do diabo!

A MANOEL COCO [1]

RESPOSTA Á SUA EPISTOLA PUBLICADA NO N.º 328 DA «AURORA DO LIMA», JORNAL QUE SE PUBLICA EM VIANNA

A occupação do Poeta
He nobre por natureza;
Mas todo o officio tem ossos,
E os deste são a pobreza.

N. TOLENTINO.

Quem és, homem de quizilia,
Que vens, com projectos ôcos,
Obrigar-me a atroz vigilia?
— És da familia dos *Côcos?*
Não conheço tal familia! —

Teus brazões, onde os achaste?
Quaes os titulos que ostentas?
E como, insensato, ousaste
Chegar da *nobreza* ás ventas
Esturro, que apimentaste?...

Fórra as costas de cortiça,
Se outra vez has de, atrevido,
Confundir, com injustiça,
Como já tens confundido,
Nobreza — brôa — e nabiça!

Pois que tem que uma *barôa*
Dê seus arrotos a vinho,
E baforadas a brôa,
Não crestando o fôfo arminho
Que lhe enfeita a *nobre* prôa?

E a nabiça, por ventura,
Não é cousa que conforte
A *fidalga* creatura,
Se ella do estomago é forte,
Como dos cascos é dura?

Feijão, ou coisa que o valha,
Julgas tu que é só do pobre,
Que vive porque trabalha?
Pois que ha de comer o *nobre?*
— Dirás tu que coma palha? —

Insensato! O feio orgulho
Veio tornar-te indiscreto,
Pondo em risco o teu bandulho,
E o meu, que estava quieto,
Sem entrar n'esse barulho!

Tem, pois, cautela, insensato;
Que razão não tens de queixa
Se uma *barôa,* n'um flato,
Te aquecer uma bochecha
Com a sola do sapato!

Se brilha na grande roda
A que é *fidalga* na sala,
Sabe quem pesca da poda,
Como ella, em taes casos, falla,
Castigando á sua moda.

Cuidas tu que mude o arminho
A, que é natural, vileza?
Pois sabe, meu *Manoelzinho:*
— Não tira a cama franceza
O que deu berço de pinho.

Não te dou já muito bolo,
Por ser a lição serodia;
Mas só te digo que és tolo,
Se pelo brilho da côdea
Avalias o miolo!

Não sabes quanto eu receio
Ir, no mar da asneira, ao fundo?...
Que vivo, de medo cheio,
Em sucia com meio mundo,
Separado do outro meio? —

Não vês que, pela mania
De mostrar taes, quaes as vejo,
As coisas, á luz do dia,
Já me chamam persovejo,
Pregado na *fidalguia?*

Não vês o que incensa a asneira
Rico, e cheio de basofia,
Gozar vida prazenteira,
Em quanto eu só tenho embofia,
Sem cinco reis na algibeira?

Não pensas que o independente,
Que é sobre os maus um açoite,
Bate, quasi, em toda a gente,
Mas trabalha, dia e noite,
Para ter que dar ao dente?

Não calculas a tortura
Que soffre o que bate o vicio,
E adora a virtude pura,
E, sem tratar d'outro officio,
Viver d'isso, aqui, procura?

Não tens visto quem decida,
Porque a sorte se rebella,
Ter antes, n'outra guarida,
Entre os negros vida bella,
Que entre os brancos negra vida?...

Sabes tudo, e as horas d'ocio
Tentas vir gastar, commigo,
N'este triste sacerdocio?
— Caminhas errado, amigo,
Não pretendas ser meu socio!

Muda o rumo, que o destino,
Por aqui, promette pouco:
Pensa bem que é desatino
Pretender que o mundo louco
Ceda ao furor viperino!

O destino meu não sigas,
Além de triste, infecundo;
— Segue a moda, e choramigas,
Se te não agrada o mundo,
Lamenta-o, não o maldigas!

Deixa-me só, que estou velho!
— Se ainda vejo, assim cançado,
O que mostro, n'este espelho,
Seguir me não deixa o fado
O que te dou de conselho.

Diga, embora, o mundo inteiro
Que não junto, assim, thesouros:
— Teimoso, como um sendeiro,
Levarei couces dos touros,
Mas hei de morrer toureiro.

NOTA

[1] Este *Côco*, d'onde sahiu a poesia a que respondo, e que vai transcripta no fim do livro, é o meu amigo *Camillo Castello Branco*.

EPISTOLA [1]

Estou vivo, meu caro, e muito vivo,
Mais vivo do que alguem que viver pensa:
Se d'escrever-te ha muito que me esquivo
Não é, de certo, por fazer-te offensa;
É só pelo respeito que te devo,
Pela lingua mordaz que sinto em ti;
Mas estas linhas que, a tremer, te escrevo,
Ao mundo attestam que inda não morri!

Estou vivo, collega, e tenho lido
Massadas que me dás, em chulo verso
Com que tentas, d'orgulho possuido,
Pôr de pernas ao ar todo o universo:
Canço-me a lamentar essas manias,
Que, na gente sensata, inda não vi;
E essas lamentações de Jeremias
Ao mundo attestam que inda não morri.

*

Batendo a raça vil, que chamam nobre,
Julgas, louco, abater-lhe o poderio?
— Homens d'ouro, nascidos entre o cobre,
Dar n'elles é malhar em ferro frio;
Pretendes suspender-lhes as patadas,
Em quanto eu rio d'elles, e de ti,
E as minhas estrondosas gargalhadas
Ao mundo attestam que indà não morri.

Não fui, como suppões, a reino estranho,
De sciencia pejar esta cachola;
Se a reluzente *libra* [2], aqui, não ganho,
Tenho, para ser parvo, optima escóla;
Lições de muitos parvos vou tomando,
Que, mais que os outros, ricos são, aqui,
E esses parvos felizes imitando,
Ao mundo attesto que inda não morri.

De util ser ao paiz sinto o desejo,
E, se a *libra* me dão, é meu destino
Ir estudo fazer no realejo,
Para vir cá, depois, tocar o hymno:
Famosa petição, que eu redigira,
Já o governo a tem diante de si: —
Tão santas pretensões, que a patria inspira,
Ao mundo attestam que inda não morri.

Se o talento me falta, amigo tenho
Que pelo meu futuro se desvela:
— É o nosso thesouro um bom engenho;
E eu, que dou com destreza á manivela,
Moido tenho já, de tal maneira,
Que a sorte, como a muitos, me sorri,
E as *libras,* a cantar-me na algibeira,
Ao mundo attestam que inda não morri.

Na camara um lugar, sempre rendoso,
Por amigos, está quasi pilhado;
Mas não quero á nação ser oneroso:
— Urna livre! — e que eu seja deputado!
— Mais tarde pagarei esse trabalho,
Que nunca dos serviços me esqueci:
Santas doutrinas, que no mundo espalho,
Ao mundo attestam que inda não morri.

Um jornal montarei, largo e comprido,
Que o governo, que pague, bem defenda;
Embora esse papel não seja lido
E sirva só d'embrulho em fraca tenda,
Bom dinheiro juntar é minha empreza,
Sem meios escolher, como até-qui;
Se parasita sou, esta franqueza
Ao mundo attesta que inda não morri.

Caprichos não terei, porque aos duellos
Nunca fui nem serei muito inclinado,
Nem desejo imitar certos *marmelos,*
Fanfarrões, que ao desfrute se teem dado;
Que sabujo me chamem, vil, nojento,
De tudo o bom politico se ri:
— Esta cara de pau, que altiva ostento,
Ao mundo attesta que inda não morri.

Cheio já d'importancia, e poderio,
De papo fallarei, em toda a parte;
E, sabendo affectar orgulho e brio,
Sem usar de pistola ou bacamarte,
No decurso, talvez, de poucos annos,
Um rico figurão serei aqui:
— Meu amigo, confessa que estes planos
Ao mundo attestam que inda não morri.

Em quanto d'alto heroe eu goze a fama,
Sem a alheias verrinas dar cavaco,
Tu, meu pateta, ficarás na lama,
Satyrico infeliz, sem um *pataco!*
Deixa, como eu deixei, costumes velhos,
Aprende, como vês que eu aprendi,
E não queiras negar que estes conselhos
Ao mundo attestam que inda não morri.

O mundo acompanhar é ser esperto,
Viral-o pretender é ser maluco:
Quem arvores plantar lá no deserto
É bem louco, se espera tirar succo;
Eu acordei, amigo, e, despertando,
Conheço que até hoje só dormi:
Agora este desejo d'ir trepando,
Ao mundo attesta que inda não morri.

Se outr'ora foi virtude o ser honrado,
Virtude hoje não é, como presumes;
Tudo tem, dia e noite, caminhado,
« Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes »,
Tu permaneces firme, qual rochedo,
E, sem nada gozar, morres ahi!
Eu mudei de pensar, e — tarde ou cedo —
Ao mundo attesto que inda não morri.

Abre os olhos, tambem, segue o teu turno,
Que hei de sempre guiar-te com desvelo;
Antes ser maganão d'alto coturno,
Que honrado cidadão, mas de chinelo;
Deixa desabafar os que á trapaça
Fogem, vivendo como eu já vivi:
— Uteis conselhos que te dou, de graça,
Ao mundo attestam que inda não morri.

E agora, que já sabes que estou vivo,
E d'amigos leaes nunca me esqueço,
Que não sejas, qual fui, outr'ora, esquivo,
É sómente, por hoje, o que te peço:
— Se quinze versos vês, aqui roubados,
Que o *Palmeirim* compôz, e eu ponho aqui,
Inda n'estes meus furtos, muito usados,
Ao mundo attesto que inda não morri.

NOTAS

[1] Esta epistola foi publicada em um jornal, com um nome supposto.

[2] Allude-se ao subsidio, que na época em que foram compostos estes versos, se dava a qualquer *Simplicio*, sob o pretexto d'ir estudar alguma coisa a Paris.

BONS DIAS!

Este Genio dos Poetas
He fugitivo e mesquinho;
Á primeira cau, os deixa
Na ametade do caminho.

N. TOLENTINO.

Ha pouco rompeu a aurora: —
Deitado no pobre leito,
Eu, scismando, apenas deito
Do nariz a ponta fóra:
Cedo á dôr que me devora,
Solto, em desalento, um ai;
Porque a musa á luz não sái,
E, jazendo entregue ao somno,
Deixa-me em triste abandono,
Como a criança sem pai!

Só, aqui, longe da gente,
Pela preguiça retido,
Apenas ouço o zumbido
Do mosquito impertinente!
Enxoto-o, mas, de repente,
Como se o dôce os engoda,
Vem trinta, cercam-me em roda,
Picam, sem dó nem consciencia,
Esgotando-me a paciencia,
Como os criticos da moda!

A exclamação é baldada,
Não me attendem os mosquitos;
Como os criticos malditos,
Não ouvem, não pensam nada!
Dando aguda ferroada
Vão-me o socego roubando,
Os zoilos inda imitando,
Quando, a *critica* exercendo,
Sem piedade vão mordendo,
Sem saber como nem quando!

Maldizendo a negra vida,
Entre mosquitos passada,
Deixo a cama desejada,
Vou buscar outra guarida:
Sinto a cabeça esvaída,

Ardente raiva me inflamma;
E, embora eu saiba que a fama
Quer do trabalho o soccorro,
Como outros vates, eu morro
De saudades pela cama!

E não é leito dourado
O leito que prézo tanto;
Nem, velando, gózo o encanto
De rico docel bordado!
Se pobre durmo, — acordado,
É pobre a roupa que visto;
Riquezas não as conquisto,
Dia e noite a pé só ando;
E, embora a lyra pulsando,
Se poeta sou — é n'isto!

O poeta canta e chora,
Da natureza se encanta,
E até da aurora se espanta,
Sem, jámais, ter visto a aurora:
A canção meiga e sonora
Do rouxinol, a quem ama,
Só por tradição o inflamma
N'esse fogo da poesia,
Pois não se ouve ao meio-dia,
Quando o vate sahe da cama!

Esse orvalho matutino,
A briza da madrugada,
A que, na lyra afinada,
Todo o vate canta um hymno,
São bellezas que um campino
Cantar não sabe, mas goza;
Porque a vida trabalhosa
O chama á diaria lida,
Em quanto dorme, encolhida,
A musa, que é preguiçosa!

Do Parnaso entre as bellezas
Ha, como entre as creaturas,
Para poucos só venturas,
Para muitos só tristezas:
São varias as naturezas,
Como aqui o são tambem;
Vai, para alguns, tudo bem,
Em quanto que outros, calados,
Vivem sempre desgraçados
Sem fazer mal a ninguem!

Ha musas tão caprichosas
Que inspirações não concedem
Aos poetas que lh'as pedem
Para as canções lacrimosas;
As lyras harmoniosas

Tornam-se, então, em pandeiros,
Que tocam aventureiros
Sem natureza, e sem arte,
Mostrando, por toda a parte,
Os seus instinctos bréjeiros!

Por isso, n'este momento,
Eu debalde invoco a musa,
Que, teimosa, se recusa
Da poesia ao sentimento:
Triste, e só, em desalento,
Não vale o soltar um ai;
Surda a meus males, não sái
A musa que, entregue ao somno,
Me deixa em triste abandono,
Como a criança sem pai!

CONSELHO

SONETO

Ora viva o menino! Então é certo
Que no meu batalhão quer sentar praça? —
Se tenta divertir-se, é bom que o faça;
Se busca posição, é pouco esperto:

Eu, que já da velhice estou bem perto,
Sem da *reforma* conseguir a graça,
Nem anspeçada sou, e, por desgraça,
Julguei que vinha achar um céo aberto!

Hoje, que penso mais, que estou maduro,
Já melado, talvez, por isso o empraso
A que siga caminho mais seguro:

Mas se teima em fugir para o Parnaso,
Saiba que um pontapé deu no futuro,
Conte que ha de morrer soldado raso.

EPISTOLA [1]

(Á VISCONDESSA DE BELLARTE.)

Viscondessa! És viva, ou morta?
Espero todos os dias
Que venham bater-me á porta,
A provar-me que aprecias
As cartas do teu *Saturno;*
Mas fico de cara torta,
Vendo que não dão cavaco
Fidalgas d'alto coturno,
A quem é plebeu e pobre,
Embora lhes mande um sacco
De versos, cada semana!

Não pensas tu, porque és *nobre,*
Que te póde ir á pavana,
Quem se julga desprezado,
Por tua basofia insana,
Sem ter, jámais, insultado
Tua excelsa *fidalguia?...*

Pois sabe que, se, algum dia,
Por desgraça, eu fôr *fidalgo,*
Darei de mão á poesia,
E, correndo como um galgo,
Irei mostrar-te os arminhos,
Os brazões, os pergaminhos,
Embora cheire a *cominhos* [2]
Essa *nobre* trapalhada;
E hei de, então, vêr-te humilhada
Diante da minha *nobreza:*
— Tu, que és hoje enfatuada,
Que á praça vens, toda teza,
Com seriedade affectada,
Antigos contos contando,
Que lêste em chronica velha,
Has de ir a prôa abaixando
E, mansa como uma ovelha,
Sem franzir a sobrancelha,
Commigo, já, praticando,
Não me has de fallar d'esguelha,

Como até hoje tens feito;
Julgarás que alto respeito,
Como a *nobre,* me é devido,
Pois é teu maior defeito
Esse orgulho desmedido;
Mas eu, crendo-me offendido,
Com essa louca mudança,
Hei de tirar-te a chibança,
Tão fôfa, que tens agora,
Fingindo vaidade louca,
Como essa que te devora,
E que te obriga a ser mouca,
Se te falla alguem do povo;
E depois, *fidalgo* novo,
Como tal cheio de vento,
Seja, embora, sacrificio,
Hei de affectar um momento
Da soberba o feio vicio;
E vendo-te a mim submissa,
Mostrando que de mim gostas,
Hei de, então, mandar-te á missa,
Hei de te voltar as costas,
Antes que me ponhas fóra
Por te arranhar esse orgulho,
Com que faz tanto barulho
A *fidalguia* moderna.
De cá, depois, tens-me á perna,

A rir-me d'essa vaidade,
Com chalaça de taberna,
— Como diz a mocidade
Litteraria, e estudiosa,
Que só, em rimada prosa,
Sabe affectar sentimento,
Sem consentir que, um momento,
Seja galhofeira a musa,
Em quanto o moço despeja
Da casa em escuro canto,
De modo que ninguem veja,
A larga vidrada infusa,
Que já tem cheia de pranto,
Derramado ao som da lyra;
— Que, a não ser de cemiterio,
A poesia é mentira. —

Mas devo fallar-te serio,
Minha cara *Viscondessa:*
— O motivo inda é mysterio,
Porque me deu na cabeça,
Seja embora teu amigo,
Lançar mão d'esta *bandurra,*
Cantar *a duo* comtigo!

Mas, descer hoje da burra,
Fraqueza fôra: — prosigo,

Sem pensar no resultado
D'esta minha pertinacia:
Conheço que foi audacia,
Mas vem já tarde o remedio,
E não ficarei calado,
Embora te cause tedio.

Principiei, por chalaça,
Sem pensar que era imprudente,
E agora, por mais que faça,
Por mais que a musa apoquente,
Para que siga outro rumo,
Vejo que é tempo perdido; —
Cantarei como costumo,
Pois não posso ser mais nada
Do que até-qui tenho sido!

E sei que essa trapalhada,
Esses fracos, chulos versos
Que te tenho dirigido,
E por ahi correm dispersos,
São bem tristes attestados
Da minha parva ousadia;
Se não são todos errados,
Se são, bem ou mal, rimados,
Falta n'elles a poesia,
São cantigas de viola,

Sem graça, sem harmonia,
Coisas da minha cachola,
Fraca sempre, em tudo romba;
Cada parto é uma tomba
Que soffre a litteratura,
Mas tomba tão grossa e dura
Que, pouco tempo durando,
Vai magoar os leitores,
Fazer callos na paciencia
Do pobre que a tomba atura.
Até que, cheio de dôres,
Se vai de mim descalçando,
Sem peso ter na consciencia.

Inda assim vou versejando,
Rudes sons tirando á lyra;
E como nada me inspira,
Porque a bola, refractaria,
Contra a inspiração conspira,
Sou mais uma *luminaria,*
Das d'azeite de purgueira,
Como tantas que hoje em dia,
Tendo por pavio a asneira,
Á prosa dão harmonia,
Julgando que espalham luzes
Nos campos da poesia,
Onde as trevas da ignorancia

Fazem andar taes lapuzes
Aos encontrões ao bom senso;
Tendo, inda assim, tal constancia,
Dos parvos o bando immenso,
Como tem qualquer sendeiro,
Se os pés á parede arruma.

Eis-aqui, uma por uma,
Á face do mundo inteiro,
As causas da minha teima,
Em que, todavia, insisto,
Conhecendo que é toleima:
Tem paciencia, *Viscondessa,*
Bem vês que sou um boleima,
Como tantos que tens visto,
Que suppõem ter na cabeça
Vivo fogo da poesia,
Quando tal fogo os não queima.

Post-scriptum. — Eu bem dizia
Que tinha falta de geito,
Que d'isto nada sabia;
Acabo de lêr agora
O que até-qui tenho feito,

E a mágua já me devora,
Por vêr da graça afastada
Esta versalhada côxa,
Esta chôcha trapalhada; —
Deixal-a, porém, ser chôcha.

Tu, que bem pescas da poda,
Has de vêr n'esta *tirada,*
Mesmo porque não diz nada,
Uma poesia da moda.

NOTAS

[1] Foi publicada em um jornal do Porto, com o pseudonymo — *Saturno*.

[2] Parece-me que o vocabulo « *cominhos* » dando a esta poesia um certo sabor de sarrabulho, poderá ser prejudicial ao delicado estomago d'algum dos meus leitores. N'esse caso julgo necessario apresentar, como antidoto, um exemplo muito estomacal, que, por acaso, pilhei á unha:

Seria duvidar da vastissima erudição dos meus leitores, o perguntar-lhes se conhecem a comedia de *El-rei Seleuco*, producção do nosso Camões!

Ora! Se não haviam de conhecêl-a!...

Não sei se se recordam de um criado, com pretensões a poeta, que figura na comedia?! Pois esse ratão, para mostrar até onde chega o seu talento, repete uma trova, que dirigira a uma tal *Briolanja*, por quem elle andava já meio poeta (parvo, diziam n'esse tempo).

A trova era isto:

Por amor de vós, Briolanja,
Ando eu morto:
Pesar de meu avô torto.

Se fosse hoje, estes tres versos collocariam o amante de *Briolanja* em uma elevada posição como poeta: — é desnecessario citar exemplos.

Mas n'esse tempo não se trepava ao Parnaso de gatinhas, como agora, e o pobre *poeta*, sem perceber a caçoada, enthusiasmou-se com os ironicos applausos dos ouvintes, e bradou: — « Alto lá, que inda falta o melhor!

« Ouçam a volta »:

Vossos olhos tão daninhos
Me tratárão de feição,
Que não ha em meu coração,
Em que se atem dois reis de cominhos:
Meu bem anda sem focinhos
Por vós morto:
Pesar de meu avô torto.

Um dos ouvintes interroga o poeta, sobre a extravagancia de ligar os *cominhos* ao *coração*, e elle responde:

Ai, o meu amigo não comprehende? Pois saiba que *coração, bofes, baço,* e toda a mais *cabedella,* não são coisas que possam comer-se sem *cominhos;* além d'isso, para avaliarem melhor a belleza do pensamento, devo dizer-lhes que a minha *Briolanja* era tendeira.

Já vêem os meus leitores que, a não quererem chamar-me plagiario, não teem em que fundar as bases de uma accusação. A idéa de pulverisar com *cominhos* é extravagante, mas não é minha; e, se o caso é diverso, a analogia é mais saliente aqui.

Trata-se de um fidalgo novo, e não seria o primeiro que subia a essa categoria, tendo sido collega da *Briolanja.*

Falla-se da *nobreza* moderna, e todo o mundo sabe que lhe é peculiar o cheiro a *cominhos.*

Já se sabe, isto é a regra. As excepções... ainda póde ser que appareçam.

CONSELHO

(PARA SER ESCRIPTO NO ALBUM DE UMA JOVEN BAHIANA)

Toquei, ou antes arranhei á tôa,
Os versos que te mando.
Ri-te se forem bons e se gostares,
Ri-te se forem maus e te injoarem!
Ri-te, ri-te, que o mundo
Não se póde levar d'outra maneira.

GARRETT — *Fabulas e Contos.*

Donzella, que vens lá do novo mundo
Rude canção buscar ao mundo velho!
O meu estro infeliz, pobre, infecundo,
Dar-te não póde mais que um bom conselho:
— Não creias nas lisonjas dos poetas,
Nos delirios ardentes da paixão;
Das juras aqui feitas, indiscretas,
Nunca foi testemunha o coração!

O vate, sem te vêr, se dizes: — cante! —
Logo um canto concebe á natureza;
Se foge a inspiração, a consoante
Lá lhe vem apontar tua — belleza!
Seu estro, incendiado, mais se anima,
Canta o mimoso arbusto, a linda flôr,
E, submisso ao dominio atroz da rima,
Nada sente por ti, falla — d'amor!

Encontra logo em ti motivos santos
Para dar á canção belleza infinda;
Eleva á divindade os teus encantos,
Julga cousa vulgar chamar-te — linda,
Invoca da poesia o meigo archanjo
Que lhe inspire a canção que dar-te quer;
N'um accesso febril, diz que és — um anjo,
De ti sabendo, apenas, que és — mulher!

Canta o dôce pallor da — meiga lua,
E o cortejo de — estrellas fulgurantes;
Vê n'aquella, fulgindo, — a imagem tua,
Vê n'estas os teus — olhos scintillantes!
Já da terra nos mimos, tão pequenos,
Nada vê que te possa equiparar,
E, no delirio seu — não pensa, ao menos,
Se irmã gemea terás — diz que és — sem par!

Donzella, que vens lá do novo mundo
Rude canção buscar ao mundo velho!
O meu estro infeliz, pobre, infecundo,
Dar-te não póde mais que um bom conselho:
Não creias nas lisonjas dos poetas,
Nos delirios ardentes da paixão: —
Das juras aqui feitas, indiscretas,
Nunca foi testemunha o coração!

Eu, poeta não sou! — Se pulso a lyra,
Entoando canções, por desenfado,
Em meus cantos não dou culto á mentira,
Louvor ao que não sei se é bem louvado:
Se não tenho o perfume lisonjeiro
Que espargem dôces lyras, divinaes,
Rimador serei, só, mas verdadeiro,
Vate não quero ser, por mentir mais.

Não venho predizer-te um bom futuro,
Que o futuro é de Deus — não sou propheta! —
E se na predicção não sou seguro,
Menos o póde ser quem fôr poeta.
Deixa o tempo correr, ama a virtude,
Que uma aurora feliz te ha de raiar,
Se o contrario disser meigo alaude,
Coisas de poetas são — deixa-os fallar!

Humilhar-me a teus pés não irei, tanto
Que me diga incapaz, falto d'engenho:
Á Bahia não fui levar-te um canto,
Ao teu mando cedi — dou-te o que tenho:
Máguas te dão direi, que me consomem,
Minha historia não vou contar-te aqui:
Fui criança e rapaz, hoje sou homem,
Velho, em breve, serei — e acaba ahi!

Scenas d'antigo amor, dão-me bem pouco
Para um drama em que brilhem mil chimeras,
Brando o meu coração, mais do que louco,
Prosaico foi no amor — que amou devéras:
Uma só vez amei, tendo já visto
A juventude ao fim, quasi, chegar:
Dei-me á dôce prisão, e finda n'isto
A historia que, d'amor, posso contar!

Minha patria cantar? — Não, que é mesquinha
A lyra, para entrar em altas lidas:
É bella — como a tua — a patria minha,
Como todas as patrias conhecidas:
Vê cada qual na sua mil encantos,
Na estranha ninguem vê belleza assim;
E é — se dérmos valor aos patrios cantos —
Todo o mundo um phantastico jardim!

Não recorro, por ti, ao sentimento,
Nem o meu patrio amor ostentar venho:
Teu merito exaltar, aqui, não tento,
Nem lamentar, em mim, falta d'engenho:
Mas tu pedes-me um canto, e eu tenho em vista
Na obediencia, mostrar que sou cortez:
Deixa, pois, que, arvorado em moralista,
Te prégue o meu sermão, mais uma vez:

Donzella, que vens lá do novo mundo
Rude canção buscar ao mundo velho!
O meu estro infeliz, pobre, infecundo,
Dar-te não póde mais que um bom conselho:
Não creias nas lisonjas dos poetas,
Nos delirios ardentes da paixão:
Das juras aqui feitas, indiscretas,
Nunca foi testemunha o coração.

NECROLOGIO

Nasceu *Ambrozio,* innocente
Como nasce a creatura; —
Em toda a infancia, entre a gente,
Fez de innocente a figura:

Na adolescencia, a memoria,
Sendo-lhe em tudo canhota,
Deu-lhe, contra a palmatoria,
Privilegio d'idiota.

Na juventude fragosa,
Sustentou, como *poeta,*
Fazendo versos em prosa,
Fama antiga de pateta:

Já na velhice, uma dama
Lhe fez dar volta ao miolo;
De rastos andou na lama,
Soffreu muito e... morreu tolo!

Se offendem a humanidade
Mais os velhacos, que os loucos,
Perdeu n'elle a sociedade
Um amigo, como ha poucos.

Com instinctos mais que humanos,
O mundo o não corrompêra:
— Viveu aqui sessenta annos,
E morreu como nascêra.

O FIM DO MUNDO [1]

E o Pedantismo póde mais que tudo,
Pois arrasta a Razão, piza a Verdade;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Vôa por esses ares, sobe ao cume
Onde a vaidosa Idéa ergueu o Templo
Da phantastica Fama.

GARÇÃO.

São dez horas... meu Deus... e á meia noite
Finda o prazo fatal... com elle a vida!
Não tem um só vivente onde se acoite,
Espreitando essa immensa despedida!...

Morre tudo, Senhor! O sabio... o tolo...
O fidalgo... o plebeu... o cão e o gato...
Tudo junto, debaixo do tijolo,
Como fica na lama o carrapato!...

Os marmores... o jaspe... e o azulejo
Tudo n'um pastelão!... todos perdidos!...
E os palacios, tão chatos como um queijo,
Tambem n'essas ruinas confundidos!...

Esses homens de gosto... homens tão sérios,
Que, a vida atravessando, sempre fartos,
Marmóreas casas teem nos cemiterios,
Misturados... com *sapos* e *largatos!*...

Eu, que ao throno subi, n'este reinado...
Eu, que *Papa* já fui, n'esta carreira...
Vou, sem culpa, tambem, ser condemnado
Á triste condição d'uma *toupeira!*

Ah! mundo... mundo!... Oh! falso paraiso!
Tua vasta grandeza é tudo peta!...
Um Deus para crear-te foi preciso...
Para te aniquilar... basta um *Cometa!*

E Deus, para levar tal obra ao cabo,
Em seis dias gastou saber profundo...
Vem por fim um *Cometa*... estende o rabo...
Dá-lhes tres chicotadas... e adeus mundo!

Mas... silencio... é desvario
Ter d'esta vida lembrança,
Quando é já morta a esperança,
E o mundo está por um fio!...
Perde-se o tempo e o feitio
N'este discurso baldado...
É gastar bom phraseado
Sem ter uma ideia nova...
É ter, á beira da cova,
Pretensões a deputado!...

Nada... nada... é mais preciso
Preparar... e o tempo é pouco...
Tive muito... mas fui louco,
Por crêr que tinha juizo!...
De que valeu esse aviso
Que a *sciencia* aos homens déra?
Será ella uma chimera,
Uma balofa impostura?!...
Ai!... triste da creatura
Que a *sciencia* não venera! —

Diz *um Sabio:* — « Acaba o mundo! »
E os nescios ficam-se rindo...
Mas... o tempo vai fugindo,
Lá vamos todos ao fundo!...
E ao povo que, moribundo,

Arrependido, hoje chora,
Por ter desprezado outr'ora
Esse aviso da *sciencia,*
Dirá o *Sabio:* — « Paciencia...
« Zombem da sciencia agora!...»

E se acabasse esta vida
Por outra causa mais forte!...
Se quem a deu désse a morte,
Era mais dôce a partida!...
Mas... ser a terra engulida
Por um *Cometa* iracundo...
Torna-me isto furibundo!...
Não quero que o mundo acabe!...
Pois, se ha cá *tantos*... não cabe
Mais um *Cometa* no mundo!...

Oh! se cabe!... Eu até creio
Que a terra é sua morada...
Mas... se é d'elles habitada,
D'onde vem tanto receio?...
Pois será bicho tão feio
Que do mundo, assim, dê cabo?
É peor *esse* diabo
Do que *outros,* que temos perto?...
Juro que não... mas... é certo
Que os da terra... não teem rabo!

*

Homens! Homens de talento!
Como os loucos infelizes,
Deixaes-vos ir de narizes...
Morreis todos... n'um momento!...
Não tendes um pensamento
Que n'este ensejo nos valha!
Andaes imitando a gralha,
Como o pavão enfeitada,
E, no fim, não valeis nada...
Sois uns bonecos de palha!

Pois teem hoje as costureiras
Machinas de coser calças...
Fazem outros *notas* falsas,
Que parecem verdadeiras...
Enche este de frioleiras,
D'alto a baixo, uma gazeta...
Enfeita aquelle uma peta
Com as galas da verdade...
E só falta habilidade
Para extinguir um *Cometa?*...

Hoje, que domina a ideia,
Filha do saber profundo,
Assim se desfaz o mundo,
Como que fosse d'areia!...
Dizem que a terra está cheia

De sabios d'alto quilate...
Mas... silencio... é disparate
Ter tanta affeição á vida:
Vou fazer-lhe a despedida,
Antes que isto se desate!

Ai!... Adeus!... O mundo inteiro
Vai cahir no precipicio...
E eu passei um *beneficio,*
Sempre quero o meu dinheiro...
Como aqui não deixo herdeiro,
Nem fica ninguem por cá,
Adeus... adeus... porém lá,
Pagar-me podem, sem custo:
— Procurem Abel Augusto
No valle de Josaphat!

NOTA

[1] Esta poesia foi recitada no theatro de S. João, no Porto, pelo actor Abel Augusto da Costa, em seu beneficio, na noite de 13 de junho de 1857, em que, segundo a prophecia do celebre *conego de Liege,* devia escangalhar-se esta bola chamada mundo, e que, apesar do seu notavel desarranjo, continúa a funccionar até segunda ordem.

CARTA

Que queres tu que faça um livre peito,
Que não sabe fazer co'o tempo avença?
Assi estará cativo, assi sugeito,
Que té do entendimento seu se guarde,
Que não julgue quem vay torto ou direito?
Quem não diz, fogo, fogo, se a casa arde?

A. Ferreira — *Liv.* II, *Carta a F. de S. e Menezes.*

Amigo! Inda uma vez vou, atrevido,
Em chulo verso, tosco e mal medido,
Quatro coisas dizer-te, porque as sinto,
Se bem que, muitas vezes, tambem minto:

Toma folego, amigo, que a massada
Maior será, talvez, porque é rimada,
E, sujeito ao *zum-zum* da fôfa rima,
Qualquer homem, valente, desanima!
Rebuçada na capa da poesia,
Vê-se hoje passear, com galhardia,

A fria insipidez, velha e ronceira,
A seu lado levando a gorda asneira!
Estas duas matronas, tão amigas,
E, por nossos peccados, tão antigas,
Andam sempre, sem dó nem consciencia,
N'este mundo, a roubar-nos a paciencia:
— Já muitos o teem dito, e, infelizmente,
Do que dizem nos dão prova evidente,
Quando cuidam que os mais vão castigando,
E, com duro azorrague, em si vão dando!

D'esse mal, como os outros eu padeço,
Mas não tanto, porém, que me conheço!

Se vês que *tropeções* já tenho dado,
Não lamentes, por isso, o meu estado:
Parva tem sido muita gente boa,
Ha parvos, como aqui, lá por Lisboa,
Mil parvos no Parnaso teem reinado:
Ha quem se julgue alli bravo soldado,
E de vate quer ter lucida c'rôa;
Mas é loucura o ter, por isso, prôa,
Como é têl-a, tambem, por ser honrado:
Eu vejo n'este mundo desgraçado,
Sem ter valor algum, grande vaidosa,
Que a fama julga ser coisa famosa,

E não pensa, fiada na gazeta,
Que isto d'honra, e saber, é tudo peta,
Porque no templo altivo do progresso
Já não podem taes dotes dar ingresso!

O mundo é todo assim, — mas ninguem vence,
Na patetice, o gremio portuense!
Foi destino fatal! — Este meu Porto
Torto nasceu, coitado, e morre torto;
E, pelo fado seu já commovido,
Nem sei se melhor fôra eu ter nascido
Em Paranhos, Vallongo, ou Mathosinhos,
Ou, mais distante, em Figueiró dos Vinhos!

Perdôa, oh patria minha, ao triste filho,
Que anda, por causa tua, n'um sarilho,
E estaria, a taes horas, sem miolo,
Se não fosse fortuna, aqui, ser tolo!

Á chuva resistindo, e ao rijo vento,
Sempre teso, e audaz como um sargento,
Quem vir um *figurão,* empavezado,
Lança na mão em cima d'um telhado,
Onde existe, já desde o seu principio,
Firme, calcando aos pés o municipio;
Quem, para a *magestade* olhando, absorto,
Souber que o *figurão* se chama — o *Porto* —

Sem pensar quanto aqui ha de mysterio,
De certo julgará que o Porto é sério;
Mas o *symbolo* engana, infelizmente;
Diverso é tudo aqui, tudo o desmente!

Em cada hora que foge, tão ligeira,
Temos sempre a notar mais uma asneira;
E cahe n'este peccado o velho e o novo,
O *fidalgo,* o peão, filho do povo,
A dama do *bon ton,* aperaltada,
A formosa *grizette,* acatitada,
A criada, patusca e zombeteira,
A velha beata, a pudibunda freira,
O fôfo militar, agaloado,
O bom paizano, o lavrador honrado,
O padre, o jornalista, e povo immenso
Em quem poder não teem vergonha e senso:
(Não cito n'este numero o — *poeta* —
Que é synonymo, ha muito, de pateta!)

Entre episodios mil, todos risiveis,
Succedem, por aqui, coisas incriveis!
Andam sempre os jornaes em crua guerra,
Grandes reputações lançando a terra,
Uns aos outros chamando-se ignorantes,
Cataventos, guerrilhas e pedantes,

E inda outros nomes, mais, como estes bellos,
De que só usa a gente de chinelos!

O povo, porque os vê jogando as cristas,
E a fundo não conhece os jornalistas,
Sem que duvida, n'isto, a alguem consinta,
Não quer acreditar que um d'elles minta:
— Não vamos, pois, fazer commento novo,
Respeitemos, amigo, a voz do povo!...

A Justiça — oh! meu Deus! — está perdida!
Divagando, por ahi, d'aza cahida,
Ella, que um bom papel já fez outr'ora,
Vislumbres de pudor não tem agora!
Se um dia, em que lhe lembra o seu passado,
O collo tenta erguer, já derreado,
Recebe um pontapé d'um criminoso,
Uma injuria cruel d'outro, vaidoso,
Que por vêr os sorrisos da Fortuna,
Escarnece da pobre, que anda á tuna!
— Assim vai caminhando a desgraçada,
Por todos que são grandes desprezada,
E algum pequeno, só, ao mal afeito,
Humilde lhe tributa algum respeito!
Se alguem lhe não acode — infeliz d'ella! —
Nem abrigo terá n'uma viella!...

Em todos governando, a estulta moda
Faz esta gente andar em viva roda!
As damas, pela moda pataratas,
Mostram-se cada vez mais caricatas!
Mettidas nas fataes *saias-biombos,*
Fazem na rua andar o povo aos tombos,
Porque estreitas parecem largas ruas,
Quando n'ellas navegam taes *faluas!*

Ao passo que assim vão saias crescendo,
Vão tristes chapelinhos encolhendo,
E da dama a cabeça — por desgraça —
Finge, sobre um tonel, uma cabaça!
Isto razão tem dado aos maldizentes
A que dizendo vão, por entre-dentes,
Que é n'uma dama — bem que o não pareça —
O que hoje vale menos — a cabeça!
Não façamos, tambem, commento novo,
Respeitemos, amigo, a voz do povo!

Dos rapazes — isto é, dos bons *janotas* —
Dois não teem mais valor que um par de botas,
E inda menos terão, que, mais durando,
Mais nos vão a paciencia callejando,
E descalçar-se d'elles é custoso
A quem não tem um genio impetuoso: —
Impávidos heroes de *taco* e *bola,*

É seu estudo assiduo a *carambola;* —
Montam sobre o nariz falsa luneta,
Lêem *locaes* e annuncios de gazeta,
Escrevem, nas cartinhas de namoro,
Atraz d'uma sandice, um desaforo,
Dando, aqui, na moral grande sangria,
Um sopapo, acolá, na orthographia,
Tentando assim mostrar que o bom *janota*
Deve ser, mais que os outros, idiota!
— Levam sempre ao *Café,* na sacca cheia,
Muito que despejar, da vida alheia;
Que n'esses figurões, d'outras á mingua,
É grande qualidade o ter má lingua:
— Dão sebo no bigode e no cabello,
Porque é, tambem, do tom, ter muito *pêllo,*
Gastando o dia, assim, e a noite inteira,
N'este estado infeliz de pasmaceira!

Mas... silencio... não mais, ferrenha lyra,
Que o *Pegaso* não morde, mas atira;
Bravio couce dá, de perna alçada,
Quando sente que os vates dão patada,
E patada eu já dei, na extensa carta
Que te vou dirigir d'asneiras farta!
— Em vez de prosador, quiz ser poeta,
E assim, da insipidez tocando a meta,

Nem ao menos pensei que, d'esta sorte,
Bem cedo poderei achar a morte
Nas balas que expedi contra o progresso
Sem, ousado, temer o retrocesso!

Silencio... inda outra vez... ferrenha lyra,
Que o *Pagaso* não morde, mais atira!

A UM PRÉGADOR

Préga, padre, a teu contento,
Que a prégar ganhas dinheiro;
Mas prégas um dia inteiro,
E eu prégo: — «não tens talento» —
Prégando-o, sou rabujento,
Mas não prégo por acinte:
Prégo, porque dei no vinte;
— Sei que prégas sermão novo,
Que, antes de o prégar ao povo,
Te prégára um teu ouvinte!...

EPITAPHIO

Aqui jaz um mancebo apaixonado,
A quem fòra traidora ingrata dama.
— Quem d'elle amigo foi, será vingado,
Quando a vir *a dormir* na mesma cama.

EPITAPHIO

Jaz n'esta campa selecta
Pobre moço, a quem a sorte
Déra uma lyra indiscreta :
O triste cantou a morte,
E a morte quiz o poeta !

VIVA O PROGRESSO!

Quando nas noites de crueis insomnias,
Papoulas colho pela nossa historia
Nos feitos nunca feitos dos antigos,
Patetas taes lamento. — De que serve
O puro amor da patria não movido
Por luzente metal, mas alto, e gratis?
Que lucraram Cabraes, e os Albuquerques,
Em Diu os Castros, no Oriente os Gamas
Senão morrer de fome, e andar ás moscas?
Felizmente vai longe o tempo estulto
De idéas carunchosas d'honra e brio,
Que faziam girar estes e outros
Por solidões de nunca vistos mundos.
E houve quem louvasse estas carreiras,
Quem cantasse os heroes, e os descrevesse?
E ha, oh! caso raro! inda hoje em dia
Quem Andrades e Barros saboreie?

Eu por mim quando os leio o somno é certo.
De que livra saber que o sol nascendo
No berço viu as lusitanas quinas;
Ou que iroso Neptuno escoucinhando
No mar se divertiu co'os Pallinuros?
Sempre nossos avós eram bem asnos
Em achar graça a ninharias d'estas!
Que delirio fatal deu causa a tanto!
Que modo de julgar o mundo e homens
Tão outros do que são como hoje os vêmos
Á luz etherea do immortal progresso!
O tal Gama que fez (haja franqueza),
P'ra ser cantado por Camões, o torto,
N'um poema sem fim de insulsas trovas?
Fez elle por ventura á patria amada
Presente d'algum gaz de novo invento?
Roubou por lá dinheiro aos hottentotes?
Vendeu porção de terra aos estrangeiros
P'ra melhor se arranjar quando voltasse?
Mas nada!... qual historia!... o caso é outro,
Fez..., modernos barões, morrei de riso,
Fez conhecido o lusitano nome!!!
Em vez de tanta gloria, o barbas-d'alho
Dentuças d'elephante antes trouxesse,
Que servem p'ra marfim, pimenta, e cravo,
Como fazem por ahi nos nossos dias.
Estes sim, são heroes, pintos arranjam

Por finos estampados papelinhos,
Ou innocentes traficando em negros [1].
A honra, a probidade, a fama, a gloria,
E que taes palavrões, é fumo, é nada.
Quem troca por loureiros pão d'Avintes,
Ou tostados biscoutos? — E 'inda ha parvos
Prégando sabichões que ter virtudes
É melhor capital do que ter *louras!*
Viu-se sandice igual?! — O rumo é outro,
É pé-leve, mão-pilha e ser maroto,
Que esperto quer dizer, pois são synonymos,
Na do progresso singular linguagem.
Que tempo tão feliz — que seculo d'ouro!

Salvè, progresso tutelar e amigo,
Que o fel adoças, que os espinhos cortas
Do val que foi de pranto, e hoje é de rosas!

Nem tu, sexo gentil, ficaste isento
D'esta moda seguir. — (Pasmai, vindouros,
Do lume vivo das modernas luzes).
As Marilias crueis tem vindo ao rego
A honra desprezando, inutil freio

[1] Verso alheio.

Não posto ás más paixões, posto á fortuna.
Isto sim que é pensar, ah! que innocencia,
Que formosura ingenua e recatada
Ganhou por isso a vida! — Ávante, bellas!
Que o viver é gozar, e os fins são tudo.
Theatros, o vestido, o baile, e a festa,
Dinheiro custam, não se dão de graça.
Amor, essa paixão que aos proprios deuses
Faria tresloucar, e andar em braza,
Está posta a leilão, a lanço em praça.
Oh tempos! oh costumes semi-barbaros
Em que amar era andar atraz das moças
A chorar, a grunhir, e a fazer versos!
Ou ir de ponto em branco, mata-mouros,
Deixar-se esquartejar por dama ingrata!
As nossas vestaes hoje, em vendo as *c'rôas,*
Rendido o coração, dão corpo e alma.
Os tolos Quixotões desconheceram
Que a mulher é mulher; e o ouro é tudo.
Mas isto é pouco ainda, inda devemos
Mais ao progresso que eu adoro, e sigo.
Era d'antes mulher traste de luxo
Sem valer um ceitil, cinco reis cegos,
Hoje ha pai que põe preço á propria filha,
Marido que hypotheca a linda esposa,
E quem por um cavallo ou por dez libras

A ditoso rival a amada entregue!
Que moda tão feliz, se o preço abaixa!

Progresso, salvè, tutelar e amigo,
Que o fel adoças, que os espinhos cortas
Do val, que foi de pranto e hoje é de rosas!

ANTONIO FERREIRA GIRÃO.

A F. X. DE NOVAES

Tu que ás coisas dás o nome
Que ellas tem, como Boileau,
Dize se é louca mania
Debicar n'esta poesia
Onde tu campeias só?

Versejar é simples coisa,
Rimas tolas quem quer faz;
Mas prender ideia a ideia
Com fecunda e rica veia,
Como é, não me dirás?

Ser poeta é condão bello!
Se esse fôra o meu condão
Como Deus t'o deu, amigo,
Emparelhára comtigo
Para uma grande missão.

O « ridiculo » é um ramo
Onde ha mais que aproveitar ;
Se entre nós está no olvidio,
Vamos pedir um *subsidio,*
E o « ridiculo» *estudar*.

As vantagens d'este estudo
São d'alcance e peso tal,
Que é por elle que se ha de
Conhecer a sociedade
Do moderno Portugal.

Na historia d'outras eras
Quadros grandiosos ha,
Que esta geração espantam,
Quando Homeros os descantam
Ou Camões os gravam lá.

Mas a historia d'estes tempos
Está no infimo degrau ;
A Fama roja a trombeta,
Põe na face uma careta,
E toca n'um birimbau.

Os heroes contemporaneos
Quantos no fastigio vi,
Nasceram hontem na lama,
Hoje tem ouro que infama...
E acabou-se a historia aqui.

De « ridiculo » pungente,
Meu Faustino, e nada mais,
Ha de ser composta a lenda
D'estes viscondes de tenda,
D'estes sandeus immortaes.

Qual Herculano futuro
Fará que estes pantalões,
Na futura linguagem,
Recebam a homenagem
De portuguezes barões?

Hão de os netos d'estes nobres
Volver ao tamanco vil;
Terão na adela os arminhos,
E no balcão os cominhos,
O pau campeche e o saíl.

Raça hybrida, mestiça
De gallego e barrozão,
Mal começa a delgaçar-se,
Ha de, misera, tornar-se
Ao primitivo aleijão.

As netas d'estas barôas
Que formigam entre nós,
Irão ás terras da Maia
Procurar de sirgo a saia
Que trajaram as avós.

Estupenda coisa, amigo,
É encontrar n'um salão
Com tregeitos de fidalga
Esta que inda cheira á malga
Da nabiça e do feijão!

Aquella que agita o leque
Com garbo destro e subtil,
Apesar do estudo e uso,
Inda faz lembrar o fuso
E a dobadoura infantil.

Diz expressões namoradas
Com aldeão namorar;
Requebra a grossa cintura,
Faz d'alto a baixo a mesura
E sabe um olho piscar.

Estas são as grandes damas
Filhas de egregios heroes,
Que em Portugal mais figuram;
E nos salões não fulguram
Mais esplendidos soes.

As netas d'Egas e Fuas,
Dos Albuquerques e Mems,
Nada são ao pé d'aquellas;
São desmaiadas estrellas
Que não pesam seis vintens.

Vergontea de regia estirpe
Mais velha que o proprio Adão,
Vai por portas de tendeiro
Pedir mulher e dinheiro,
E chama primo ao barão.

E o barão que tem suspeitas
De existir um sangue azul,
Quer seu sangue, que é vermelho,
Ajuntar ao sangue velho
De aristocrata taful.

Perdeu-se, amigo, perdeu-se
Aquella raça gentil
De guapos portuguezes
Que envergaram os arnezes
Em batalhas mil e mil.

O dinheiro tolheu tudo,
Alma, coragem, valor,
Independencia, lisura,
Honra, vergonha, bravura,
Nobreza, fé, e primor.

O que ainda resta é bem pouco,
Mas esse pouco é em ti :
Cospes sarcasmos pungentes
N'estes rostos impudentes
Que são tudo agora aqui.

Tu que ás coisas dás o nôme
Que ellas tem, como Boileau,
Dize se é louca mania
Debicar n'esta poesia
Onde tu campeias só?

MANUEL CÔCO.

NOTA

Esta nova edição de um dos volumes de Faustino Xavier de Novaes requeria uma acurada biographia do tão celebrado quanto mallogrado poeta. Não pôde o snr. Camillo Castello Branco por motivos de doença escrevel-a. Quizera elle prestar essa homenagem á memoria do seu amigo, qual lh'a prestou no CANCIONEIRO ALEGRE, d'onde extractamos as seguintes paginas:

«Ainda no Porto, quando toda a gente lhe invejava a alegria, Faustino de Novaes tinha intermittencias de tristeza negra. N'estas crises, escreveu as suas poesias mais comicas; e, nas horas contentes, as mais sentimentaes, com Minerva esquiva.

Foi para o Brazil. Já viram como Casimiro de Abreu o saudou, á chegada. Os portuguezes idolatraram-no com gestos apaixonados, com extasis, e com bastante economia e fumo de incensos baratos. Quanto a dinheiro, ha de elle posthumamente contar ao leitor como era isso do dinheiro.

Aqui está uma carta datada no Rio em 23 d'outubro de 1866. Elle morreu em agosto de 1869.

«... A aceitação, que teve aqui o meu primeiro livro, não se explica nem me lisonjeia. Bastará dizer-te que ninguem aqui

se recorda de algumas producções que eu ainda hoje assignaria. As que me deram a *immortalidade* são justamente aquellas que eu tiraria do livro se tivesse a vangloria de entrar, posteridade dentro, com as divisas de cabo de esquadra ás ordens de Tolentino...

«Responderei agora ás tuas ultimas perguntas e reflexões sobre a possibilidade de nos não tornarmos a vêr. É isso o mais provavel e quasi certo. Eu não conto voltar a Portugal, e o desejo que tenho de abraçar-te não me compelle a trahir a amizade aconselhando-te que venhas cá. Não sonhes semelhante desatino. Verdade é que eu cá estou; mas entre nós ha differenças incontestaveis. Tu não pódes ser senão litterato: nasceste só para isso; eu nasci artista, fiz-me litterato por mania; a mania passou; e comquanto eu reconheça que não sou de todo burro, amoldo-me ás circumstancias e trabalho em tudo que se me offerece...

« *É obrigatorio que venhas rico?* perguntas-me tu. Desgraçada illusão é essa! Então, apesar de quanto d'aqui tenho dito, entendes que a riqueza no Brazil é só questão de tempo? Pois, meu amigo, não tenho um vintem de meu. Devo agora antecipar resposta a esta pergunta que me fazes: *Então que fazes no Brazil?* Respondo: aqui paga-se melhor do que lá tudo que não seja trabalho litterario. Tenho actualmente dois empregos; labuto muito; satisfaço a obrigação que me impuz de mandar mensalmente a meu pai 30$000 reis fortes, e o resto chega-me para viver, tendo casa e mesa gratuitas, não indo a divertimento de genero algum, vivendo na maior modestia...

«Agora dize-me: acharia eu ahi trabalho que me désse o necessario para continuar a protecção que hoje dou a meu pai? De certo não. Seria acerto ir mendigar um emprego?... E não é tudo. Os meus infortunios deram causa a rasgos de abnegação da parte de pessoas de quem me não poderia separar para sempre. A minha mais profunda affeição é uma senhora que no dia 19 d'este mez completou 80 annos. Achei n'ella mãi extremosa; e, n'este momento, correm-me as lagrimas porque a tenho perto de mim quasi moribunda. Vou soffrer mais uma dôr profundissima. Sei que respeitas estes sentimentos. Entrei em casa d'esta santa quasi louco. Soffreu-me e curou-me com re-

signação santissima, salvou-me com desvelos maternaes, vivo em sua casa ha quatro annos, e dizem-me os filhos que ella me estima talvez mais do que a elles embora se julguem, como são, adorados por ella... Não nos demoremos n'este doloroso assumpto.

«Prometti contar-te a minha vida, e pouco te disse ainda, quando caminho ao cabo da quarta pagina. Será assumpto de outra carta com igual extensão. O que ainda posso dizer-te é que do antigo Novaes que tu conheceste, estimaste, guiaste e ensinaste, só resta a robustez *cavallar*, e paixão pela musica. Toco flauta desesperadamente. Sáio para o trabalho ás 9 horas da manhã, recolho ás quatro da tarde, janto, e torno a sahir no dia seguinte. Fui ultimamente a um concerto de Arthur Napoleão que me convidou pela terceira vez, e porque esta familia me obrigou a ir. N'esse dia fazia oito mezes que eu tinha passado uma noite fóra até ás 10 horas. Só faço versos quando me pedem e não posso eximir-me. Linha espontanea não escrevo uma só.

«... Fallar-me-has ainda no *trabalho do espirito que eu desavisadamente materialisei de mais*, segundo dizes? O espirito fóra da garrafa que é? Coisa que se evapora e não deixa vestigios de ter sido. Tenho tido vida cruel. Tenho soffrido amargas decepções; e, se ainda gracejo, não é isso por habito. Aborreço o mundo e a vida. N'este estado, nem ha inspirações para coisas sérias, nem alegria para os brinquedos litterarios. A penna já me não é passatempo. Escrevo, ás vezes, musica; mas estou — peço que acredites — um pouco abaixo de Verdi...»

Faustino Xavier de Novaes nunca mais me escreveu. Pouco depois, morreu intellectualmente. Sem phrenesis nem grandes paroxismos da robusta razão que vasquejava passou a um sereno e risonho idiotismo. Depois acabaram de o enterrar as mãos piedosas do conde de S. Mamede, e fez-se um grande silencio sobre o nada d'este meu honrado e desditoso amigo.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

INDICE

Pag.

Carta de Camillo Castello Branco a Faustino Xavier de Novaes..... 5
Pretensões..... 17
Sonho..... 25
Epigramma..... 26
Boas festas..... 27
Porque será?..... 28
Epigramma..... 37
Nobreza..... 38
Diologo entre um janota e uma velha baroneza..... 39
Epigramma..... 47
Soneto..... 48
As carapuças..... 49
Satyra..... 52
Necrologio..... 58
Saudação..... 63
A um cantor..... 67
Morra o progresso!..... 69
No album de uma dama..... 74
Epigramma..... 77
Programma..... 78
Um novo Paturot..... 86
Os mausoléos..... 92

Pag.
A vespa..... 95
Soneto..... 100
Na primeira pagina do album do meu amigo Antonio Martins Leorne..... 101
Epigramma..... 109
Epistola..... 110
Epigramma..... 118
No album de E. A. Nunes Pinto..... 119
No album de Joaquim d'Araujo Jusarte..... 123
Epigramma..... 126
Soneto..... 127
Soneto a um velho calvo..... 128
Instrucções d'um barão novo a um criado velho..... 129
O vento léste..... 133
Hontem! hoje! ámanhã!..... 137
O progressista e o retrogrado..... 143
Epigramma..... 155
No album de D. Margarida Candida d'Araujo Martins.... 156
Soneto por occasião da ascensão dos dois aereonautas, Mr. Poitevin e um jumento, no Porto, no dia 23 d'agosto de 1857..... 158
A um doutor..... 159
Despedida..... 164
N'um album..... 169
A um dentista que percorria as ruas do Porto, a cavallo, tirando dentes..... 170
Virou-se o mundo!..... 175
N'uma doença..... 179
Epistola..... 185
N'um album muito pequeno..... 195
Lamentações de um empresario..... 196
A uma velha pretenciosa..... 203
A Foz..... 209
A um novo poeta..... 214
Desengano..... 215
N'um album..... 222
Proclamação!..... 225

Pag.

Soneto no album de uma senhora franceza, residente, ha annos, em Portugal..... 227
Epistola..... 228
Ao dinheiro..... 236
A Manoel Côco. Resposta á sua epistola publicada no n.º 3289 da *Aurora do Lima*, jornal que se publica em Vianna..... 237
Epistola..... 243
Bons dias!..... 249
Conselho..... 254
Epistola á viscondessa de Bellarte..... 255
Conselho, para ser escripto no album de uma joven bahiana..... 265
Necrologio..... 270
O fim do mundo..... 272
Carta..... 278
A um prégador..... 286
Epitaphio..... 287
Epitaphio..... 288
Viva o progresso!..... 289
A F. X. de Novaes..... 294
Nota..... 301

PQ
9261
X44A17
1881

Xavier de Novaes, Faustino
Novas poesias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 14 12 016 4